UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

SUSANA SOARES DOS SANTOS

CARREIRA, SUCESSO E FELICIDADE
ASPECTOS DISCURSIVOS DA REVISTA *VOCÊ S/A*

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA
2016

SUSANA SOARES DOS SANTOS

CARREIRA, SUCESSO E FELICIDADE
ASPECTOS DISCURSIVOS DA REVISTA *VOCÊ S/A*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Sentido e Discurso

Orientadora: Profa. Dra. Edvania Gomes da Silva

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2016

Santos, Susana Soares dos.

S233c Carreira, sucesso e felicidade aspectos discursivos da Revista Você S/A. / Susana Soares dos Santos; orientadora: Edvania Gomes da Silva. – Vitória da Conquista, 2016.
96f.: il. ; algumas col.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-graduação em Linguística, Vitória da Conquista, 2016.
Referências: f. 95-96.

1. Você S/A – Sujeito profissional. 2. Análise de discurso. 3. Efeito de sentido. 4. Biopolítica. I. Silva, Edvania Gomes da. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. T.

CDD: 401.41

Catalogação na fonte: Juliana Teixeira de Assunção CRB 5/54-P
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: Career, SuccessandHappiness – Discursive Aspects of the magazine VOCÊ S/A

Palavras-chaves em inglês: Discourse Analysis. Subject-professional. Meaning Effects. VOCÊ S/A. Biopolitics.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística.

Banca Examinadora: Profa. Dra. Edvania Gomes da Silva (UESB); Profa. Dra. Maria da Conceição Fonseca-Silva (UESB); Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas (UFSCar)

Data da Defesa: 24 de fevereiro de 2016

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística

SUSANA SOARES DOS SANTOS

CARREIRA, SUCESSO E FELICIDADE
ASPECTOS DISCURSIVOS DA REVISTA *VOCÊ S/A*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 24 de fevereiro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Edvania Gomes da Silva (UESB)
(Orientadora)

Profa. Dra. Maria da Conceição Fonseca Silva (UESB)

Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas (UFSCar)

Dedico aos meus pais pela educação que me deram
e por se sacrificarem para me proporcionar acesso aos estudos.

AGRADECIMENTOS

E aprendi que se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas

E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá
E é tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho por mais que pense estar

É tão bonito quando a gente pisa firme
Nessas linhas que estão nas palmas de nossas mãos
É tão bonito quando a gente vai à vida
Nos caminhos onde bate, bem mais forte o coração
(Gonzaguinha, Caminhos do coração)

Quero agradecera DEUS, Senhor da vida, por ter me dado todas as condições de pode realizar este trabalho tão importante para mim.Agradeço a Ele por colocar tanta gente boa e especial em meu caminho, são pessoas com as quais aprendi muito e que tornaram a minha caminha mais prazerosa. Por isso, muito obrigada a toda essa *gente*:

À UESB, por oferecer à comunidade um Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu*de excelente qualidade.

À ProfªDraªEdvania Gomes da Silva,por ter acreditado na minha pesquisa, pelo constante incentivo, principalmente nos momentos de dificuldades,a não desistir nos primeiros obstáculose pela competente, atenciosa e dedicada orientação.

À ProfªDrª Conceição Fonseca-Silva, quem me apresentou a disciplina Análise de Discurso, por ter me exposto a conhecimentos que contribuíram para ampliar minha visão como estudante e como leitora e também pelas contribuições valiosas apresentadas na Banca de Qualificação e por aceitar participar da Banca Examinadora de Defesa desta Dissertação.

À ProfªDrª Márcia Helena Pereira de Melo, por ter aceitado participar da minha Banca de Qualificação e pelas contribuições valiosas para a continuidade da minha pesquisa.

Ao Professor Dr. Roberto LeiserBaronas, por aceitar o convite para participa da Banca Examinadora de Defesa de minha Dissertação, pela leitura atenta e pelas valiosas contribuições.

À coordenadora do Programa de Pós-graduação em Linguística, Profª. Drª. Nirvana Ferraz Santos Sampaio e tambémaos demais Professores do Programa de Pós-Graduação em

Linguística que contribuíram para minha formação acadêmica.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Linguística, por serem prestativos.

As secretárias do Programa de Pós-Graduação em Memória por serem sempre alegres e também prestativas.

Aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Linguística, pelo apoio durante o período de aulas.

À Diretora Nayara Vasconcelos e ao vice-diretor Adilson Amorim, da escola onde trabalho - CIENB, por compreenderem a minha ausência em sala de aula por alguns dias.

À amiga, Joceli Lima, pela ajuda nessa fase final da dissertação, e por ter corrigido meu *abstract*.

À minha prima Analícia Rocha, pelo incentivo para que eu voltasse à vida acadêmica, por acreditar que vale a pena estudar, pois estudar proporciona crescimento para à vida e pela atenção e amizade, mesmo longe, estava sempre presente.

À minha amiga,Célia Maria, por ter acreditado na minha ideia para o projeto de pesquisa e me incentivado a fazer o mestrado, pelo constante apoio nos momentos de tristeza e de alegria, pelas horas de conversas regadas a café e boas risadas, pelas palavras de ânimo, enfim, pela amizade e pelo amor dedicado a minha pessoa.

À minha amiga, Marta Cardoso pelo estímulo e torcida, por sempre me encorajar a continuar estudando e por compreender a minha ausência nos dias em que não pude visitá-la.

A Saulo Martins, pela colaboração ao meu projeto de pesquisa.

Ao amigo,Ismahêlson Andrade, pelas proveitosas conversas sobre a vida e o universo acadêmico, pelo incentivo e sugestões e também pelo apoio nessa fase final da dissertação.

AHenrique Vilas Boas, pela agradávelcompanhia, pela presença constante,principalmente, nos momentos em que tanto precisei, pela confiança,pelas palavras de incentivo, pelo apoio e por ter tornado esse período de escrita leve e singular e por querer me ver feliz.

À minha mãe e ao meu pai, pessoas tão especiais, por todo o amor incondicional dedicado a mim,pelo estímulo constante, pela confiança depositada em mim e por sempre apoiar os meus projetos de vida.

Aos meus irmãos, Ronan, Maísa, Samara e Sam,pela colaboração, cada uma em sua respectiva área, para que essa pesquisafosse concluída.

A Alan e ao meu cunhado Hélio, por me socorrem quando o meu notbook deu pane.

Às minhascunhadas, Lana e Elisângela, pelo estímulo e pela torcida.

Aos meus sobrinhos lindos e amorosos, Gustavo, Sofia, Henrique, Artur e Clara, por trazerem carinho e sorrisos nas horas de cansaço.

A todas as outras *gentes* que não foram citadas, mas que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

Neste trabalho, analisamos os discursos sobre empreendedorismo, sucesso e felicidade que estão materializados na revista VOCÊ S/A, a partir das noções de *discurso* e de *memória discursiva*, conforme propostas por Michel Pêcheux (1975, 1983a, 1983b, 2012). Verificamos, ainda, como esses discursos ou efeitos de sentido se relacionam com as noções de trabalho, de qualificação, de empreendedorismo, de sucesso, de espiritualidade e de felicidade. Para tanto, além de Pêcheux, recorremos aos trabalhos de Maingueneau (2004, 2010a, 2010b, 2014), Orlandi (1999) e também de outros autores importantes para a contextualização histórica dos temas abordados.Para nortear as análises, formulamos as seguintes hipóteses:i) a revista VOCÊ S/A materializa discursos que vinculam vida pessoal e vida profissional;ii) há, na revista VOCÊ S/A, a materialização de discursos acerca do sucesso e da felicidade do sujeito-empresário e do sujeito-profissional. Tais hipóteses permitiram-nos elaborar os seguintes objetivos: i) verificar de que forma a memória discursiva atualiza/reatualiza discursos que vinculam vida pessoal e vida profissional e como essa (re)atualização determina a forma de "ser" do sujeito-profissional; ii) Analisar quais discursos acerca do sucesso e da felicidade encontram-se materializados na revista VOCÊ S/A e verificar, também, de que forma o biopoder produz efeitos nos discursos materializados na/pela referida revista. Os resultados da pesquisa mostram que os enunciados retomam uma memória discursiva acerca da vida pessoal e profissional do sujeito e da exigência de busca por qualificação no mercado de trabalho. Deste modo, encontramos, nos enunciados, efeitos de sentido que indicam ao coenunciador modos de se comportar para ter uma vida satisfatória, e uma forma de ser e de agir para se tornar um profissional produtivo e, consequentemente, realizado e bem-sucedido.Nessa perspectiva, constamos ainda que o enunciador da revista apresenta-se como um sábio, conselheiro, o qual enuncia do lugar de quem detém certo saber acerca do empreendedorismo, da liderança, das formas de gerir as finanças e de como manter o equilibrado mental e emocional. A pesquisa também mostrou, através da noção de biopolítica, que o sujeito-profissional da VOCÊ S/A se assujeita as leis econômicas do mercado, acreditando que desta forma alcançará o sucesso e a felicidade.

PALAVRAS-CHAVE

Análise de Discurso. Sujeito-profissional. Efeito de sentido. Você S/A. Biopolítica.

ABSTRACT

In this paper, we analyze the discourses concerning entrepreneurship, success and happiness that are embodied in VOCÊ S/A magazine, based on the notions of *discourse*and *discursive memory*, as proposed by Pêcheux (1975, 1983a, 1983b, 2012). We also observed how these discourses or meaning effects relate themselves to the notions of working, qualification, entrepreneurship, success, spirituality and happiness. Therefore, besides Pêcheux, we used the works by Maingueneau (2004, 2010a, 2010b, 2014), Orlandi (1999) as well as other important authors in order to build up the historical contextualization of the approached themes. To guide the analyses, we formulated the following hypotheses: i) VOCÊ S/A magazine materializes discourses that link personal and professional life; ii) there is in VOCÊ S/A the materializationof discourses about the entrepreneur-individual's success and happiness and the professional-individual. These hypotheses allowed us to develop the following objectives: i) to verify how discursive memory updates/renews discourses linking personal and professional life and how this (re)update determines the way of "being" of the professional-individual; ii) to analyze which discourses about success and happiness are materialized in VOCÊ S/A magazine and, also,to check how biopower effectsthe materialized discourses in/by the aforementioned magazine. The research results show that the utterances take up a discursive memory about the personal and professional life of the individual and the requirement of a search for qualification demand in the labor market. Thus, we find in the utterances meaning effects that indicate ways of behaving to the co-enunciator in order to have a satisfactory life, and a way of being and acting to become a productive professional and consequently an accomplished and successful one. In this perspective, we also noticed that the magazine enunciator presents himself/herself as a wise, a counselor, whoenunciates from the place of those who have certain knowledge about entrepreneurship, leadership, the ways of managing the finances and of how to maintain a mental and emotionalbalance. The research also showed, by means of the notion of biopolitics, that the professional-individual in VOCÊ S/A is subjected to the economic laws of the market, believing that this way he/she will achieve success and happiness.

KEYWORDS

Discourse Analysis. Professional-individual. Meaning effect. VOCÊ S/A. Biopolitics.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **11**

1 ELABORAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA E CONSTITUIÇÃO DOCORPUS **11**

1.1 Procedimentos Metodológicos e Distribuição dos Capítulos **14**

1.2 Considerações sobre a Revista *VOCÊ S/A* **15**

1.3 Alguns Pressupostos Teóricos **17**

1.3.1 Análise de Discurso ***17***

1.3.1 Linguística Textual ***18***

2 TRABALHO E VIDA PESSOAL: RELAÇÕES E DESLOCAMENTOS **20**

2.1 Sobre a relação entre público e privado **21**

2.2 Trabalho e qualificação **31**

2.3 Memória e atualidade em VOCÊ S/A **45**

2.3.1 Sujeito-profissional: vida privada e vida pública ***47***

2.3.2 Qualificação do sujeito-profissional ***51***

3 DISCURSO, SUCESSO PROFISSIONAL E BIOPOLÍTICA **58**

3.1 Biopolítica em Foucault **59**

3.2 Efeitos de um "controle da população" **66**

3.3 Análises: VOCÊ S/A e a biopolítica **70**

3.3.1 O sucesso e sua relação com a imagem ***70***

3.3.2 O sucesso e sua relação com a saúde do corpo e da mente ***77***

3.3.3 Biopolítica: o sucesso e sua relação com a espiritualidade ***83***

4 CONCLUSÃO **92**

REFERÊNCIAS **95**

INTRODUÇÃO

1 ELABORAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA E CONSTITUIÇÃO DOCORPUS

Fazer pesquisa não é tarefa fácil, por isso a escolha do tema ou assuntoprecisa estar alinhada as inclinações do pesquisador. Acreditamos que o tema deve ser sempre algo que desperte o interesse e a curiosidade do pesquisador, pois este precisa sentir-se desafiado a buscar soluções e respostas para suas inquietações.Nessa pesquisa, nosso desafio é identificar e analisar quais discursos encontram-se materializados na revista VOCÊ S/A e como esses discursos se relacionam as noções de trabalho, qualificação, empreendedorismo, sucesso, espiritualidade e felicidade.

O *corpus* deste trabalho começou a ser delineado depois de muitas leituras de textos da revista VOCÊ S/A. Mas antes de apresentar[1] os textos que fazem parte desta pesquisa, convém relatar um pouco do percurso que fiz até chegar ao *corpus* definitivo.

A revista VOCÊ S/A começou a fazer parte do meu cotidiano quando comecei a usá-la como fonte de informação e orientação para minha atividade empresarial, a qual desenvolvi por cinco anos.Isso ocorreu a partir do ano de 2008, quando me interessei em saber mais a respeito do universo empresarial, saber o que faz um empresário para ter sucesso em seu negócio. Para tanto, além da revista VOCÊ S/A, também li livros e outras revistas sobre o tema, além de participar de cursos, palestras e oficinas.A leituradesses textos me permitiu ter uma ideia do funcionamento do ambiente empresarial e corporativo. E, além disso, me despertou um outro tipo de interesse, um interesse ligado ao funcionamento discursivo da revista, o que, à época, eu nem conseguia discernir muito bem.

Durante a leitura das matérias da revista, algumas palavras e expressão me chamavam a atenção pela maneira como eram empregadas, seja pela metáfora,pela analogia a algo, pelas palavras de incentivo, pela fala corajosa e motivacional de um entrevistado ou de um depoente, ou seja, a forma como a línguafuncionava me despertoupara o que estavaposto nos textos.Depois que fechei a loja, motivada a continuar os estudos acadêmicos,que aquelas inquietações em relação à revista VOCÊ S/A retornaram. Por tudo isso, decidi participar de uma seleção para o Mestrado em Linguística, uma vez que tinha me formado em Letras.As inquietações em relação ao funcionamento da revista levaram-me a ler alguns textos da área de Análise de Discurso, pois acreditava (e ainda acredito) que a referida disciplina permite-me

[1] Os textos que compõem *o corpus* desse trabalho serão apresentados em cada capítulo juntamente com as respectivas análises.

ampliar minha visão como leitor e, portanto, poderia responder muitas das minhas inquietações. A partir daí, elaborei um projeto de pesquisa que buscava verificar o funcionamento do discurso do empreendedorismoque circulam na sociedade, pois me chamava à atenção certas formulações com que me deparava, tais como: “Seja um empreendedor”; “Como ficar rico empreendendo”; “O empreendedor é alguém que sonha e busca transformar o sonho em realidade”; “O empreendedor é um trabalhador incansável”; “O sucesso é proporcional à dedicação”; “Alcance sucesso empreendendo”; “Largar o emprego ou empreender” e tantas outras.De forma ainda intuitiva, essas formulações foram conduzindo meu olhar para um lugar discursivo em que o empreendedorismo está diretamente relacionado com a realização de sonhos, com a prosperidade, o sucesso, o bem-estar e a felicidade. Ser vitorioso e bem-sucedido, nos moldes desse empreendedorismo, é apresentado como o que todo indivíduo empreendedor deve buscar para alcançar a felicidade.

Durante as leituras dos textos da revista VOCÊ S/A percebia, mesmo que de forma ainda superficial, que havia ali uma indução e uma imposição a uma forma de ser para alcançar o sucesso nos negócios e, consequentemente, a felicidade pessoal e profissional do sujeito.

Verifiquei, ainda, que existe, na materialidade linguística e não linguística da revista, um padrão de empresário e de profissional que “precisa ser” alcançado por quem almeja obter sucesso e felicidade na vida empresarial/profissional. Ainda segundo a referida revista, numa sociedade competitiva como a nossa, é necessário desenvolver características e competências que ajudam o empreendedor a alavancar os negócios e a ter uma vida mais satisfatória e próspera. Foi, portanto, a partir dessa percepção inicial quedecidi investigar quais discursos estão materializados na VOCÊ S/A e como tais discursos se relacionam com a forma de “ser” do sujeito-empresário e do sujeito-profissional e, também, com o sucesso e a felicidade.

Mas foi somente quando comecei a me debruçar sobre a bibliografia para fazer o projeto de pesquisa que decidi usar apenas a revista VOCÊ S/A como fonte de análise, pois precisava delimitar os dados para não inviabilizar a pesquisa, afinal, como afirma Possenti, “o dado é um limite para o delírio” (POSSENTI, 2009, p.29), por isso, a seleção dos dados precisa ser feita de forma bastante equilibrada. Assim, a escolha da revista para essa dissertaçãose justifica, em princípio,pela temáticado empreendedorismo presente na referida revista.

Contudo, após a seleção inicial do tipo de dado: uma revista voltada ao público empresarial e empreendedor, outro momento é chegado:oafunilamento dos dados para a

continuidade da pesquisa. Para tanto, agora já com a participação da minha orientadora, estabelecemos um recorte temporal, em que consideramos as edições dos anos 2011, 2012, 2013, 2014 e 2015, perfazendo um total de 60 (sessenta) exemplares da revista. A escolha dos exemplares se deu em virtude de eu já possuir esses periódicos, o que facilitaria a coleta do material.Em seguida, fui relendo as matérias da revista- reportagens, entrevistas, cartas de leitores/freedback, editorial, artigos, propagandas/publicidades, enfim, todos os textos, de diversos gêneros - e destacandoas marcas de sujeito, elementos linguísticos(palavras, trechos e expressões) que se relacionavam ao "ser empreendedor", ao padrão de empresário e de profissional necessário parase alcançar o padrão VOCÊ S/A.Esse tratamento dos dados caracteriza o que Orlandi (1999) chama de de-superficialização.Foram muitos dados coletados nessas leituras, muito "material de linguagem bruto coletado" (Orlandi, 1999, p. 65). Mais uma vez, nos demos conta de que não era possível usar todosos dados catalogados e eis que surge a necessidade de outro afunilamento: selecionar os excertos para realizar a análise discursiva.Os critérios utilizados para selecionar os excertos foram os seguintes:i) textos das reportagens de capa;e ii) textos/excertosque apresentassem marcas de que instruíamo coenucniador a ter determinado comportamento.

Após todo esse processo, chegamos à constituição do *corpus* dessa pesquisa. Salientamos que a "descoberta" do *corpus*em uma pesquisa científica não acontece aleatoriamente, pois, para que ela ocorraé necessário um dispositivo teórico-metodológico. Em se tratando da Análise de Discurso, e nesse particular o que nos interessa é a materialidade linguística, partiremos do texto para se chegar ao discurso, considerando, assim, que a língua é a condição de possibilidade do discurso.Podemos dizer então que a língua preexiste ao analista, pois, como afirma Possenti (2009),seria um contrassenso admitir que os dados de língua não preexistam ao analista ou ao discurso (teórico) do analista, "principalmente se se acredita que uma das razões para não derivar do sujeito os efeitos de sentido é exatamente o fato de que a língua lhe preexiste (que a língua é algo dado...para o falante)" (POSSENTI, 2009, p.29).

Com base, portanto, na observação do *corpus*, elaboramos a seguinte a questão-problema: Quais discursos acerca do sujeito-empresário e do sujeito-profissional encontram-se materializados na revista VOCÊ S/A? A partir desta pergunta, levantamos as seguintes hipóteses:

1. A revista VOCÊ S/A materializa discursos que vinculam vida pessoal e vida

profissional. Esta vinculação permite-nos verificar que há o funcionamento de uma memória discursiva que atualiza/reatualiza discursos segundo os quais vida pessoal e vida profissional se articulam.

2. Há, na revista VOCÊ S/A, a materialização de discursos acerca do sucesso e da felicidade do sujeito-empresário e do sujeito-profissional. Esses discursos mostram certas relações de saber-poder que controlam e regulam a vida desses sujeitos.

Essas hipóteses permitiram-nos elaborar os seguintes objetivos específicos, sendo que cada um desses objetivos corresponde a um dos capítulos da dissertação:

1. Verificar de que forma a memória discursiva atualiza/reatualiza discursos que vinculam vida pessoal e vida profissional e como essa vinculação determina a forma de "ser" do sujeito-profissional.
2. Analisar quais discursos acerca do sucesso e da felicidade encontram-se materializados na revista VOCÊ S/A e verificar, também, de que forma o biopoderproduz efeitos nos discursos materializados na/pela referida revista.

1.1 Procedimentos Metodológicos e Distribuição dos Capítulos

Neste trabalho, o referencial teórico metodológico está centrado no dispositivo analítico da Análise do Discurso Francesa (doravante AD).O referido dispositivo visa mostrar de que forma diferentes efeitos de sentido encontram-se materializado nos textos da revista, tendo, portanto, o texto como ponto de partida.Salientamos, ainda, que, de acordo com o referencial teórico que adotamos nesta dissertação, o(s) discurso(s) encontra(m)-se materializado(s) nos textos da revista, independentemente do gênero discursivo ao qual pertencem os textos selecionados.

A dissertação está dividida em dois capítulos. Em cada capítulo, procuramos responder à questão/problema, considerando os objetivos traçados, as discussões teóricas e as análises.

No primeiro capítulo, cujo objetivo é analisar quais discursos acerca da relação entre vida pessoal e vida profissional encontram-se materializados na revista VOCÊ S/A, mostramos a relação entre memória e acontecimento, pois, como dito acima, defendemos que a referida revista atualiza/reatualiza discursos acerca da vida pessoal e profissional do sujeito profissional e do sujeito empresário na contemporaneidade. Nas análises, consideramos as discussões empreendidas por Arendt (1958), que trata da relação entre público e privado,

partindo da discussão acerca do trabalho, da obra e da ação. E também nos baseamos emAlban (1999), Alves (2005), Pinto (2013)e Smith (1776),que tratam da divisão do trabalho e da sua relação com o controle do trabalho, assim como da relação entre trabalho e qualificação na sociedade capitalista, mostrando que a qualificação é uma exigência para que o sujeito-profissional seja mais produtivo. Nas análises, recorremos, ainda, aos estudos de Pêcheux (1975, 1983a, 1983b, 2012) acerca da relação entre discurso e memória discursiva e aos estudos de Orlandi (1999).

No segundo capítulo, apresentamos uma discussão acerca do fenômeno da biopolítica e mostramos como esse fenômeno se relaciona com os discursos materializados na VOCÊ S/A acerca do sucesso e da felicidade do sujeito-profissional. Para tanto, partimos da noção de biopolítica, formulada por Foucault (1976), o qual apresenta o fenômeno da biopolítica relacionando-o a diferentes formas de intervenção ligadas ao controle da população. Ainda segundo Foucault (1976), essa noção da biopolítica é de fundamental importância para a compreensão do funcionamento das tecnologias de poder. Esse capítulo foi dividido em oito tópicos, nos quais apresentamos: i) o nascimento da biopolítica e mostramos como essa se consolidou na nossa sociedade contemporânea, agindo como forma de controle e de regulação do/no corpo social; ii) os efeitos de um controle da biopolítica, isto é, as consequências que essa tecnologia de poder trouxe para a sociedade e como tal tecnologia se manifesta em relação ao sujeito-profissional que almeja o sucesso; e, por fim, iii) a análise de excertos da VOCÊ S/A, mostrando como a revista materializa discursos segundo os quais o sujeito-profissional deve se submeter às exigências da vida corporativa para alcançar o sucesso e, consequentemente, a felicidade. Desse modo, procuramos relacionar a vida do sujeito-profissional ao fenômeno da biopolítica.

1.2 Considerações sobre a Revista *VOCÊ S/A*

As revistas, de uma forma geral, estão presentes na vida do cidadão brasileiro há quase dois séculos. Trata-se de um suporte midiático de ampla circulação e que se destina a variados públicos, pois cada tipo de periódico almeja um leitor específico. No Brasil, cada revista busca atingir um público específico.A revista que escolhemos analisar é voltada para um público que busca empreender nos negócios e na carreira profissional.

A revista VOCÊ S/A é uma publicação mensal da editora Abril S.A. Foi lançada em 1998 e está em circulação no mercado há 17 anos. Ela apresenta uma grande variedade de

seções voltadas para carreira profissional, para o empreendedor e para finanças pessoais; em suas páginas também encontramos propagandas de serviços e produtos voltados ao público que deseja alcançar sucesso na carreira profissional. O enunciador VOCÊ S/A busca ser "a principal referência em carreira e finanças pessoais do Brasil, com reportagens sob medida para profissionais que querem prosperar no mundo dos negócios e para quem quer trabalhar e viver melhor". Encontramos essa definição tanto no site da revistaquanto na página desta no *facebook* e também na seção *Editorial - Para Você,* edição 180, de maio de 2013.

Trata-se, portanto, de uma revista que tem o compromisso de ser útil ao desenvolvimento profissional do leitor, informando-o e inspirando-o por meio de suas páginas. Desse modo, a revista oferece ao leitor regras e formas de conduta e de comportamento para quem quer ser bem sucedido no trabalho/empresa e nos negócios eorienta o leitor a desenvolver um comportamento que esteja de acordo com o ideal de sucesso que deseja alcançar.Para isso, destaca características e atitudes necessárias que o aspirante a empresário/empreendedor deve desenvolver. Ainda sugere reflexões acerca da carreira profissional e propõe sugestões para que o leitor se anime a buscar um jeito diferente de trabalhar. A revista dá instruções de como se tornar um profissional melhor sem parar de trabalhar e, segundo o que propõe, ela pode ajudar o leitor a atingir o seu melhor e a produzir os resultados desejados. Para isso aposta na divulgação de lições dos grandes empresários, em histórias de superação e sucesso, além de indicar quais as melhores empresas para se trabalhar e o que se deve fazer para crescer na carreira profissional e para empreender. Também dá dicas e conselhos de como superar as dificuldades para se tornar um vencedor e um profissional de sucesso.

Por se mostrar uma revista também de cunho motivacional, pois nela o leitor encontra suporte para driblar as dificuldades e para se aprimorar econômica, espiritual e emocionalmente, a revista procura ensinar e orientar seus leitores a seguir um caminho para alcançar sucesso, *status*, prosperidade e felicidade. Por esse motivo, acreditamos haver um ponto de contato entre o que divulga essa revista e o que é pregado pela Teologia da Prosperidade. Entretanto, vale salientar, que a revista não afirma estar filiada a nenhuma denominação religiosa.

A VOCÊ S/A apresenta uma variedade de seções sobre carreira profissional, empreendedorismo, economia, etc., funcionando como um meio de difusão social das práticas empreendedora, empresarial, executiva/profissional. Ela apresenta uma diversidade de gêneros textuais e de tipos textuais e ainda dedica algumas páginas a anúncios publicitários

relacionados à educação executiva, a investimentos financeiros, a viagens, à moda, a entretenimentos, à indicação de best-sellers de carreira, etc.

Em síntese, a VOCÊ S/A, como o próprio título sugere, tem dois focos principais: i) o seu coenunciador, que é alguém que se subjetiva no lugar de empreendedor, empresário, executivo ou ainda funcionário de uma grande empresa, o que no título equivale ao VOCÊ; e ii) a empresa, seu funcionamento, suas possibilidades de obter lucro e de crescer, etc, o que no título equivale à sigla S/A, que, por um efeito da memória sobre a atualidade, remete à expressão "Sociedade Anônima", presente, também por meio da sigla S/A, no título de muitas grandes, médias e pequenas empresas brasileiras. Essa sigla, quando surge no título da revista, produz um efeito de sentido de que a revista em si se constitui como uma empresa, cujo principal foco é ocoenunciador, ou seja, VOCÊ.

1.3 Alguns Pressupostos Teóricos

1.3.1 Análise de Discurso

Em virtude do seu caráter polissêmico, a palavra discurso apresenta sentidos diversos, por isso cabe aqui uma breve explanação acerca do sentido da palavra na disciplina Análise de Discurso (doravante AD). A AD não trata especificamente da língua, enquanto sistema abstrato, nem da gramática, mas esses dois elementos lhe interessam; também não tratade transmissão de informação. Segundo Orlandi (1999, p. 15), a palavra discurso, etimologicamente, trás em si a ideia de curso, de percurso, de movimento, daí que a palavra discurso denota palavra em movimento, linguagem em funcionamento, maneiras de significar, observa-se o homem falando[2]. Assim sendo, a AD,ao trabalha com a linguagem em funcionamento,põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história (ORLANDI, 1999).

AAD é, pois, uma disciplina que se interessa pela relação entre língua e história, pois, dessa relação surge o discurso, que, segundo Pêcheux (1969), não é nem individual como a fala, nem social, como a língua, mas que é da ordem do particular, ou seja, o discurso recorta particularidades que estão relacionadas aos lugares assumidos pelos sujeitos na estrutura social. Nesse sentido, Pêcheux (1969) defende ainda que o discurso é efeito de sentido. E por trabalhar com maneiras de significar (processos de significação), a língua é, para a AD, opaca,

[2] Não se deve confundir aqui a noção de fala que se encontra na dicotomia *língua* e *fala* postulada por Saussure (conferir Saussure, 2010, p.21-23).

o que significa que o sentido de uma palavra ou expressão não está na língua ou no texto em si, pois estes são apenas os lugares de materialização dos discursos. O sentido é sempre um efeito, que se dá na relação entre materialidade histórica e materialidade linguística (ou imagética, pictórica, enfim, qualquer outra materialidade verbal e/ou não verbal). É por isso que a AD não trabalha na perspectiva de análise de conteúdo, buscando identificar "o que o autor do texto quis dizer", mas a questão que ela propõe é: "como este texto significa?". A AD visa, portanto, a compreensão de como um objeto simbólico produz sentido (ORLANDI, 1999).

Diante disso, podemos dizer que é a partir do texto que se chega ao discurso. Para isso, consideramos as marcas linguísticas e textuais como pistas e vestígios que possibilitam identificar os efeitos de sentido materializados nos textos que compõem o *corpus* desta dissertação. Daí tomarmos a revista VOCÊ S/A como lugar em que diferentes discursos encontram-se materializados.

Nessa perspectiva, verificamos que a revista VOCÊ S/A, ao fazer uso da língua/linguagem verbal e não verbal, não transmite apenas conteúdos e informações, mas configura/reconfigura discursos que circulam na sociedade contemporânea. Isso porque, o funcionamento da linguagem, do ponto de vista da AD, põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história.Por isso, segundo Orlandi (1999), temos um complexo processo de constituição de sujeitos e de produção de sentidos. O que é veiculado na referida revista não está relacionado à simples transmissão de informações, mas diz respeito aos "processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc" (ORLANDI, 1999, p. 21).

Vale destacar que a AD articula conhecimentos de campos distintos, ligados à Linguística, ao Marxismo e à Psicanálise. A relação entre esses diferentes lugares teóricos ocorre na medida em que, para AD, língua, ideologia e inconsciente se entrelaçam e produzem o surgimento de diferentes efeitos de sentido.

1.3.1 Linguística Textual

Neste trabalho, não nos ateremos, de forma detalhada, às questões da Linguística Textual. Todavia,nas análises, recorremos a alguns conceitos dessa disciplina, pois partimos do princípio que para se chegar ao discurso é necessário considerar as marcas linguísticas e textuais como indícios que conduzem à identificação de discursos materializados nos textos.

Salientamos que, para analisar termos como *trabalho*, *trabalhador*, *mercado de trabalho*, *qualificação*, *empreendedorismo*, *sucesso*, etc. numa perspectiva discursiva, partimos de uma análise textual das referidas expressões. Dessa forma, alguns conceitos da Linguística Textual, tais como "expressão referencial definida e indefinida", "embreantes ou dêiticos", "hiperônimos e hipônimos", são usados nesta dissertação. Trata-se, segundo Maingueneau (2005),de marcas linguísticas por meio das quais o enunciado se materializa na/pela enunciação. Contudo, aqui, tais conceitos aparecem reconfigurados e associados às análises discursivas.O conceito de embrantes, por exemplo, está relacionado ao de embreagem. De acordo com Maingueneau, chama-se de embreagem ao conjunto das operações pelas quais um enunciado se ancora na sua situação de enunciação. Nessa perspectiva, os embreantes (elementos dêiticos) são elementos que no enunciado marcam essa embreagem (MAINGUENEAU 2005, p. 108).

Paraanalisar as nomeações, também seguimos o que propõe Maingueneau (2005), quando trata dos diferentes tipos de designação e mostra que nomes próprios; substantivos com determinante indefinido (que a Linguística de Texto chama de expressão referencial indefinida) ou com determinante demonstrativo [que a Linguística de Texto chama de nomeação (CONTE, 2003) ou de encapsulamento anafórico (FRANCIS, 2003)]; e pronomes (eu, nós, etc.); funcionam, muitas vezes, como indícios que apontam para certo funcionamento discursivo. Isso porque, ainda segundo Maingueneau (2005), utilizar, por exemplo, uma descrição definida, como "o empreendedor", "significa obrigar o coenunciador a escolher um indivíduo (no sentido de 'ser singular', não necessariamente humano) ou um conjunto de indivíduos, caracterizando-o(s) por intermédio de uma ou várias propriedades" (MAINGUENEAU, 2005, p. 182). Dessa forma, quando o enunciador VOCÊ S/A nomeia um indivíduo ou um grupo de indivíduos, chamando-o(s) de empreendedor ou de empresário, esse enunciador assume uma posição e confere ao ser nomeado também uma posição, ou, nas palavras de Pêcheux (1969), um lugar na estrutura social. E isso tem relação não apenas com um certo funcionamento textual, mas também, e talvez principalmente, com um funcionamento discursivo.

2 TRABALHO E VIDA PESSOAL: RELAÇÕES E DESLOCAMENTOS

Neste capítulo, objetivamos descrever e analisar quais discursos encontram-sematerializados em VOCÊ S/A acerca das relações entre vida pessoal e vida profissional. Esse objetivo liga-se à primeira hipótese desta dissertação, segundo a qual, há, em VOCÊ S/A, uma vinculação entre vida pessoal e vida profissional. Tal vinculação ocorre porque, para o discurso materializado na revista, existe uma forma de "ser" do sujeito-empresário e do sujeito-profissional e essa forma de "ser" define que esses sujeitos devem vincular sua vida profissional a sua vida pessoal. Essa forma de "ser", ou seja, de se constituir como sujeito desse discurso empresarial/profissional está relacionada a uma memória que define o sujeito contemporâneo como alguém que precisa priorizar sua vida profissional, investindo nela de variadas formas, a fim de conseguir sucesso, reconhecimento e, consequentemente, felicidade. Deste modo, busca-se fazer da vida pessoal uma extensão da profissional, numa tentativa de conciliá-las.

Para desenvolver o referido capítulo, partimos das discussões empreendias por Arendt (1958), acerca da relação entre público e privado, pois defendemos que tais relações contribuem na constituição de certa memória acerca da postura do sujeito-profissional da/na contemporaneidade. Em um segundo momento, ainda buscando identificar as redes de memória[3] que constituem os discursos acerca do *status* do sujeito materializado nos textos da VOCÊ S/A,mostramos, com base nos trabalhosde Alban (1999), Alves (2005), Pinto (2013) e Smith (1776), como se constitui a relação entre trabalho e qualificação na sociedade capitalista. Finalmente, em um terceiro momento, mostramos como a revista VOCÊ S/A materializa discursos segundo os quais esse sujeito-profissional deve buscar formas de se qualificar para se adequar melhor às exigências do mercado de trabalho. Verificamos, dessa forma, que tais discursos não se originam na revista, mas estão relacionados à memória discursiva, a qual, segundo Pêcheux (1983), pode ser definida como:

> /.../ aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os "implícitos" (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível

[3] De acordo com Pêcheux (1983a, p. 23), *redes de memória* ou de significação são os caminhos, os percursos que determinada(s) palavras(s) faz(m) para encontrar os sentidos. Desta forma, nenhuma memória é fechada em si mesma.

(PÊCHEUX, 1983b, p. 52)

Nesse sentido, os textos de VOCÊ S/A são tomados aqui como lugar de materialização de diferentes discursos, os quais se relacionam com uma memória que gira em torno de termos como *trabalho*, *trabalhador*, *mercado de trabalho*, *qualificação*, *empreendedorismo*, *sucesso,* etc. Tais termos são configurados e reconfigurados no/pelo *acontecimento* que se constitui pela emergência da referida publicação. Nesse ponto, é importante dizer que, para Pêcheux (1983b, p. 17), o acontecimento constitui-se "no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória". É esse acontecimento que buscamos analisar, mostrando o funcionamento discursivo da revista VOCÊ S/A. Passemos, então, às discussões empreendidas por Arendt (1958).

2.1 Sobre a relação entre público e privado

Arendt (1958), em seu livro *A condição humana*, trata do domínio público e do domínio privado, mostrando a relação que se estabelece entre eles. Para tanto, a autora propõe, como tema central do referido livro, pensar "o que estamos fazendo" (ARENDT, 1958, p. 6). Trata-se, mais especificamente, de uma discussão acerca da relação entre trabalho, obra e ação. Nesse sentido, a autora propõe uma análise das atividades humanas e dos seus contornos ao longo do tempo.Ela aborda as articulações mais elementares da condição humana, ou seja, aquelas atividades que tradicionalmente estão ao alcance de todo ser humano. Para Arendt (1958), o mundo no qual transcorre a *vitaactiva* consiste em coisas produzidas pelas atividades humanas e todas as atividades humanas são condicionadas pelo fato de que os homens vivem juntos.

Como dito no parágrafo anterior, a autora define três atividades fundamentais integrantes da *vitaactiva* na condição humana: *trabalho, obra e ação.* Ainda segundo Arendt (1958), essas atividades são fundamentais porque a cada uma delas corresponde uma das condições básicas mediante as quais a vida foi dada ao homem na terra. Essas três atividades humanas e suas condições correspondentes estão relacionadas à condição da existência humana desde o nascimento até a da morte.

Arendt (1958) define o *trabalho* como sendo a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano, cujo crescimento espontâneo, metabolismo e resultante declínio estão ligados às necessidades vitais (necessidades que garantem a vida/sobrevivência do corpo físico)produzidas e fornecidas pelo *trabalho* no processo da vida. O *trabalho* está preso à

engrenagem do movimento cíclico do processo vital do corpo, o que significa que não há fim. Ainda de acordo com a autora, o *trabalho* é a força despendida para produzir coisas, as quais são consumidas de imediato e garantem a sobrevivência do indivíduo e a vida da espécie.Os instrumentos utilizados na atividade laboriosa se encontram no próprio corpo ou são uma extensão dele. A força de trabalho não se extingue quando sua reprodução já está assegurada, ela pode ser utilizada para a reprodução de mais de um processo vital, mas nunca "produz" outra coisa senão "vida". Por isso a força de trabalho é aquilo que o homem possui por natureza, esgotando-se apenas com a morte deste. Nesse sentido, a condição humana do *trabalho* (*labor)* é a própria vida. Ao empreender essa atividade, realizada na esfera privada, no domínio da casa, este homem,compelido pelas necessidades do seu corpo, chamado de *animal laborans,* não goza da liberdade do *homo faber*. A respeito dessa ausência de liberdade, Arendt argumenta que a vida do lar e a vida em família caracterizavam-se pela imposição da força, uma vez que o chefe da casa imperava com poderes incontestes e despóticos. A relação que o *pater familias* mantinha com seus escravos e familiares era de poder absoluto, de *dominus.* Entretanto, o *pater familias* não podia participar das decisões políticas que eram próprias do homem livre, do animal político, do *politikon zoo,* pois não tinha liberdade para isso.

Em relação à *obra ou produção*, a autora afirma que essa atividade diz respeito a não-naturalidade da existência humana, ela proporciona um mundo "artificial" de coisas, diferente de qualquer ambiente natural, ou seja, transforma coisas naturais em artificiais. Sendo assim, a finalidade do *homo faber* é produzir bens, os quais não são de consumo, mas produtos que têm uma duração no tempo. Ainda segundo Arendt (1958), os produtos do trabalho garantem a permanência e a durabilidade dos artefatos sem os quais o mundo absolutamente não seria possível. É dentro desse mundo de coisas duráveis que encontramos os bens de consumo com os quais a vida assegura os meios de sua sobrevivência. Nesse sentido, a condição humana do trabalho é a mundanidade. Na antiguidade, a *obra ou produção* localizava-se entre a esfera pública e a privada, aproximando-se mais da esfera pública.

Com relação à *ação*, Arendt defende ser essa a única atividade que ocorre diretamente entre os homens. A *ação* é, ainda, prerrogativa exclusiva do homem, sem mediação das coisas ou da matéria, é a atividade política por excelência, praticada apenas pelos homens livres, daí não acontecer fora da sociedade dos homens. A *ação* é o exercício político que acontece na esfera pública, na vida da *polis*, onde os homens livres que se autogovernavam decidem tudo mediante palavras e persuasão, e não pela força e/ou pela violência. Diante desse caráter

público da *ação*, a autora argumenta que a realidade dessa atividade depende inteiramente da pluralidade humana, da presença constante de outros que possam ver e ouvir e, consequentemente, atestar sua existência. A *ação* está ligada diretamente à palavra e à capacidade do agir em conjunto. Desta forma, a atividade da *ação* corresponde à condição humana da pluralidade, apresentando assim seu caráter de imprevisibilidade, de criatividade, de irreversibilidade e de não limitação. A atividade da *ação* apresenta uma natureza eminentemente social, revelando a necessidade do homem de viver entre seus semelhantes.

Arendt (1958) recorre ao pensamento dos antigos gregos para mostrar a distinção que estes faziam entre a esfera pública e a privada, mas mostra também que, na sociedade moderna, essa distinção já não é tão marcada, pois a linha divisória entre o espaço público e o privado ficou mais tênue. Apesar disso, para a autora, a distinção entre esses dois domínios básicos é determinante para melhor compreendermos os espaços onde se realizam as atividades humanas.

Os gregos entendiam que há uma vida no espaço público como esfera do comum (*koinon*), da política e da liberdade que se opõe ao espaço privado, ao domínio do lar (*oikios*). A partir desse pensamento grego, a autora diz que a capacidade humana de organização política é diferente e oposta à associação natural, cujo centro é o lar (*oikia*) e a família. Desta forma, todas as atividades necessárias e presentes nas comunidades humanas tinham seus espaços delimitados pelos locais onde se realizavam cada atividade. A relação que se estabelece é que a esfera pública, ou seja, a *polis* era o espaço onde se situava a liberdade, enquanto o lar, esfera privada, era o espaço onde a necessidade reinava, caracterizando um fenômeno pré-político.

Nesse sentido, ao retomar a concepção de espaço público (político) e espaço privado (lar), da Antiguidade, Arendt (1958) destaca que ser político, viver em uma *pólis*, significava que tudo era decidido mediante palavras e persuasão. A vida pública, da *pólis*, possibilitava aos homens manifestarem sua individualidade, através da ação e da palavra, e viver a liberdade publicamente sem a necessidade de comando e de violência, uma vez que, somente no espaço público, todos os homens eram iguais e podiam exercer sua cidadania. Já, na vida privada, onde o homem era obrigado a viver junto com outros, toda atividade humana era exercida para saciar as necessidades pré-políticas, relacionadas à manutenção da vida da espécie; nesse espaço, a força e a violência eram justificadas legitimamente.

Ainda nesse processo de descrever os espaços do público e do privado, a autora destaca que o domínio da *pólis* era a esfera da liberdade e, se havia uma relação entre essas

duas esferas (privada e pública), era porque a vitória sobre as necessidades da vida no lar constituía a condição óbvia para a liberdade da *pólis.* E essa liberdade é a condição essencial daquilo que os gregos chamavam de felicidade*, eudaimonia,* que era um estado objetivo, o qual dependia de critérios como riqueza e saúde. No pensamento grego, ainda de acordo com Arendt (1958), a política não podia, em circunstância alguma, ser apenas um meio para proteger a sociedade.

A distinção entre as esferas pública e privada da vida corresponde aos domínios da família e da política, que existiram como entidades diferentes e separadas, pelo menos desde o surgimento da antiga cidade-Estado. E todo o antigo pensamento político se baseava nessa divisão. Com o advento de uma nova sociedade, essa distinção já não se apresenta de forma delimitada. Arendt (1958) destaca que houve uma confusão entre o social e o político decorrente da moderna concepção de sociedade. A eclosão da esfera social é um fenômeno relativamente novo, cuja origem coincide com o surgimento da era moderna e que encontrou sua forma política no Estado-nação.

Para Arendt (1958), essa divisão entre os espaços do público e do privado, na qual se baseava todo o antigo pensamento político, não existe mais, pois, o que antes era assunto do lar, da família, da esfera privada, como a economia doméstica, atualmente é assunto coletivo, do âmbito da economia nacional, da vida pública. Deste modo, ainda segundo a referida autora, a partir da modernidade, a linha divisória entre o público e o privado passa a ser inteiramente difusa, o que há é uma gigantesca esfera social, responsável por administrar uma economia doméstica coletiva (privada) através da política e do mundo comum (vida pública).

Na modernidade, é a liberdade da sociedade que requer e justifica a limitação da autoridade política. A liberdade situa-se no domínio do social, e a força e a violência tornam-se monopólio do governo. O deslocamento do conceito de liberdade contribuiu para que a política não seja mais o espaço de reflexão, no qual era permitido o exercício de liberdades, individualidades e espontaneidades.

Na Grécia antiga, a política era tema de reflexão e somente o homem livre, o animal político (*zoonpolitikon*) podia ingressar na *Pólis*. Para os antigos gregos, ser livre significava ao mesmo tempo não estar sujeito às necessidades da vida nem ao comando de outro e também não comandar. Assim, no domínio do familiar, do lar, a liberdade não existia, pois o governante do lar só era considerado livre na medida em que tinha o poder de deixar o lar e ingressar no domínio político, em que todos eram iguais. Entre esses domínios, podia-se observar que a *pólis* diferenciava-se do lar pelo fato de somente conhecer “iguais”, enquanto

que o lar era o centro da mais severa desigualdade. Arendt (1958) mostra que essa igualdade no domínio político, que significava viver entre pares e ter de lidar somente com eles, tem muito pouco em comum com o conceito de igualdade no mundo moderno. Na antiguidade, a igualdade era a própria essência da liberdade, ser livre significava ser isento da desigualdade presente no ato de governar e mover-se em uma esfera em que não existiam governar nem ser governado, diferentemente dos tempos modernos em que o conceito de igualdade está ligado à justiça. Com base nessa oposição, a autora estabelece a profunda diferença entre as concepções moderna e antiga de política. De acordo com a autora, a partir da modernidade, a igualdade que, na antiguidade era característica do domínio público, é absorvida pela esfera privada. Arendt mostra que a ação política na atualidade passa a ter interesse nas questões inerentes à esfera doméstica, como a sobrevivência e a desigualdade.

A absorção das atividades do domínio do lar por meio da ação política deve-se à moderna concepção de sociedade, que toma a política como o espaço de regulação da esfera privada, transformando os interesses do lar em preocupação coletiva. Assim, a nova concepção gerou uma confusão entre o social e o político. Sobre essa nova concepção, Arendt (1958) afirma que "o que chamamos de 'sociedade' é o conjunto de famílias economicamente organizadas de modo a constituírem o fac-símile de uma única família sobre-humana, e sua forma política de organização é denominada 'nação'" (ARENDT, 1958, p.34).

Segundo Arendt (1958), no mundo moderno, os domínios do social e do político diferem muito menos entre si. Em sua análise, ao apontar o fato de que a política é apenas uma função da sociedade, na era moderna, a autora mostra que é impossível perceber o abismo relevante que existia entre as esferas públicas e privadas, na antiguidade. Para Arendt (1958), essa impossibilidade de enxergar esse abismo não se trata de uma questão de teoria ou de ideologia, mas de uma mudança de perspectiva, afinal, com a ascendência da sociedade, isto é, do "lar" (*oikia*) ou das atividades econômicas referentes ao domínio público, a administração doméstica e todas as questões antes pertinentes à esfera privada da família tornaram-se preocupação "coletiva". No mundo moderno, o público e o privado se sobrepõem constantemente.

O aparecimento dessa nova concepção de sociedade, além de confundir a antiga fronteira entre o privado e o público, alterou o significado dos dois termos e a sua importância para a vida do indivíduo e do cidadão, ao ponto de torná-los quase irreconhecíveis. Na modernidade, privado é uma esfera de intimidade, cujos primórdios podemos remeter aos últimos períodos da civilização romana. Para os romanos, diferentemente dos gregos, uma

vida vivida na privacidade era apenas um refúgio temporário dos assuntos da *res publica*.

Arendt (1958) mostra, ainda, que, atualmente, não pensamos mais em privação quando empregamos a palavras “privatividade”, e isso em decorrência do enorme enriquecimento da esfera privada por meio do moderno individualismo. Dessa forma, a autora defende que a privatividade moderna, a de abrigar o que é íntimo, foi descoberta não como o oposto da esfera política, mas da esfera social.

Retomando Jean-JacqueRousseou, o primeiro explorador e teórico da intimidade, Arendt (1958) mostra que a intimidade do coração, ao contrário do lar privado, não tem um lugar físico e tangível no mundo, e a sociedade não pode ser localizada com a mesma certeza que o espaço público, ou seja, tanto a intimidade quanto o seu oposto, a sociedade, são formas subjetivas da existência humana. Tais formas não se encontram ligadas a espaços físicos delimitados, como ocorria na antiguidade com as esferas do lar e da política.

Distanciando-se da ideia de público e de privado da antiguidade, a era moderna apresenta, como oposto da vida privada, o conformismo e a igualdade que são impostos pela nova sociedade na esfera social. Essa nova sociedade exige que seus membros ajam como se fossem membros de uma enorme família que tem apenas uma opinião e um único interesse, são as exigências niveladoras do social, não importando se a nação se compõe de iguais ou desiguais, ou seja, é o conformismo inerente à sociedade ocupando o espaço público. Quanto à igualdade, essa mesma sociedade exclui a possibilidade da ação, que, na antiguidade grega, era excluída do lar doméstico. No lugar da *ação*, a sociedade espera de cada membro certo tipo de comportamento, impondo inúmeras e variadas regras, com o intuito de “normalizar” os seus membros, excluindo assim ação espontânea. Desta forma, Arendt afirma que essa igualdade moderna, baseada no conformismo, e que só é possível porque o comportamento substituiu a *ação* como principal forma de relação humana, está longe de ser uma igualdade de pares da cidade-Estado grega.

Na revista VOCÊ S/A, *corpus* desta dissertação, verificamos de que forma o conformismo inerente à sociedade moderna ocupa o espaço público. Na discursividade da revista, vemos materializadas as exigências niveladoras do social. No mundo do trabalho, todos devem agir em prol de um único interesse: a produtividade, excluindo, assim, a possibilidade da ação a qual os gregos se referiam.Deste modo, não havendo espaço para a ação(política), a vida, na perspectiva arendtiana, encontra-seliteralmente morta para o mundo, deixando, portanto, de ser uma vida humana. Portanto, para Arendt, a ação é o modo pelo qual os seres humanos aparecem uns para os outros, eao priorizar a produtividade, o mundo

moderno parece ter reduzido o homem ao *animal laborans* como modelo da vida feliz. Nesse sentido, o mundo do trabalho, na atualidade, impõe inúmeras regras, valores e comportamentos para que os indivíduos se moldem ao formato da empresa. É o que indicam as formulações linguísticas, a seguir:

(1) Direcionar o desenvolvimento individual para o fortalecimento desses pontos é uma maneira de atender à demanda das empresas (*Você S/A*, julho de 2012, grifamos).

(2) Se você tiver uma boa capacidade de aprendizado, for criativo e souber trabalhar em equipe, terá uma ascensão mais rápida (*Você S/A,* julho de 2012, grifamos).

(3) O comportamento do profissional – Conheça 12 características que constituem o perfil de todo profissional: Determinação, Individualismo, Autonomia, Persuasão, Intuição, Persistência, Sociabilidade, Dependência, Obediência, Consideração, Objetividade, Sensibilidade (*Você S/A*, Julho de 2012, grifamos).

(4) Candidato Ideal – Se você se propôs a encarar um processo de seleção, estude a empresa para a qual está se candidatando. "É importante escolher empresas que combinem com o seu perfil" (*Você S/A*, maio de 2015).

Nas formulações selecionadas, vemos materializado um discurso segundo o qual o profissional deve se adequar à empresa. No primeiro excerto, a expressão "o desenvolvimento individual" está em relação com "uma maneira de atender à demanda das empresas", o que mostra que, no mundo empresarial/do trabalho, as melhorias individuais são determinadas pelas necessidades das empresas. O excerto (2) mostra, por meio de uma oração condicional, que a capacidade de aprendizagem, a criatividade e a capacidade de trabalhar em equipe, apresentadas como características possíveis de um "você" genérico,estão em relação com a expressão referencial indefinida "uma ascensão mais rápida". Essa expressão, que deixa o lugar onde essa suposta ascensão ocorrerá elíptico (mas, no restante da reportagem, verificamos que se trata de uma ascensão na vida profissional), mostra, mais uma vez, o apagamento da ação individual em prol de uma ação voltada principalmente para a empresa e para os interesses do mundo empresarial, os quais passam a ser, em certa medida, os interesses do próprio sujeito.

No exemplo (3), a expressão referencial definida "o perfil de todo profissional" indica uma uniformização, segundo a qual "todo profissional" tem que ter o mesmo perfil, ou, ao menos, "algumas características" gerais, as quais devem ser seguidas por aqueles que se subjetivam nesse lugar de "profissional". Nesse sentido, vemos, novamente, a materialização

de um discurso da normalização, o qual, segundo defende Arendt (1958), exclui a ação espontânea. No excerto (4), a expressão referencial definida “candidato ideal” indica que existe um candidato ideal. O adjetivo “ideal”, que qualifica “candidato”, não é especificado, ou seja, o enunciador VOCÊ S/A não detalha quais características fazem o candidato ser um “candidato ideal”. Mas, no decorrer da matéria, verificamos que o “candidato ideal” é aquele que converge seus interesses para os interesses da empresa.

Retomando o texto de Arendt (1958), a autora afirma que o surgimento da sociedade de massa indica que os vários grupos sociais foram absorvidos por uma sociedade única, e que o domínio do social atingiu um ponto em que tal domínio abrange e controla, igualmente e com a mesma força, todos os membros de uma determinada comunidade. E é, ainda segundo a autora, essa cultura de massa que sustenta o mundo contemporâneo.

A partir dessa perspectiva, Arendt (1958) defende que a absorção da unidade familiar por essa nova sociedade contribuiu para o esfacelamento da correlação das atividades humanas (trabalho, obra, ação), e a atividade relacionada ao trabalho (labor) se tornou hegemônica, passando a reger as demais atividades. Diante dessa inversão das esferas pública e privada, em que ocorreu a sujeição da esfera pública aos interesses privados dos indivíduos, Arendt (1958) defende que a sociedade atual mostra a esfera privada como sendo uma extensão do espaço público. Nesse sentido, ainda segundo a autora, o que antes era do domínio privado, ganhou publicidade e hoje a economia política do Estado-nação efetiva-se no controle do poder estatal sobre a família e a administração doméstica do lar.

Ainda de acordo com a autora, devido a essa mudança de localização das atividades humanas, a intimidade e a vida privada atualmente são expostas ao público. No *corpus* deste trabalho, vemos, mais uma vez, a materialização do que é apresentado por Arendt em suas discussões filosóficas: a revista VOCÊ S/A apresenta algumas seções nas quais profissionais revelam sua esfera íntima ao público, mostrando, por exemplo, quais foram seus dilemas pessoais e profissionais, suas decisões mais difíceis na carreira e na vida pessoal, etc. Ao contarem essas histórias, que, segundo a revista, são inspiradoras para quem pretende empreender na vida e na carreira, essas personagens revelam ao público a intimidade de sua vida privada. Esse deslocamento, imposto pela ascensão do social, desperta o interesse de muitos, principalmente do leitor de VOCÊ S/A, em conhecer a vida de outros profissionais com o intuito de se inspirar nas experiências alheias. Nesse particular, os meios de comunicação, a exemplo da revista VOCÊ S/A, são um dos responsáveis pela exposição da intimidade do sujeito ao público.

Diante do exposto, buscamos mostrar que, na discursividade da revista VOCÊ S/A, a vida pessoal e a profissional do sujeito contemporâneo se misturam de tal forma que as dimensões das esferas pública e privada apresentam-se diluídas na esfera social. Ou seja, a vida privada e a intimidade do sujeito tornaram-se interesses da esfera pública do social. Nesse sentido, tudo que concerniria ao sujeito individual é tratado em público, isso ocorre em relação às finanças pessoais, à espiritualidade, às agonias da existência, à vida familiar, aos dilemas pessoais e profissionais, etc. Nesse ínterim, a revista em questão se apresenta com a função de oferecer um suporte "para quem quer trabalhar melhor; para quem busca desenvolvimento constante e uma relação mais saudável e feliz entre a vida profissional e a pessoal" (*Você S/A*, agosto de 2014).

Nas formulações linguísticas, a seguir, mostramos como a revista materializa os discursos acerca dessa relação entre público e privado:

(5) Conversar com um coach ou um mentor ajuda a refletir na busca de algo que realmente goste e esteja alinhado ao seu propósito de vida (*Você S/A*, abril de 2011 grifamos).

(6) Os projetos de carreira tendem a ser cada vez mais projetos de vida (*Você S/A*, junho de 2011 grifamos).

(7) Daqui para frente, gerenciar sua grana e garantir o bem-estar do seu bolso e, consequentemente, da sua vida pessoal e profissional deve ser tão prioritário quanto cuidar da sua saúde (*Você* S/A, setembro de 2011, grifamos).

(8) O consultor simplifica um processo mais profundo, que tem a ver com compreender qual o significado que você quer dar à sua vida. Só assim é possível montar uma estratégia financeira que faça sentido (*Você S/A*, dezembro de 2011, grifamos).

Vemos materializados, nos excertos citados, o discurso de que a atividade profissional deve estar alinhada ao projeto de vida, isto é, sua carreira é parte também da sua vida pessoal, e, para alcançar a união desses projetos, existem pessoas capacitadas para ajudar o profissional a encontrar o caminho que o leve ao sucesso e, consequentemente, à felicidade.

No excerto (5), a expressão "conversar com um coach ou um mentorajuda a refletir na busca de algo que realmente goste" indica que escolher a carreira profissional é algo difícil, por isso a necessidade de uma ajuda "profissional". Tal expressão aponta, ainda, para a necessidade de o leitor (aquele que se identifica com esta posição de sujeito) ter uma orientação especializada que o ajude a ascender na vida pessoal e profissional. Ainda em

relação ao excerto cinco, verificamos que o verbo “conversar”, que aparece no infinitivo, está em relação de paráfrase com expressões como “buscar um aconselhamento” ou “buscar ajuda”, já que o “coach ou mentor” é aquele que “ajuda a refletir na busca de algo que realmente goste e esteja alinhado ao seu propósito de vida”.

No excerto (6), a expressão referencial definida “os projetos de carreira” aponta para uma memória segundo a qual o exercício da atividade profissional requer um plano, um guia, um projeto de carreira que ajuda o sujeito profissional a atingir seus sonhos e metas. A expressão “de carreira” funciona como qualificador do termo “projetos”, o que indica que há outros projetos que não sejam de carreira, como por exemplo, “projetos de vida”. Vemos, ainda nesse excerto, a materialização de um discurso segundo o qual os projetos de carreira tendem a se tornarem projetos de vida, o que mostra, mais uma vez, a vinculação entre vida profissional e vida pessoal, já que, nesse caso, ambas se misturam em um projeto único. No mundo contemporâneo, essa mistura mostra a presença, no referido discurso, dos interesses da sociedade capitalista, em que o profissional deve buscar meios para se ajustar às exigências do mercado de trabalho, isto é, aos interesses da empresa, mesmo que isso implique em um apagamento de sua vida pessoal em detrimento da sua vida profissional.

No excerto (7), o dêitico de tempo “daqui pra frente” serve de referência temporal, este tempo apoia-se na situação da enunciação[4]. Desta forma, a expressão dêitica marca o momento em que o coenunciador cuidará do “bem-estar” de seu próprio “bolso”, e este momento começa a partir da leitura da referida revista. O advérbio “consequentemente” vincula a expressão “gerenciar sua grana e garantir o bem-estar do seu bolso” ao complemento “da sua vida pessoal e profissional”, produzindo uma relação de causa e efeito, segundo a qual o equilíbrio das finanças produz bem-estar tanto na vida profissional quanto na vida pessoal do coenunciador. Aqui, o enunciado materializa um efeito de sentido segundo o qual o bem-estar “do bolso” garante felicidade não só na vida profissional, mas também na pessoal. Dessa perspectiva, vemos, mais uma vez, a materialização de um discurso segundo o qual existe um vínculo entre vida profissional e vida pessoal.

O exemplo (8) mostra que a montagem “de uma estratégia financeira que faça sentido” está diretamente relacionada com “compreender o significado que você quer dar à sua vida”. Nesse sentido, vemos a materialização de um discurso acerca de uma educação financeira, em que o profissional aprende a gastar seu dinheiro de forma compatível com a sua vida. Nesse

[4] De acordo com Guimarães, a enunciação, enquanto acontecimento de linguagem, faz-se pelo funcionamento da língua (GUIMARÃES, 2005, p.11).

sentido, como afirma Arendt (1958), o que antes era assunto da esfera privada, como a economia doméstica, atualmente é assunto coletivo, do âmbito da vida pública. Desta forma, a vida privada e a pública apresentam-se diluídas na esfera social.

Nas análises desses excertos, vimos que a revista VOCÊ S/A mostra-se como um enunciador sábio, que enuncia do lugar de quem detém o saber de ensinar,ajudando a fazer com que seus leitores/coenunciadorestrabalhem melhor e busquem uma relação saudável e feliz entre vida profissional e pessoal.Ao ocupar esse lugar do saber, a referida revista assume um discurso autoritário que tende a não contradição. Vimos, assim, a materialização de um discurso da absorção das atividades privadas por meio da ação política. Trata-se, retomando, em alguma medida, o trabalho de Arendt (1958), do momento em que a vida privada e a vida pública apresentam-se diluídas na esfera social. Para a autora, tal absorção deve-se à moderna concepção de sociedade, que toma a política como espaço de regulação da esfera privada, transformando os interesses do lar em preocupação coletiva. Desta forma, a relação entre público e privado, como apresentada na revista VOCÊ S/A, contribui para constituição de certa memória acerca da postura do sujeito-profissional da contemporaneidade.

2.2 Trabalho e qualificação

Neste tópico, apresentamos algumas considerações acerca da qualificação da mão de obra para o mercado de trabalho atual, o qual apresenta uma intensa transformação desdeo surgimento da sociedade capitalista. A qualificação da mão de obra ou qualificação profissional é uma necessidade da divisão do trabalho, da sociedade capitalista, como podemos observar nas análises de Adam Smith (1776).A divisão do trabalho proposta por Adam Smith, o pai da economia moderna, em *A Riqueza das Nações*[5] (1776) parte do argumento de que essa divisão, na medida em que pode ser introduzida, gera um aumento proporcional das forças produtivas do trabalho.Para o referido autor, o processo de divisão do trabalho consistia no principal fator de expansão das forças produtivas. O autor defendia, ainda, que a divisão do trabalho é essencial para o crescimento da produção e do mercado,pois acreditava na ideia de que uma sociedade que faz a divisão do trabalho multiplica sua

[5] No livro *A Riqueza das Nações* (1776) Smith se contrapõe à visão mercantilista, a qual via nos metais preciosos a própria opulência de uma nação. Essa visão implicava um conjunto de dogmas e leis privilegiando o comércio externo em detrimento da economia interna. Nesta obra, Smith argumenta que ainda que os metais preciosos pudessem simbolizar a riqueza, eles pouco tinham a ver com sua geração e expansão, por isso defende o livre mercado. E é a partir do exemplo da fábrica de alfinetes que ele mostra como esse mercado é eficiente (ALBAN, 1999, p.89).

capacidade produtiva e, consequentemente, multiplica a sua riqueza. Partindo dessa visão, defendia então a livre concorrência como fator necessário para obter uma aplicação eficaz da divisão do trabalho.Ainda conforme o autor, somente a livre circulação das mercadorias e o aumento do mercado consumidor é que asseguram a divisão do trabalho. Logo, na visão smithiana, quanto maior for o mercado, mais subdividido será o trabalho, mais produtivo será o trabalhador e, por conseguinte, mais rica será a sociedade. A livre concorrência força o empresário a ampliar a produção, buscando novas técnicas, aumentando a qualidade do produto e baixando os custos de produção. Na obra citada, Smith afirma que "o maior aprimoramento das forças produtivas do trabalho, e a maior parte da habilidade, destreza e bom senso com os quaiso trabalho é em toda parte dirigido ou executado, parecem ter sido resultado da divisão do trabalho" (SMITH, 1988, p. 17).Desta forma, o autor afirma que, para compreendermos mais facilmente os efeitos produzidos pela divisão do trabalho na economia geral da sociedade, devemos considerar a maneira pela qual a divisão do trabalho opera em algumas manufaturas[6] específicas. Lembramos que a divisão do trabalho se dá tanto nas grandes como nas pequenas manufaturas, pois, de acordo com o pai da economia moderna, nas manufaturas maiores, o trabalho é dividido em números de partes maiores do que nas manufaturas menores. A divisão do trabalho, na perspectiva smithiana, contribui para o aumento da produtividade, por isso que em sua obra *A Riqueza das Nações* (1776), a divisão do trabalho que interessa é aquela que se dá internamente aos processos produtivos.Nessa obra, ele se concentra apenas na análise do processo de divisão do trabalho, deixando de lado a emergência histórica do mercado.A fim de mostrar como se dá a divisão do trabalho por ele pensada, Smith apresenta o seguinte exemplo:

> Tomemos, pois, um exemplo, tirado de uma manufatura muito pequena, mas na qual a divisão do trabalho muitas vezes tem sido notada: a fabricação de alfinetes. Um operário não treinado para essa atividade (que a divisão do trabalho transformou em uma indústria específica) nem familiarizado com a utilização das máquinas ali empregadas (cuja invenção provavelmente também se deveu à mesma divisão do trabalho), dificilmente poderia talvez fabricar um único alfinete em um dia, empenhando o máximo de trabalho; de

[6] No período manufatureiro, as diferentes funções desenvolvidas pelos trabalhadores coletivos eram divididas em atividades "simples ou mais complexas" (ALVES, 2005, p. 40) e as forças de trabalho individual tinham diferentes graus de formação e, consequentemente, de diferenciação salarial. Nas oficinas, entretanto, o trabalho era feito por trabalhadores parciais que aprenderam as diferentes operações na produção da mercadoria, adaptando-as às suas habilidades naturais e adquiridas. Isso significa que, baseado nessa divisão de trabalho, qualquer ser humano é capaz de realizar algum processo que exija manejos simples. Como consequência dessa nova realidade, surge, nas oficinas, a classe dos trabalhadores não qualificados, aqueles que eram excluídos do artesanato, originando, no processo de produção, à separação entre trabalhadores qualificados e não qualificados (ALVES, 2005).

> qualquer forma, certamente não conseguirá fabricar vinte. Entretanto, da forma como essa atividade é hoje executada, não somente o trabalho todo constitui uma indústria específica, mas ele está dividido em uma série de setores, dos quais, por sua vez, a maior parte também constitui provavelmente um ofício especial. Um operário desenrola o arame, um outro o endireita, um terceiro o corta, um quarto faz as pontas, um quinto o afia nas pontas para a colocação da cabeça do alfinete; para fazer uma cabeça de alfinete requerem-se 3 ou 4 operações diferentes; montar a cabeça já é uma atividade diferente, e alvejar os alfinetes é outra; a própria embalagem dos alfinetes também constitui uma atividade independente. Assim, a importante atividade de fabricar um alfinete está dividida em aproximadamente 18 operações distintas, as quais, em algumas manufaturas são executadas por pessoas diferentes, ao passo que, em outras, o mesmo operário às vezes executa 2 ou 3 delas. (SMITH, 1988, p 17-18).

A partir desse relato,vemos que, na perspectiva de Smith, a divisão do trabalhoconcorre para que se consiga fabricar alfinetes de forma eficiente, pois há uma adequada divisão das tarefas e combinação de suas diferentes operações.Smith está mostrando, atravésdesse exemplo, que, ao utilizar a divisão do trabalho, o trabalhador multiplica sua capacidade produtiva e a diferenciação das ocupações e empregos parece ser resultado dessa vantagem.E, por outro lado, esse trabalhador, por deter apenas parte do saber necessário para a fabricação do alfinete, nunca será um concorrente de seu empregador.

É com o surgimento da sociedade capitalista que a evolução da divisão do trabalho se dará e, consequentemente, a necessidade de especialização e qualificação do trabalho. Segundo Smith (1988, p.19), a sociedade só tem a ganhar com a divisão do trabalho, ele atribui os ganhos de produtividade decorrentes da divisão do trabalho a três circunstâncias distintas: (i) a primeira é devido a maior destreza, por parte do trabalhador, na realização do seu ofício; (ii) a segunda decorre da redução dos tempos perdidos, nas mudanças de atividade; (iii) e a terceira decorre da invenção de uma grande número de máquinas e mecanismos que facilitame abreviam o trabalho, possibilitando que apenas uma pessoa faça o trabalho que, de outro modo, teria que ser feito por muitas pessoas. Portanto, a divisão do trabalho, além de gerar maior produtividade, implicava também um processo embrionário de mecanização, pois, ainda segundo Smith, a invenção de máquinas que facilitam e abreviam o trabalho parece ter sua origem na divisão do trabalho.

De acordo com Alban (1999), na perspectiva smithiana de divisão do trabalho, o trabalhador especializado[7] não é um ferreiro, mas alguém que faz uma pequena atividade no

[7] A ideia de especialização apresentada por Smith consiste na divisão do trabalho, pois, dessa forma, uma pessoa pode aprender a executar uma única tarefa de forma habilidosa no processo de fabricação de determinado produto (SMITH, 1988 [1776]).

processo de produção de alfinetes, ou de qualquer outra mercadoria. Nessa realidade descrita por Smith, a divisão do trabalho permite reduzir a atividade de cada trabalhador a uma operação simples e fazer dela seu único emprego, assim, necessariamente aumenta a destreza do operário.

Foi com o advento da mecanização[8], com a Revolução Industrial,a partir da segunda metade do século VXIII,que a produtividade cresceu absurdamente eo trabalho se tornoumais subdividido. A Revolução Industrial contribui para que houvessemuitas mudanças dentro da sociedade, uma delas é o modo de produzir riquezas. Antes da Revolução Industrial, na Era Agrícola, o modo de produção era artesanal, depoisse passoupara o modo de produção manufatureiroe em seguida veio o modo de produção industrial,o qual trouxe maior rendimento do trabalho, uma vez que a força da máquina é muito maior, mais constante e mais rápida. Segundo Alban (1999), o avanço da mecanização, e não necessariamente da divisão do trabalho, vem dando a tônica do processo de industrialização. Em outras palavras, não se trata de dividir o trabalho até a mecanização, mas de substituir métodos artesanais por métodos mecanizados, simultaneamente ao desenvolvimento dos mesmos. Nesse sentido, Alban (1999, p.98) considera que "a organização do trabalho, embora não desaparecendo, perde a sua importância, passando a ser determinada pela própria mecanização. Issonão decorre de uma preferência mítica pelas máquinas, mas de uma busca racional e consciente por maiores ganhos de produtividade". Assistimos assim, a uma nova forma de encarar a organização do trabalho, pois o modo de produção capitalista incorporou uma visão estritamente técnica de encarar a organização do trabalho. A Era Industrial vai exigir novas formas de lidar com a relação entre trabalhador e empregador.A presença das máquinas implementou a divisão do trabalho e isso significa que, do beneficiamento da matéria-prima até o produto acabado, cada operário vai executar apenas uma operação, repetindo-a várias vezes.

Não podemos negar que a Revolução Industrial trouxe consigo o progresso, a fartura e o consumo, permitindo ao trabalhador melhorar de vida. Por outro lado, surgiu também a exploração dos trabalhadores por parte dos capitalistas.

O avanço da mecanização industrial possibilitou a separação definitiva entre o capital, representado pelos donos dos meios de produção e compradores da força de trabalho, e o trabalho, representado pelos trabalhadores que vendem sua capacidade de trabalho em

[8] Segundo Alban (1999), o avanço da mecanização caracteriza a primeira revolução industrial. As mudanças no trabalho industrial acontecem principalmente com o surgimento da máquina a vapor.

troca de salários. ConformePinto (2013), a partir da Revolução Industrial, a organização do trabalho foi elevada à categoria de matéria do conhecimento a ser conquistadacom base na luta política e econômica entre o empresariado e os trabalhadores.Para trabalhadores, tal conhecimento passou a ser um dos poucos meios de assegurar sua subsistência, para o empresariado,o conhecimento acerca da organização do trabalho tornou-se um importante meio de controle social, econômico e político da classe trabalhadora, cujo objetivo é manter em funcionamento o sistema de acumulação do capital.

A luta pelo controle do trabalho humano passou por distintas fases até chegar dentro dos processos de produção e permanece até os dias atuais.A divisão técnica e social do trabalho relaciona-se ao planejamento, coordenação, controle e execução das atividades de trabalho. O início desse processo ocorre com a apropriação dos instrumentos de trabalho, das terras e das matérias-primas pelos empregadores capitalistas, e aos trabalhadores deixa apenas a venda de seus conhecimentos e de sua força de trabalho como meio de vida.Em princípio, os limites entre as áreas de planejamento, coordenação, controle e execução das atividades de trabalho ainda são pouco delimitados, pois há um maior domínio técnico por parte dos trabalhadores. Desta forma, estabeleceu-se uma estrutura na qual o planejamento e a coordenação da produção estavam a cargo dos empregadores, uma vez que detinham os instrumentos e os meios de exercício do trabalho; eo controle e a execução das tarefas ficavam a cargo dos trabalhadores, esses, em virtude de suas habilidades no manejo do trabalho, podiam lutar pelo controle do conhecimento sobre o processo produtivo, que lhes permitia controlar o tempo de execução das tarefas. De acordo com Pinto (2013), essa realidade já apresenta a separação entre a administração ou gerência dos meios de produção e a produção direta ou execução. Com isso, aluta pelo controle do trabalho passa a ser travada entre os agentes administradores e os agentes executores da produção, estabelecendo assim uma nítida distinção de classes sociais. E para agravar tal situação, nem todos os administradores eram os donos das empresas, fato que tornou a luta mais caótica, uma vez que os administradores também eram assalariados e estavam, então, subordinados ao desemprego a aos baixos salários. Para cumprir as metas fixadas pelos proprietários, os administradores tinham que pressionar os operários e assim se travava a luta para produzir mais e mais num mercado que se tornava cada vez mais competitivo.

Segundo Pinto (2013), a partir do século XIX, a evolução das técnicas de produção combinada com o desenvolvimento científico aplicado aos processos produtivos, possibilitou um avanço da mecanização das atividades de trabalho.E esse avanço da mecanização gerou

novas demandas sobre o modo como se organizam espaços de interação e as próprias ações dos agentes de trabalho, tanto na produção direta quanto na administração das empresas.Diante disso, a organização do trabalho consolidou-se como uma área do conhecimento passível de ser acumulada, sistematizada, experimentada, compendiada e elaborada teoricamente por agentes que não fossem os executores desse trabalho.Defendemos aqui que essa busca por diferentes processos de trabalho, com o objetivo de racionalizar a força de trabalho, implica também em mudanças nas formas de qualificação.

Em decorrência do avanço tecnológico, estudos são feitos, tencionando a construção de sistemas de organização cujos objetivos são o aperfeiçoamento da qualidade e diminuição do tempo gasto na realização de tarefas complexas. É nesse cenário que a pessoa de Frederick Taylor (1856-1915)[9] se destaca dentre os estudiosos da época, final do século XIX e início do século XX. Ele se torna a figura central da organização racional do trabalho. Durante seus estudos, percebeu que a capacidade produtiva de um trabalhador de experiência média era sempre maior que a produção real na empresa.Conforme Pinto (2013), Taylor constatou que, se por um lado a destreza adquirida com o tempo aumentava a produtividade do trabalhador, por outro, parte desta era perdida na troca constante de operações de ferramentas, nos deslocamentos dentro do espaço fabril etc.

Sempre buscando meios de controlar o trabalho, Taylor percebeu que a queima de tempo não se devia apenas às condiçõestécnicas em que eram realizadas as tarefas, mas que os trabalhadores desenvolviam seus macetes justamente como forma de controlar o tempo em que trabalhavam e, assim, proteger seus conhecimentos e seus salários, diante de uma produtividade em expansão, decorrente da presença crescente das máquinas as quais tornavam mais escassa a necessidade de trabalho humano na produção.

De acordo com Pinto (2013), na perspectiva taylorista, esse comportamento por parte dos operários seria prejudicial para o empregador, pois este acreditava que quanto maior a produtividade obtida no trabalho, mais altos seriam os lucros empresariais e, consequentemente, os investimentos e as chances de se gerar melhores empregos e renda. Partindo dessa visão, Taylor buscou encontrar um meio para acabar com a proteção do tempo de trabalho, chegando à conclusão de que a subdivisão ao extremo das diferentes atividades em tarefas simplespossibilitaria à gerência medir a duração de cada movimento com um

[9] Segundo Pinto (2013), Frederick Winslow Taylor foi um jovem estadunidense de família abastada que abandonou os estudos que empreendia com o intuito de entrar na universidade, para empregar-se como operário aprendiz numa fábrica metalúrgica. Durante os anos de aprendizado, percebeu que a capacidade produtiva de um trabalhador de experiência média era sempre maior que a sua “real” produção na empresa (PINTO, 2013, p.25).

cronômetro e o resultado seria a determinação do tempo real gasto para se realizar cada operação.Feito isso, ele acreditava que a gerência, de posse desses resultados, teria a possibilidade de exigir de qualquer trabalhador o cumprimento da quantidade ideal de trabalho diário, sem que isso prejudicasse a saúde do trabalhador.Os estudos de Taylor tinham, portanto, como objetivo principal a divisão técnica do trabalho humano dentro da produção industrial, introduzindo, assim, a gerência científica. É com a introdução *do taylorismo* e posteriormente do *fordismo* que se dão novos fundamentos ao controle do processo de trabalho.

Para Alves (2005), esses sistemas ou modelos impuseram "novas culturas do trabalho" (ALVES, 2005, p. 42), marcando outra etapa na acumulação do capitalismo, a qual tem como objetivo controlar e disciplinar a força do trabalho. O *taylorismo* regula o desenvolvimento do trabalho imposto pela gerência, destruindo o trabalho profissional qualificado, e relaciona a ideia de controle à "noção de tarefa" (ALVES, 2005, p. 45). Em outras palavras:

> O trabalho de cada homem é totalmente planejado pela gerência que fornece instruções por escrito acerca do que, como e em que tempo deve ser feito o trabalho. A gerência passa a ser científica: realiza estudos e coleta conhecimentos e informações acerca do trabalho, o que não ocorre com o trabalhador, dada a sua suposta incapacidade. Este monopólio do saber sobre o trabalho confere ao gerente poder para controlar cada fase do processo de trabalho, que, quanto mais complexo, mais se separa do trabalhador (KUENZER *apud* ALVES, 2005, 1989, p.45-46).

Diante disso, a pedagogia desse modo de gerenciamento do trabalho tira qualquer decisão do trabalhador frente a seu labor, coroando um processo de desqualificação da força de trabalho.O que Taylor queria era colocar os trabalhadores numa situação de subordinação aos empregadores e sua proposta, a qual cunhou de "administração científica" - pois acreditava que a administração é uma verdadeira ciência regida por normas, princípios e leis claramente definidos (TAYLOR, 1990, p. 23) - consistia basicamente numa divisão de responsabilidades e de tarefas, aperfeiçoando a divisão social do trabalho e o controle sobre os trabalhadores. Podemos verificar que a proposta do criador do *taylorismo* era evitar o desperdício, por isso o estudo minucioso do tempo e dos movimentos dos trabalhadores, tendo como pontos fundamentais a separação entre os momentos de planejamento e a execução do trabalho. Partindo dessa percepção, Alves (2005), afirma que"o espírito taylorista transformou a mentalidade da população, direcionando-a para uma nova temporalidade

segundo os requisitos da produção moderna, fundamentados nos princípios de que ‘tempo é dinheiro’”(ALVES, 2005, p.55).

Diante do exposto, percebe-se que o trabalhador é visto como uma máquina a qual não pode parar de produzir, pois se ele para, o empregador perdedinheiro. Há, nessa política taylorista, a preocupação em disciplinar a classe operária a pensar que desperdiçar tempo implica em prejuízos na produção industrial. A lógica do *taylorismo* consiste, portanto, em manter o trabalhador sempre ativo e produtivo, controlando o tempo e os movimentos gastos na execução das tarefas.

Também com o objetivo de subordinar a força de trabalho a um ritmo exaustivo, Henry Ford (1862-1947)[10], empresário que produzia automóveis em massa e com baixo custo, organiza a produção mediante pagamentos de altos salários.Segundo Pinto (2013), a ideia básica de Ford era padronizar os produtos e fabricá-los numa escala imensa, da ordem de centenas ou milhares por dia, o que possibilitaria a redução dos custos de produção e o aumento do consumo. O que Ford busca criar é a possibilidade de incutir nos seus contemporâneos o comportamento de consumidores de massa de produtos padronizados.

Partindo da ideia de fabricar produtos não diferenciados, Fordcomeça a pensar a organização do trabalho com o objetivo de obter uma produção em massa. A realização dessa experiência só pode acontecer com a elaboração de um programa de divisão técnica e minuciosa das funções e das atividades entre numerosos agentes, conforme apresentada pelo sistema taylorista. Afinal, para organizar a produção em larga escala, exige-se não só a padronização dos produtos, mas também a padronização dos próprios processos produtivos envolvidos na fabricação desses produtos. Essa produção era respaldada por meio de normas estabelecidas,pois consideravam-se os movimentos mecânicos, os componentes padronizados, e equipamentos de qualidade. Dessa forma, Ford inova o mercado com seu sistema de gestão do trabalho: a linha de montagem, uma linha de produção em série. Esse sistema permitiu a queda dos custos, tornando o automóvel mais acessível ao público. Pinto (2013) ressalta que, na inovação proposta pelo sistema fordista de produção, é a velocidade automática da linha de série que impõe ao trabalhador a sua condição de disposição para o labor, estabelecendo, dentro de limites estreitos de tempo, a “melhor maneira” de trabalhar. Para que essa racionalização do trabalho seja implantada, Ford considera necessária a presença de dois

[10] “De acordo com Pinto (2013), Henry Ford também foi um jovem estadunidense que demostrou inclinações para a mecânica e aos 16 anos começou a trabalhar numa oficina em sua cidade, e após ter sido bem sucedido em várias invenções, foi contratado pela companhia Westinghouse, fabricante de veículos automotores movidos a vapor. Em 1896 abriu sua primeira fábrica de automóveis, mas foi fechada posteriormente, e em 1903 estabeleceu a Ford Motor Company” (PINTO, 2013, p.33)

elementos básicos na linha de montagem em série. São eles:

> a) Um mecanismo de transferência, que pode ser um trilho, uma esteira, ou um conjunto de ganchos ligados a um mecanismo de tração integrado a um comando único que lhe transmite um movimento regular ao longo do tempo. A cada um desses ganchos, ou em cima da superfície da esteira, os objetos de trabalho são atados e assim são transferidos para praticamente todas as seções de trabalho em que se divide o setor de produção, sofrendo a intervenção dos trabalhadores (que, por sua vez, se encontram distribuídos uniformemente em cada ponto dessas seções) até que possa ser, então, retirado dessa linha, testado, embalado e levado ao estoque de produtos acabados;
> b) Um conjunto de postos de trabalho uniformemente dispostos lado a lado, a cada trecho por onde passa o objeto de trabalho trazido pelo mecanismo de transferência, e nos quais já estão presentes, na forma de pequenos estoques e com mecanismos que permitam seu mais fácil acesso aos trabalhadores, os instrumentos, as ferramentas e as matérias-primas que serão utilizadas por eles na tarefa estritamente determinada que têm para cumprir. Esses postos de trabalho são geralmente numerosos, ocupados por um trabalhador cada e ordenado de forma linear e, sendo mínima a intervenção de cada um na produção como um todo (correspondendo a um número pequeno de operações), a cada um deve ser levado o objeto de trabalho semitransformado no mesmo ritmo (PINTO, 2013, p, 36).

Pode-se dizer que esse sistema de produção em série ampliou a produtividade do trabalho via mecanização. A inovação de Ford trouxe certos benefícios ao processo, um deles foi a eficiência na produção, tornando-a mais proveitosa, já que cada trabalhador é especializado no próprio setor; o outro, é que o funcionário não precisa se deslocar de um setor a outro, pois no seu setor encontra todas as ferramentas necessárias ao seu posto de trabalho.Assim sendo, Pinto (2013) destaca que a ideia básica dos sistemas taylorista/fordista é elevar a especialização das atividades de trabalho a um plano de limitação e simplificação tão extremo que, a partir de determinado momento, o operário torna-se efetivamente um "apêndice da máquina", repetindo movimentos iguais num curto espaço de tempo. Movimentos esses quepodem ser executados por qualquer pessoa, mesmo que seja inexperiente naquele trabalho.

Alves (2005) destaca que esse modelo aprofunda os princípios do taylorismo, inovando na busca de adesão dos trabalhadores, mediante aumento salarial e influenciando a "familiarização" do modo de vida do coletivo dos trabalhadores, dando-lhes o poder de consumo. De acordo com a autora, o crescimento desse modelo teve o seu auge depois da Segunda Guerra Mundial, começando a perder força no final da década de 1960 e início dos anos 1970, quando surgiu uma onda de greves entre os trabalhadores. Com o esgotamento

desse modelo,há, então, a necessidade de reestruturar a organização do trabalho.

Os sistemas *taylorista* e *fordista* de organização do trabalho, como apresentados até aqui, têm a tendência de excluir a subjetividade do trabalhador, subordiná-lo ao trabalho de tal forma que as suas necessidades psicológicas e existenciais eram posta de lado. Através da extrema simplificação e uniformização do trabalho, tais sistemas objetivavam, também, uma limpeza na mente do trabalhador. Por isso é que dizemos que a dinâmica da mecanização acabou transformando o homem em máquina.

A crise do fordismo exigiu mudanças no mundo do trabalho.Uma reestruturação produtiva é implantada com o objetivo central de buscar "novas práticas" que deem continuidade ao funcionamento do sistema capitalista. Essa reestruturação tem um caráter estrutural no plano da produção e do trabalho. Nesse sentido, surgem novos meios para reestruturar a produção e controlar o trabalho. Segundo Alves:

> As mudanças propostas pela reestruturação produtiva indicam transformações geográficas no setor industrial, um novo entendimento do "espaço-tempo", crescimento no emprego do "setor de serviços" e outra maneira de pensar o lugar do sujeito na organização. A difusão da lógica desse novo modo de acumulação permite que os empresários utilizem um maior controle da força de trabalho, em razão do estreitamento das relações comunicacionais entre o público e o privado e o temor da classe trabalhadora pelo aumento de desemprego (ALVES, 2005, p. 63).

A exploração e a expansão dos avanços tecnológicos em âmbito mundial constituem a base do processo acima citado, o que produziu, como consequência, mudanças nos conteúdos do trabalho e nos requisitos de qualificação. Nesse contexto, o novo modelo de gestão do trabalho propõe uma ampliação ainda maior do uso do trabalho. Trata-se do sistema*Toyota*[11], um modelo de produção aparentemente mais flexível, baseado na cooperação e na comunicação, priorizando a criatividade. Diante de um novo quadro político-econômico mundial, esse "modelo japonês" se impõe como uma receita de sucesso a ser seguido, cuja ideia básica é obter um processo contínuo de qualificação da produção, mantendo, assim, o controle sobre o trabalho e a permanência do ideal capitalista.

O sistema Toyota de produção preza pela qualidade total de seus produtos.Para isso, a Toyota implantou um elemento fundamental chamado de *autonomação*. Conforme Pinto (2013, p.62), essa autonomaçãoé "um processo pelo qual é acoplado às máquinas um

[11] De acordo com Pinto (2013), esse modelo de produção foi criado pelo engenheiro industrial TaiichiOhno. O modelo teve sua origem na necessidade particular do Japão de produzir pequenas quantidades de numerosos modelos de produtos (PINTO 2013, p.61).

mecanismo de parada automática em caso de detectar-se algum defeito no transcorrer da fabricação, permitindo assim que a máquina funcione autonomamente, isto é, independente da supervisão humana direta". Diferentemente do sistema taylorista/fordista (um trabalhador por máquina), a implantação do sistema Toyota permite que apenas um operário conduza várias máquinas dentro do processo produtivo.Esse sistema procurava eliminar qualquer tipo de desperdício, aproveitando, ao máximo, capital, funcionários e espaços de trabalho. Tendo como princípio a gestão de qualidade,ou seja, menos produto com mais qualidade, o toyotismo direcionava o trabalhopara obtenção dos materiais essenciais, em locais apropriados, nas medidas exatas e de forma a não prejudicar a eficiência do processo produtivo.

Visto que a operação de várias máquinas por um mesmo operário havia sido implantada com sucesso, a Toyota buscou agregar no mesmo posto de trabalho máquinas de diferentes finalidades, isso lhe permitiu concentrar no mesmo local diferentes funções de trabalho.Pinto (2013), elenca as seguintes funções: i) programação de máquinas; ii) planejamento e coordenação da produção; iii) manutenção do aparato produtivo e do controle de qualidade dos produtos; iv) transformação dos insumos e matérias-primas em produtos intermediários ou acabados (a produção direta). Cada uma dessas funções aglutinava grupos diferentes de atividades, realizadas por distintos trabalhadores por elas responsáveis. Assistimos aqui a fusão de várias funções e atividades, dando aos postos o aspecto de uma "multifuncionalidade", o que exigiu dos trabalhadores empregados a capacidade de exercer várias atividades e funções dentro da empresa. O trabalhador deixa a tarefa simples e repetitiva, como no sistema fordista, e passa a ser um trabalhador multifuncional, polivalente.A ideia básica era permitir que os trabalhadores adquirissem conhecimentos, executassem e passassem a se responsabilizar por várias etapas do processo produtivo total.

Além da multifuncionalidade, o *toyotismo* apresenta a flexibilização como outra característica. Produção flexível aqui é entendida como adaptar a produção a necessidade do mercado, daí considerar a tecnologia importante para que haja pleno desenvolvimento desse sistema. Uma vez que a produção é flexível à demanda do mercado, a produção terá uma maiorcapacidade de pronta entrega, ou seja, produção sob medida, sem gerar estoques. De acordo com Pinto (2013), a produção passou a ter uma relação mais estreita com a demanda do mercado consumidor, possibilitando a pronta entrega e o estoque mínimo. A ideia, portanto, é ganhar em cada produto. É, pois, com o *toyotismo* que surge uma nova ideia de qualificação, com técnicas de gestão de qualidade que tornam o trabalho mais produtivo e o

trabalhador conhecedor de várias outras atividades.

No que se refere à organização do trabalho, as inovações aconteceram de forma mais acentuada na esfera da gestão organizacional, inspirada no modelo japonês, do que nas inovações tecnológicas. Como dito acima, o *toyotismo* ou "o espírito Toyota" é um conjunto de práticas desenvolvidas pelas grandes empresas no Japão e tem como ideia básica obter um processo contínuo de qualidade de produção. Quanto à qualificação:

> O toyotismo toma como base, na sua estruturação, a flexibilização dos trabalhadores, com objetivo de transformá-los em profissionais polivalentes, "trabalhadores multifuncionais". Enquanto no taylorismo-fordismo, a preocupação central era destruir o saber do trabalhador pela via da especialização, no método japonês, trabalha-se segundo o princípio da desespecialização, polivalência operária e intensificação do trabalho (CORIAT, 1994, *apud* ALVES, 2005, p. 69).

De acordo com Alves (2005), é usando esse modelo de gestão organizacional que o empresariado brasileiro, por exemplo, conduz sua política empresarial, pautada na flexibilização do trabalho. E essa flexibilização do trabalho é a base de sustentação e de ajuste das exigências do mercado.

Ainda conforme a autora, a lógica da flexibilização e da desregulamentação do mercado tem como objetivo reduzir os custos do trabalho com enxugamento do quadro de pessoal, utilizando operários sem vínculos empregatícios, trabalho autônomo, estágios, trabalho domiciliar, etc.; inserindo, assim, no mercado, transformações gerenciais que se dão, principalmente, por meio de Programas de Qualidade Total. Desta forma, as empresas brasileiras, a partir da década de 80, estimularam a adoção de práticas inovadoras de gestão e de organização do trabalho espelhadas nesse modelo japonês. Tais práticas foram adotadas pelas empresas em virtude da pressão da concorrência para aumentar a produtividade e a qualidade dos seus produtos e pela conjuntura econômica do país.

Com a crescente concorrência no mercado, na década de 1990, difunde-se com mais amplitude o debate sobre Qualidade Total. Surge, assim, a "cultura da qualidade", que passa a fazer parte das campanhas publicitárias de todos os setores produtivos, cujo objetivo é o de transformar atitudes e valores dos trabalhadores para edificação de uma "nova" cultura organizacional. A partir da incorporação dessa cultura no mundo do trabalho, o ritmo de vida do trabalhador alterou consideravelmente. Segundo Alves:

> A cultura da qualidade é sustentada por conceitos que atuam no controle do

> processo de trabalho e responsabilizam o trabalhador pelo alcance da qualidade, apoiado nos conceitos de responsabilidade, honestidade e cooperação. A preocupação geral é levar a equipe de trabalho a se comprometer e a se envolver com a empresa gerando satisfação para todos (ALVES, 2005, p. 81).

Em síntese, ser trabalhador qualificado no contexto da reestruturação produtiva exige do sujeito-trabalhador uma constante mudança de atitude e, sobretudo, vontade de estar sempre aprendendo. Para melhor compreender esse processo de qualificação, Alves (2005) argumenta que é no contexto histórico e social do trabalho que a questão da qualificação se coloca, por essa razão só pode ser compreendida como uma categoria articulada com a categoria trabalho, isto é, como resultado das relações de força que se estabelecem entre o capital, o trabalhador e o grau de controle do trabalhador sobre o processo de trabalho.

Atualmente, existe na gestão de qualidade um conjunto composto de normas chamadas de ISO 9000, cujo objetivo é descrever regras relacionadas à implantação, desenvolvimento, avaliação e continuidade do Sistema de Gestão da Qualidade. A ISO pode ser aplicada em diversos tipos de organizações, tais como indústrias, fábricas, empresas, instituições e afins, seu sistema fornece infinidades de técnicas para a otimização dos processos internos de uma organização.Todavia, não vamos trazer para essa pesquisa análises que tratam desse sistema, uma vez que isso fugiria ao objetivo desta dissertação.

Nas formulações linguísticas apresentadas a seguir, mostramos de que forma a exigência por qualificação no mercado de trabalho, na contemporaneidade, se apresenta materializada na discursividade da revista VOCÊ S/A.

(9) No novo esquema, as pessoas terão de se atualizar e adquirir novos conhecimentos continuamente. Isso significa voltar a estudar muitas vezes ao longo da carreira (*Você S/A*, junho de 2011, grifamos).

(10) O que as Empresas buscam – Conheça as competências mapeadas pela pesquisa da McKINSEY e o que – afinal – elas querem dizer quando aparecem na descrição de um cargo (*Você S/A*, fevereiro de 2013, grifamos).

(11) "A produtividade é fruto de três coisas: criatividade para buscar soluções em situações difíceis e conseguir o engajamento das pessoas; coragem para enfrentar e errar; e propósito, que mantém você focado em uma missão" (*Você S/A*, março de 2014).

(12) Adapte-se ou fique para trás (*Você S/A*, abril de 2015, grifamos)

No excerto (9), a expressão “as pessoas terão de se atualizar e adquirir novos conhecimentos continuamente” faz funcionar dois pré-construídos. O primeiro é que existem pessoas a serem atualizadas e o outro é que existem novos conhecimentos, o efeito disso é que o sujeito-profissional precisa estar em constante mudança para atender as exigências da empresa e a demanda do mercado. Trata-se de um discurso materializado no/pelo *toyotismo*, cujo fundamento básico é o de obter um processo contínuo de qualificação da produção. Isso mostra também que, no mundo atual, o conhecimento é fator de produção. Fator esse quevem transformando, a cada dia,em um dos principais fatores para se gerar riquezas.

No excerto (10), a expressão referencial definida “o que as Empresas buscam” mostra que as empresas buscam algo. Isso indica que há características específicas que as Empresas querem encontrar nos profissionais que se habilitam para o mercado de trabalho. Ainda segundo o excerto, para conhecer “o que as empresas buscam”, o profissional precisa conhecer as competências que já foram mapeadas e descritas pelas próprias empresas. Aqui, retomando o que foi apresentado por Alves (2005) e Pinto (2013), verificamos que o objetivo da empresa/do empregador é adaptar a força de trabalho às necessidades do capital.

O exemplo (11) aponta para a materialização do discurso capitalista de que o sujeito-profissional tem que ser produtivo. De acordo as análises de Alves (2005) e Pinto (2013), as reestruturações que ocorreram, ao longo do tempo, foram sempre voltadas para a produtividade. As expressões “criatividade”, “coragem” e “propósito” estão articuladas com “produtividade”, isso mostra que, no atual mercado de trabalho, a produtividade não está mais na força bruta, mas em atributos qualitativos do profissional, como indicam as discussões de Alves (2005) sobre a “cultura da qualidade”. Isso indica que as qualidades individuais do trabalhador, suas competências profissionais e educacionais, suas habilidades pessoais, sua criatividade, sua iniciativa são atributos indispensáveis nesse novo mercado de trabalho, ficando ultrapassada a ideia de Ford de que o trabalhador eficiente era o que “deixava o cérebro em casa” (FORD,*apund*SANTOS, 2009).

No exemplo (12), os verbos na forma imperativa/injuntiva “adapte-se ou fique” mostram de que lugar fala o enunciador VOCÊ S/A, do lugar de quem conhece o mercado e pode ensinar e orientar seu coenunciador a se adaptar às exigências do mercado de trabalho.A presença dessa forma verbal é mais um indício de um discurso autoritário, detentor de um saber capaz de conduzir o sujeito-profissional a uma carreira de sucesso.Esses verbos incidem diretamente sobre o coenunciador, tais formas verbais alertam o profissional, o sujeito que se

subjetiva nesse lugar, a uma mudança de atitude, isto é, a estar sempre buscando se qualificar e aprender, pois essas são exigências de um mercado globalizado e em constantes mudanças. Tais mudanças mostram que o sujeito profissional é um ser dispensável, ou seja, se ele não der o melhor de si para permanecer na empresa, outros poderão assumir sua função no trabalho.Em certa medida, essa visãocoaduna com a visão taylorista/fordistade que o trabalhador é substituído por outro quando sua produtividade não acompanha os interesses da empresa.

No *corpus* de análise desta dissertação, vemos materializados discursos acerca dessa necessidade constante de qualificação do trabalhador. Tais discursos trazem ecos, como efeito da memória sobre o acontecimento, tanto do modelo *taylorista* e do modelo *fordista*, quanto do *toyotismo*. Tais modelos aparecem na discursividade de VOCÊ S/A ligados a discursos que materializam a relação entre público e privado e que revelam traços das mudanças apontadas por Arendt (1958) acerca dessa relação. Dessa forma, vemos, na revista sob análise, a construção da imagem de uma espécie de profissional-padrão da contemporaneidade.Essa padronização do profissional, cujo objetivo é torná-lo mais produtivo para o mercado capitalista, revela, de acordo com Arendt (1958), que o *animal laborans* foi admitido no domínio público. E, enquanto talrealidade persistir, não poderá existir um verdadeiro domínio público, mas apenas atividades privadas exibidas à luz do dia.[12] É o que mostramos nas análises que apresentaremos no próximo tópico.

2.3 Memória e atualidade em VOCÊ S/A

Neste tópico, analisamos como a memória discursiva é retomada na discursivização de VOCÊ S/A quando a referida revista trata da relação entre as esferas pública e privada, focando em temas ligados à carreira e à qualificação do sujeito-profissional. Trata-se, portanto, de verificar de que forma a memória acerca do funcionamento do sujeito-

[12] Segundo Arendt (1958), o triunfo do mundo moderno sobre a necessidade se deve à emancipação do trabalho, ou seja, o *animal laborans* ocupa agora o domínio público, as atividades domésticas e da administração do lar foram admitidas no domínio público. Essas atividades que ocorriam no domínio da esfera privada, na antiguidade, eram para garantir as necessidades da vida, a sobrevivência individual e a continuidade da espécie. Atualmente, o novo domínio social transformou as comunidades modernas em sociedades de trabalhadores e empregados, e essas comunidadesse concentram em torno da única atividade necessária para manter a vida. Nesse sentido, a sociedade é a forma na qual o fato da dependência mútua em prol da vida, e de nada mais, adquire importância pública, e na qual se permite que as atividades relacionadas com a mera sobrevivência apareçam em público (ARANDT, 1958, p. 56). Por isso que, de acordo com a autora, o domínio público que outrora abrigava a *ação* – espaço adequado ao agir, ao falar e a atividade política por excelência-, não mais existe como espaço adequado à manifestação e à individualidade.

profissional se atualiza no acontecimento das reportagens de VOCÊ S/A ou, em outras palavras, que possibilidades de dizer se atualizam no momento da enunciação.

Para realizarmos as análises deste tópico, reportamos, como dito no início deste capítulo, a Michel Pêcheux (1983a; 1983b) que trata da questão da memória discursiva como sendo estruturação de materialidade discursiva, entendida em uma dialética da repetição e da regularização.

Nas análises, recorremos bastante ao conceito de pré-construído, o qual remete a um já-dito que está na base do dizível, ou seja, a uma memória (o saber discursivo). O termo *pré-construído* foi cunhado por P. Henry para "designar o que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é 'construído' pelo enunciado. De acordo com o autor, trata-se do efeito discursivo ligado ao *encaixe* sintático" (HENRY, 1975, *apud*PÊCHEUX, 1975, p.89). Pêcheux (1975) acrescenta ainda que o pré-construído se apoia na relação entre os "domínios de pensamento", relação de discrepância que tomam a forma: i) da exterioridade-anterioridade (pré-construído); e ii) do "retorno do saber no pensamento", que produz uma evocação sobre a qual se apoia a tomada de posição do sujeito.

Sendo assim, para o referido autor, que argumenta ser o efeito de pré-construído um indício do funcionamento da memória discursiva, o discurso é exterior ao sujeito, pois este sujeito se encontra em filiações históricas que se organizam em memórias.

Convém destacar as considerações que Pêcheux (1983a) faz acerca do enunciado. Para o autor, "todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso" (PÊCHEUX, 1983a, p. 53). Um enunciado, neste sentido, corresponde ao que foi dito e que se encontra descrito em uma materialidade linguística.

Nessa perspectiva, Pêcheux (1975) argumenta que é sobre a *base linguística* que se desenvolvem os *processos discursivos*, para o autor essa relação constitui um dos pontos fundamentais da articulação da teoria dos discursos com a Linguística.

Fonseca-Silva (2007), no artigo *Mídias e lugares de memória discursiva,* opera deslocamentos nos conceito de *lugar de memória* (Halbwachs, 1925, 1950; Nora, 1984), *domínios de memória* (Foucault, 1969) e *memória discursiva* (Courtine, 1981, 1994), para pensar as mídias como *lugares de memória discursiva* na sociedade contemporânea. Assim, diz a autora:

> Se quisermos analisar de que forma as mídias funcionam como lugares de construção de memória na sociedade contemporânea, temos que pensar como se dá a aparição de um real fragmentado e disperso e a construção de um imaginário que se confunde com o próprio real nas materialidades simbólicas de significação que envolve o verbal e o não verbal. É nesse sentido que tomamos anúncios publicitários como espaço simbólico de significação e, consequentemente, como lugares de memórias discursiva e social (FONSECA-SILVA, 2007, p.25).

Nesse sentido, defendemos que a revista VOCÊ S/A é uma materialidade simbólica de significação que funciona como um *lugar de memória discursiva* onde se materializam discursos que circulam na sociedade acerca da vida pessoal e da vida profissional do sujeito na contemporaneidade.

2.3.1 Sujeito-profissional: vida privada e vida pública

Nas formulações linguísticas a seguir, identificamos, primeiramente, de que lugar fala o enunciador VOCÊ S/A, sabendo que ele não é a origem do seu dizer, mas apenas assume posições; e identificamos também uma posição de sujeito que indica a discursivização do sujeito-profissional. Na discursivização sobre esse sujeito-profissional, mostramos que memórias emergem dos enunciados materializados na VOCÊ S/A. As expressões grifadas a seguir, indicam os pontos de destaque na análise. Salientamos que os enunciados não foram retirados de uma única seção nem de uma mesma edição.

> (13) Interessante a reportagem de capa *Saia do Vermelho e Fique Bem com seu Orçamento* (setembro). Em um país onde as escolas e universidades não têm educação financeira entre as suas disciplinas, a VOCÊ S/A vem dando uma verdadeira aula de como se educar financeiramente(*Você S/A*, outubro de 2011, grifamos).
>
> (14) Fique livre das dívidas – 16 soluções para organizar suas finanças e consumir sem culpa (*Você S/A*, dezembro de 2011, grifamos).
>
> (15) A seguir, você confere sete resoluçõesque fizeram a diferença na vida de profissionais cujo desejo era ter uma vida mais feliz, menos estressante e com mais dinheiro. Uma delas pode servir de inspiração para você (*Você S/A*, dezembro de 2011, grifamos).

Os excertos destacados materializam discursos que se relacionam aos domínios público e privado. Atividades que antes eram do âmbito privado, agora são assuntos da esfera pública. De acordo Arendt (1958), os gregos distinguiam uma vida no espaço público como

esfera do comum (*koinon*), da politica e da liberdade; e outra vida no espaço privado, no domínio do lar (*oikios*). Ao discursivizar sobre o sujeito-profissional, a VOCÊ S/A materializa uma posição de sujeito segundo a qual o indivíduo, para resolver questões referentes à esfera privada, especificamente relacionados à área de economia doméstica/pessoal, conta com a ajuda de especialistas, ou seja, recorre ao espaço público para solucionar questões referentes ao espaço privado. Vale salientar, ainda, que a referida revista ocupa esse lugar social situado na esfera pública. Segundo Arendt (1958), o antigo pensamento político considerava a economia doméstica assunto do lar, da esfera privada, e somente nessa esfera tais questões eram resolvidas. No excerto (13), a expressão "saia do vermelho e fique bem com seu orçamento" faz funcionar dois pré-construídos: o primeiro é o de que dívidas existem e são danosas ao sujeito; e o segundo é o de que existe orçamento e não saber lidar com ele faz o sujeito contrair dívidas. Vemos também, neste período, duas orações que se articulam, pois "sair do vermelho" é a condição para "ficar bem com o seu orçamento". Nesse caso, a argumentação da segunda oração produz um efeito de sustentação, o qual, segundo Pêcheux (1975), consiste na articulação entre pensamentos, e isso por meio de uma relação de implicação entre duas propriedades (PÊCHEUX, 1975, p.101). A primeira oração "saia do vermelho" funciona como uma memória discursiva sobre o perigo, pois a cor vermelha, na perspectiva da cromatografia financeira, sinaliza problema, perigo. Assim, por meio de um efeito da memória sobre a atualidade, "vermelho" e "dívidas" estão em relação de paráfrase. As dívidas/vermelho representam obstáculos para que o sujeito-profissional fique bem com seu orçamento. Diante disso, o enunciador visa atuar diretamente sobre o coenunciador, interpelando-o a organizar sua vida financeira para que esse coenunciador fique bem com o seu orçamento. Para tanto, esse enunciador fala do lugar social do contador, do especialista em finanças, ou seja, de alguém que sabe como resolver o problema financeiro do coenunciador.Mais uma vez, encontramos indícios de um discurso autoritário da revista VOCÊ S/A.No segundo período, lemos: "Em um país onde as escolas e universidades não têm educação financeira entre as suas disciplinas, a VOCÊ S/A vem dando uma verdadeira aula de como se educar financeiramente". Aqui, a revista mostra-se como aquela que cumpre um papel que vai além de suas funções, pois seria função das escolas e universidades. Ela assume, assim, a responsabilidade da educação financeira do sujeito-profissional. No enunciado "a VOCÊ S/A vem dando uma verdadeira aula de como se educar financeiramente", identificamos um pré-construído de que existe uma educação financeira. A materialidade linguística do enunciado retoma/atualiza a ideia de que a educação financeira

não é mais tarefa da família, do lar, como na antiguidade grega. A educação financeira, discursivizada na revista, é tema de interesse da política, da esfera pública. Nesse contexto, vemos materializado na revista um discurso segundo o qual a educação financeira é de interesse público, o que retoma, em alguma medida, aquilo que foi apresentado por Arendt (1958), quando afirma que "a partir da modernidade, a linha divisória entre o público e o privado passa a ser inteiramente difusa, o que há é uma gigantesca esfera social, responsável por administrar uma economia doméstica coletiva (privada) através da política e do mundo comum (vida pública)". Ainda em relação ao excerto (13), vemos que a expressão referencial "uma verdadeira aula" apresenta o qualificador "verdadeira" que incide sobre o termo "aula". Aqui, o enunciador mostra a possibilidade de haver aulas que não são verdadeiras. Sendo assim, o efeito que se tem é o de que a VOCÊ S/A detém o saber de poder ensinar sobre finanças, pois fala do lugar da verdade.

No excerto (14), a expressão "fique livre das dívidas" também há um efeito depré-construído segundo o qual existem dívidas e que devemos livrar-nos delas. Aqui, mais uma vez, o efeito de pré-construído é um indício do funcionamento de uma memória discursiva, essa memória remete-a um discurso segundo o qual a dívida é algo perigoso, danoso à vida do sujeito-profissional, por isso é preciso se livrar delas. Assim, os excertos (13) e (14) indicam uma prática discursiva sobre as finanças. A segunda parte do excerto (14), "16 soluções para organizar suas finanças e consumir sem culpa", apresenta uma argumentação que tenta direcionar o coenunciador a agir conforme a orientação do enunciador. No enunciado, não há verbo injuntivo, mas a expressão "16 soluções" indica se tratar de ações/regras que mostram como livrar-se das dívidas. Tais soluções serão ensinadas pelo enunciador para esse sujeito disposto a se livrar das dívidas. A expressão "consumir sem culpa" retoma e reatualiza discursos acerca do "consumir". Nesse caso, a materialidade linguística faz funcionar uma memória segundo a qual o consumo em excesso (consumismo) é prejudicial. Mas, essa mesma materialidade mostra ser possível encontrar um jeito de consumir com consciência, sem que haja danos financeiros e psicológicos. Para isso, o enunciador VOCÊ S/A mostra o que e como fazer. Verificamos, mais uma vez, discursos segundo os quais o público (o enunciador Você S/A) se coloca em relação com o privado (as finanças do leitor/coenunciador). No exemplo (15), a expressão "sete resoluções", tal como ocorre no excerto (14), mostra que a revista dá "dicas", as quais o coenunciador poderá usar para ter uma vida mais feliz e com mais dinheiro. Na oração relativa restritiva "que fizeram a diferença na vida de profissionais", o enunciador VOCÊ S/A aponta para a possível existência

de soluções que não fazem diferença na vida de profissionais. Desta forma, o enunciador alerta o sujeito, aquele que se subjetiva nesse lugar, para não assumir qualquer resolução, pois nem toda resolução garante uma vida mais feliz, nem menos estressante e com mais dinheiro. Vemos que a expressão "sete resoluções" está articulada com "uma delas pode servir de inspiração para você". Assim, o enunciador VOCÊ S/A, na última parte do período sob análise ("uma delas pode servir de inspiração para você"), afirma que, das resoluções apresentadas, uma delas pode ser útil ao conenunciador, o que reforça o discurso de que a revista pode "ajudar" o leitor/coenunciador a solucionar seus problemas financeiros.

Ainda em relação ao excerto (15), verificamos que a oração relativa "cujo desejo era ter uma vida mais feliz, menos estressante e com mais dinheiro" restringe o tipo de profissional que busca aplicar as "dicas" de VOCÊ S/A. De acordo com o que é apresentado, não se trata de todo e qualquer profissional, mas daqueles que desejam ter "uma vida mais feliz, menos estressante e com mais dinheiro". Nesse caso, trata-se de uma restritiva e não de uma explicativa, porque a própria revista materializa, em seu funcionamento, uma distinção entre diferentes tipos de profissionais. Tal distinção não é criada na/pela revista, mas pelos diferentes lugares ideológicos que nela se materializam, mas que circulam também em outras esferas de saber. Para entender melhor o que ocorre nesse caso específico, reportamos, mais uma vez, aos estudos de Michel Pêcheux (2012). Ao trabalhar a ambiguidade das orações relativas, o referido autor argumenta que tal ambiguidade, marcada na língua, é desfeita pela ideologia. Diante disso, ele afirma que "a existência de tais processos discursivos, tornados possíveis pela própria estrutura da língua, pertence de maneira constitutiva e co-extensiva ao campo da luta ideológica e política das classes" (PÊCHEUX, 2012, p.137). Voltando a análise da revista, verificamos que o enunciador VOCÊ S/A sustenta a possibilidade de existirem profissionais que não estão interessados em ter uma vida mais feliz, menos estressante e com mais dinheiro, e esses não recorrem às resoluções apresentadas pela revista. Em vista disso, a revista marca uma distinção entre o sujeito-profissional VOCÊ S/A e aquele que não está interessado em "ter uma vida mais feliz, menos estressante e com mais dinheiro". Deste modo, identificamos, nos enunciados analisados, que o enunciador VOCÊ S/A enuncia do lugar de quem detém o saber e pode guiar o sujeito-profissional a se realizar tanto pessoal (mais feliz, menos estressante) quanto profissionalmente (menos estressante e com mais dinheiro). Presença aqui, mais uma vez, de um discurso autoritário, o qual tem como um de seus efeitos, o fato de supostamente não deixar espaço para a contradição.

As análises indicam que a revista VOCÊ S/A materializa discursos segundo os quaisa

vida pessoal e a vida profissional do sujeito-profissional, na contemporaneidade, misturam-se de tal forma que as dimensões das esferas pública e privada apresentam-se diluídas na esfera social. Ou seja, a vida privada e a intimidade do sujeito são temas da esfera pública do social. Daí, tudo que concerne a esse sujeito-profissional é tratado em público, isso ocorre em relação: às finanças pessoais,na discursivização da revista, verificamos uma priorização desses aspectos financeiros, à espiritualidade, às agonias da existência, à vida familiar, aos dilemas pessoais e profissionais, etc. Além disso, as análises mostram também que existe uma tensão, por parte desse mesmo sujeito, em relação à tentativa de conciliar sua carreira e sua vida pessoal.

2.3.2 Qualificação do sujeito-profissional

As formulações apresentadas neste subtópico mostram como os modelos *fordista,taylorista* e o*toyotista* estão presentes, por meio da ação da memória sobre a atualidade, na discursividade da revista VOCÊ S/A. Além disso, identificamos como o sujeito trabalhador/profissional competente e comprometido com a empresa aparece discursivizado na referida revista, também por meio de um jogo da memória discursiva na relação com o acontecimento. Nos enunciados a seguir, mostramos como esses efeitos discursivos funcionam.

(16) O Multi-Homem Possível – Ser multitarefa virou exigência básica para trabalhar. Mas, por trás desse lugar-comum, há mais de uma maneira de realizar muitas coisas (*Você S/A*, maio de 2012, grifamos).

(17) Como Emplacar Suas Ideias – As empresas estão estimulando seus funcionários a propor inovações e melhorias. Saiba fazer isso de maneira eficiente para seu trabalho aparecer (*Você S/A*, abril de 2012, grifamos).

(18) Como encantar as empresas – o mercado de trabalho esta desesperado por profissionais qualificados. Entenda quais são – afinal - as características mais valorizadas e como você pode desenvolvê-las em seu dia a dia (*Você S/A*, fevereiro de 2013, grifamos).

Na materialidade linguística dos enunciados selecionados, vemos funcionar o discurso que se relaciona com o controle sobre o trabalho e a permanência do ideal capitalista, cujos mecanismos consistem na exigência por qualificação e por produtividade. No exemplo (16), encontramos uma retomada/reconfiguração do “espírito Toyota”, o qual, segundo Alves

(2005), propõe uma intensificação do trabalho e, consequentemente, o aumento da exploração da força do trabalho. A expressão referencial definida “o multi-homem possível” retoma um pré-construído, o da necessidade de um homem múltiplo possível, numeroso, ou seja, um homem capaz de fazer várias tarefas, afinal, essa é uma exigência do mercado. Desse modo, o enunciador VOCÊ S/A interpela o sujeito-profissional, aquele que se identifica nessa posição, a ser um homem multitarefa, pois essa é a exigência básica para trabalhar. Exigência essa que, na continuidade do enunciado, é apresentada como “lugar-comum”, sabido por todo profissional. Portanto, tal exigência não é uma novidade para esse sujeito-profissional. Na continuidade do período, o que se apresenta como novidade são as formas de se realizar essas muitas tarefas. Vemos, aqui, o funcionamento de um discurso segundo o qual o sujeito-profissional precisa possuir a capacidade de executar/realizar mais de uma atividade. Tal discurso faz-se presente na forma de ser do toyotismo, pois, este modelo “toma como base, na sua estruturação, a flexibilização dos trabalhadores, com objetivos de transformá-los em profissionais polivalentes, ‘trabalhadores multifuncionais’” (CORIAT, 1994, *apud* ALVES, 2005, p. 69).

No excerto (17), a expressão “como emplacar suas ideias” mostra a existência de um pré-construído, um dos indícios do funcionamento da memória discursiva, que é o fato de que o sujeito-profissional tem ideias. A palavra “ideia” encontra-se vinculada a outros termos que com ela se articulam, produzindo um efeito de sustentação (PÊCHUEX, 1975). Nesse sentido, para o discurso materializado na revista, essas “ideias” dizem respeito a propostas de “inovações e melhorias” para empresa. Isso cria um efeito de sentido segundo o qual o sujeito-profissional tem que ser criativo, o que está relacionado, em boa medida, com uma das características priorizada pelo toyotismo. Ainda em relação à expressão “suas ideias”, vemos que, de acordo com Maingueneau (2005), a forma “suas”, quando usada em textos da mídia, refere-se não a um leitor eventual, mas, ao leitor efetivo. No caso da revista sob análise, trata-se daquele que lê a revista e se subjetiva no lugar do sujeito VOCÊ S/A. Ainda no que diz respeito à primeira frase do excerto, verificamos que a expressão “como emplacar” confere ao enunciado um tom de ensinamento, pois indica ao coenunciador regras e procedimentos que o mostram (ensinam) como proceder para ser bem-sucedido na empresa em que trabalha. Desta forma, o enunciador VOCÊ S/A assume o lugar de um mestre, um guia que instrui e aconselha seus coenunciadores. Isso mostra que, assim como defende Maingueneau (2005), “por meio da enunciação, revela-se a personalidade do enunciador” (MAINGUENEAU, 2005, p. 97). O enunciador VOCÊ S/A, ocupa, então, o lugar do saber-fazer capaz de conduzir o sujeito-

profissional a executar suas ideias (inovações e melhorias para as empresas) de forma eficiente para que essas empresas vejam o resultado do que esse sujeito-profissional sabe produzir. Na segunda parte do enunciado “as empresas estão estimulando seus funcionários a propor inovações e melhorias”, vemos, na materialidade linguística, o funcionamento de certa memória acerca da preocupação dos empregadores em criar métodos de controle sobre o trabalho. Essa preocupação aponta para aquilo que, de fato, é o interesse dos empregadores: a manutenção do capitalismo. Este período também evoca uma memória sobre os “Programas de Qualidade Total”. De acordo com Alves (2005), “a cultura da qualidade é sustentada por conceitos que atuam no controle do processo de trabalho e responsabilizam o trabalhador pelo alcance da qualidade” (ALVES, 2005, p 81).Além disso, adesignação “as empresas” aponta para o funcionamento argumentativo de que são as empresas que trabalham para que seus funcionários possam desenvolver o potencial produtivo de cada um, como mostra a última parte do excerto “saiba fazer isso de maneira eficiente para seu trabalho aparecer”. Aqui, o enunciador VOCÊ S/A assume o lugar de quem está a serviço da empresa e que, por isso, ensina o sujeito-profissional a emplacar suas ideias de forma eficiente. É nessa perspectiva que os sentidos são recuperáveis pela memória, o que é dito aqui são “verdades” construídas em outro lugar para sustentar a base desse dizer.

O excerto (18) mostra a presença de um pré-construído, materializado no/pelo enunciado “como encantar as empresas”, o qual mostra que existe(m) forma(s) de encantar as empresas, colocando em funcionamento o discurso de que é o trabalhador, sujeito-profissional, que detém esse poder de encantamento, mas que ele ainda não sabe como utilizar tal poder. Vemos, assim, o efeito de sentido de que o trabalhador é responsável pelo alcance da qualidade do trabalho, tal como é defendido pela “cultura da qualidade”. Neste excerto, assim como no excerto (17), a revista VOCÊ S/A cumpre, mais uma vez, a função de ensinar ao sujeito-profissional o *como fazer*. Também vemos repetir-se a posição de sujeito do enunciador VOCÊ S/A, que ocupa a posição de quem detém o poder-saber sobre liderança e qualificação. Constatamos, nesse excerto, que, embora pareça que o sujeito-profissional tenha autonomia para agir e tomar decisões, ainda há um controle sobre o trabalho. Tal controle tem o objetivo de adaptar a força de trabalho às necessidades do capital, como argumenta Alves (2005) e Pinto (2013), ao apresentar o objetivo do modelo taylorista. Contudo, a terceira parte do excerto (18), “Entenda quais são – afinal - as características mais valorizadas e como você pode desenvolvê-las em seu dia a dia”,materializa discursos ligados à forma toyotista de pensar o trabalho, o que mostra que, como dito anteriormente, os três modelos (Fordista,

Taylorista e Toytotista) encontram-se (re)atualizados na discursividade da revista VOCÊ S/A. Ainda em relação à última parte do excerto (18), verificamos que a forma injuntiva "entenda" incide diretamente sobre o coenunciador, o qual também é marcado por meio do embreante "você", indicando, assim, que o texto é escrito para o sujeito que se identifica com esse lugar de profissional que quer ser reconhecido pela empresa. É, portanto, para esse coenunciador que o enunciador VOCÊ S/A apresenta as características mais valorizadas pelo mercado de trabalho, tais características, ainda segundo o enunciador VOCÊ S/A, referem-se a "profissionais qualificados", o que retoma e reconfigura a "cultura da qualidade", ligada ao método toyotista, cujo objetivo é o de transformar atitudes e valores dos trabalhadores para a edificação de uma "nova" cultura organizacional.

De acordo com Alves (2005), a partir da noção de competência, a construção da identidade de um novo profissional no mundo do trabalho vai surgindo. Na discursividade da revista VOCÊ S/A, constatamos que as empresas exigem profissionais qualificados, isto é, competentes para o exercício de suas atividades. As formulações linguísticas, a seguir, mostram como esse novo perfil de qualificação, vinculado à noção de competência, aparece na discursividade da referida revista.

> (19) Num mercado de trabalho conectado, a especialização é a forma de se diferenciar da multidão. "Se você for um generalista, haverá milhões de pessoas capazes de fazer o que você faz de maneira mais barata e, talvez, melhor" (*Você S/A*, junho de 2011, grifamos).
>
> (20) Virtudes no mundo corporativo – (...) Em nossa linguagem corporativa, as virtudes são as competências. E quais delas você deve perseguir para ser melhor? As chamadas virtudes cardeais, que são temperança, prudência, justiça e fortaleza (*Você S/A*, janeiro de 2011).
>
> (21) Trabalhe Menos, Faça Mais – É provável que seu conceito de produtividade esteja ultrapassado. Você pode passar menos horas no trabalho e ainda ser mais eficiente (*Você S/A*, março de 2014).

Nos excertos citados, vemos materializados discursos que se relacionam com a noção de competência. Segundo Tanguy (TANGUY, 1997 a*pud* ALVES, 2005, p.98), a noção de competência é usada pelas políticas de emprego norteadas pela flexibilização e pelas mudanças na organização do trabalho e na gestão pessoal. No excerto (19), verificamos que a expressão "num mercado de trabalho conectado" retoma um pré-construído segundo o qual existe um mercado de trabalho conectado. Nesse sentido, a existência de um mercado

conectado é trazida de outro lugar para servir como fundamento para argumentação que é desenvolvida no enunciado. Como já mostramos neste trabalho, o pré-construído é, ainda segundo Pêcheux (1983a), um dos elementos da memória, a qual funciona como "a condição do legível em relação ao próprio legível" (PÊCHEUX, 1983a, p. 52). Voltando ao exemplo sob análise, verificamos que é o fato de estarmos, segundo o enunciador VOCÊ S/A, em um "mercado conectado" que confere tanta importância à "especialização", a qual é apresentada, ainda nesse enunciado, como "a forma de se diferenciar da multidão". Vemos, assim, que, por um efeito da memória sobre a atualidade, "especialização" funciona como hipônimo de "qualificação", palavra que não aparece no excerto, mas que se encontra parafraseada na expressão "forma de se diferenciar da multidão". Afinal, para alguns modelos de gestão do trabalho, a qualificação é uma forma de produzir profissionais diferenciados, competentes, e mais qualificados para o mercado de trabalho. Em outras palavras, o excerto materializa um discurso segundo o qual uma das formas de se diferenciar no mercado de trabalho e, portanto, de se qualificar é buscar uma "especialização". Na segunda parte do excerto, vemos uma oração condicional (Se você for um generalista), que faz emergir certa memória acerca das metas do *toyotismo*, afinal uma das metas do referido modelo é, como vimos acima, transformar os trabalhadores "em profissionais polivalentes, 'trabalhadores multifuncionais'" (CORIAT, 1994, *apud* ALVES, 2005, p. 69). Mas, no excerto essa memória do *toyotismo* é trazida como um modelo que deve ser evitado, afinal, na continuidade do enunciado, a oração "haverá milhões de pessoas capazes de fazer o que você faz de maneira mais barata e, talvez, melhor" é apresentada como consequência da condicional. Nesse caso, vemos que o discurso materializado nesse excerto da revista VOCÊ S/A se aproxima mais do modelo taylorista-fordista, pois nesse modelo, ainda segundo o que vimos acima, "a preocupação central era destruir o saber do trabalhador pela via da especialização" (CORIAT, 1994, *apud* ALVES, 2005, p. 69). Isso mostra que não há, na revista, uma preferência por qualquer um dos modelos de gestão do trabalho, nem uma linha argumentativa única, central, pois, como vimos em outros exemplos, em alguns enunciados é o modelo Toyota que é exaltado. O que há, de fato, são efeitos de sentido, isto é, discursos, que se materializam por meio de efeitos da memória sobre a atualidade e que indicam ao leitor da VOCÊ S/A uma forma de ser e de agir para se tornar um profissional realizado e/ou um empresário bem-sucedido.

No excerto (20), vemos na expressão "virtudes no mundo corporativo" o pré-construído que retoma a necessidade de manifestar as virtudes. Nesse caso, a palavra "virtudes" é trazida de outro lugar (a esfera religiosa) para sustentar o argumento

desenvolvido pelo enunciador. Por um efeito da memória sobre a atualidade, o termo "virtudes" retoma e reconfigura a noção de competência, a qual se baseia em qualidades morais do sujeito-profissional. Portanto, no enunciado sob análise, "competência" funciona como paráfrase de "virtude". Neste caso, a palavra "virtudes" aciona uma memória discursiva acerca das "virtudes cardeais[13]", as quais remetem a uma lista de ações, fundamentais e orientadoras da conduta humana, que levam a prática do bem. Essa memória encontra-se, no excerto, vinculada à busca por qualidade, a qual é apresentada como uma virtude. Há também uma relação com o que Alves (2005) afirma acerca da "reestruturação produtiva", pois nesse tipo de reestruturação "a preocupação geral é levar a equipe de trabalho a se comprometer e a se envolver com a empresa gerando satisfação para todos" (ALVES, 2005, p 81). Há, portanto, na linearidade do texto, o estabelecimento de um vínculo, uma articulação entre "virtudes", "competências" e satisfação no "mundo corporativo". A terceira parte do enunciado "e quais delas você deve perseguir para ser melhor?" revela a não necessidade do sujeito-profissional buscar todas as virtudes conjuntamente, mas perseguir aquela que o fará se diferenciar dos demais, evocando assim a necessidade de se destacar.Nesse excerto, vemos, mais uma vez,a materialização do discursosegundo o qual se qualificar é buscar uma "especialização" para se diferenciar no mercado de trabalho. A última parte do excerto apresenta as virtudes cardeais, as quais o sujeito deve perseguir. Ao enunciar "virtudes do mundo corporativo", o enunciador VOCÊ S/A retoma opré-construído de que existem virtudes próprias do mundo corporativo. Ainda segundo esse enunciador, as virtudes corporativas mantêm uma relação com as "virtudes cardeais" do campo religioso. A expressão qualificadora "do mundo corporativo" permite pensar que se trata de outras virtudes, diferentes das virtudes morais religiosas. Entretanto, a última parte do enunciado mostra que há uma relação entre virtudes morais e virtudes corporativas. Isso mostra que o enunciador VOCÊ S/A trata as competências profissionais como ações próximas a certa moral religiosa, fazendo emergir a memória de que, assim como ocorre na vida pessoal/espiritual, também na vida corporativa/profissional, devem-se buscar tais virtudes.

Na materialidade linguística do excerto (21), vemos a materialização do discurso segundo o qual o sujeito-profissional precisa ser produtivo, e o conceito de produtividade está relacionado a trabalhar menos e fazer mais. A expressão "trabalhe menos e faça mais" retoma, em alguma medida, o que vimos no texto de Alves (2005) e Pinto (2013) acerca da

[13] São chamadas virtudes cardeais por serem fundamentais e orientadoras a conduta humana. São quatro como são quatro os pontos cardeais.

produtividade ligada ao capitalismo. Conforme os autores citados, a divisão do trabalho vem sofrendo profundas transformações, entre tais transformações, há aquela que possibilita a redução do tempo de trabalho sem que haja ônus para os proprietários/empregadores. Nesse sentido, o objetivo das empresas/proprietários é buscar meios de produzir mais mercadorias/serviços com menor custo e com o mesmo número de trabalhadores. Esse discurso coaduna com o que está na terceira parte do enunciado sob análise: "você pode passar menos horas no trabalho e ainda ser mais eficiente". Nesse caso, o efeito de sentido que se cria é o de que a eficiência é uma característica que não depende do tempo, mas da qualidade do trabalho. Ainda no que diz respeito ao excerto (21), o período "é provável que seu conceito de produtividade esteja ultrapassado" retomaum pré-construído segundo o qual existe um conceito de produtividade guiando as atitudes do coenunciador. No entanto, tal conceito é apresentado como "ultrapassado" e, portanto, como algo que precisa ser revisto, o que ocorre com a "ajuda" do enunciador VOCÊ S/A. Vale salientar que essa necessidade de revisão do conceito de produtividade do coenunciador é apresentada como uma possibilidade (é provável...), o que funciona como uma estratégia argumentativa do enunciador VOCÊ S/A que modaliza seu enunciado a fim de preservar a face do seu coenunciador.[14]

Nesse bloco de análises, verificamos que, no que se refere à qualificação do sujeito-profissional, a revista VOCÊ S/A funciona como um meio para difundir as práticas profissionais de valorização de aspectos comportamentais para a construção de um profissional competente, priorizando a vida profissional no mundo contemporâneo. Desta forma, verificamos que a revista reforça discursos que circulam nas sociedades capitalistas, construindo a imagem de um profissional altamente produtivo e realizado.

[14] De acordo com Maingueneau (2005), a comunicação verbal é também uma relação social e, como tal, se submete às regras de polidez. Ainda segundo o referido autor, "esses fenômenos de polidez estão integrados na teoria denominada 'das faces', desenvolvida desde o final dos anos setenta principalmente por P. Brown e S. Levinson, que se inspiraram no sociólogo americano Goffman" (MAINGUENEAU, 2005, p. 38). Maingueneau (2005) mostra ainda que, segundo essa teoria, cada indivíduo tem uma face negativa, ligada ao território da intimidade, e uma face positiva, que se relaciona ao território do social. No caso do exemplo, há uma ameaça, por parte do enunciador VOCÊ S/A, à face positiva do coenunciador, pois este último é apresentado como alguém que tem convicções ultrapassadas, o que funciona como uma crítica. Ao utilizar o modalizador "é provável", o enunciador coloca essa crítica no campo das possibilidades, o que a enfraquece do ponto de vista textual.

3 DISCURSO, SUCESSO PROFISSIONAL E BIOPOLÍTICA

Neste capítulo, analisamos quais discursos acerca do sucesso profissional encontram-se materializados na revista VOCÊ S/A e como tais discursos revelam certas relações de saber/poder que controlam e regulam a vida do sujeito-profissional. Trata-se de verificar, portanto, de que forma o biopoder aparece funcionando nos textos da referida revista. Como mostramos no primeiro capítulo, a revista VOCÊ S/A, por meio de uma memória discursiva, materializa discursos acerca do sucesso profissional, e, para alcançar esse sucesso, o sujeito-profissional precisa: i) ser um sujeito motivado; e ii) ajustar-se às demandas e às exigências do mundo corporativo e empresarial, sem se descuidar da saúde, da beleza e sem perder o equilíbrio emocional. Dessa forma, os discursos sobre sucesso profissional estão diretamente relacionados à política de controle e às regulações da vida do sujeito-profissional na contemporaneidade. Tal sucesso liga-se, portanto, ao cuidado com a vida do homem, pois tal cuidado constitui uma espécie de estratégia política que serve para manter o controle sobre a conduta desse sujeito e, consequentemente, obter dele um melhor desempenho na atividade profissional, fazendo, inclusive, com que esse sujeito-profissional continue a ser produtivo, mesmo depois da aposentadoria. De acordo com o referencial teórico que adotamos na constituição deste capítulo, é possível relacionar, como dito acima, essa forma de regulação/controle da vida do sujeito profissional ao fenômeno da *biopolítica.*O deslocamento do fenômeno da biopolítica para esse trabalho se justifica pela valorização da vida biológica que passou a se constituir como elemento político por excelência. Na perspectiva foucaultiana, o interesse do poder estatal em estabelecer políticas públicas por meio das quais poder-se-ia sanear o corpo da população será de fundamental importância para as economias de mercado influenciada pelo neoliberalismo. A partir de então, as formas de controle passam a se relacionar com o eixo flexível das economias de mercado, o qual foiprofundamente marcado pelo neoliberalismo da Escola de Chicago.

Para tratarmos dessa relação entre sujeito profissional e biopolítica, recorremos às discussões teóricas empreendidas por Foucault (1975, 1976,1997, 2008) acerca das tecnologias de poder, as quais operam como controle e como formas de sujeição dos indivíduos em sujeitos ao funcionamento das sociedades modernas e contemporâneas. Esse capítulo foi divido em tópicos, os quais estão assim organizados: i) no primeiro tópico, mostramos o nascimento de uma biopolítica e como essa se consolidou na sociedade

contemporânea, para tantodiscorremos acerca das intervenções e dos controles reguladores do/no corpo social, pois defendemos que o sujeito-profissional é um sujeito moldado às exigências e demandas do mercado de trabalho e, por isso mesmo, é um sujeito que se subjetiva no lugar de aprendiz, de discípulo, de principiante; ii) no segundo tópico, mostramos o efeito de um controle da biopolítica, ou seja, discorremos acerca das consequências que essa tecnologia de poder trouxe para a sociedade e como tal tecnologia se manifesta em relação ao sujeito-profissional que almeja o sucesso; iii) no terceiro tópico, analisamos os excertos, mostrando como a revista VOCÊ S/A materializa discursos segundo os quais, para alcançar o sucesso, o sujeito-profissional deve se submeter às demandas da vida corporativa e empresarial.

3.1 Biopolítica em Foucault

Em uma edição especial[15] da revista VOCÊ S/A cujo subtítulo é *Especial Previdência,* na seção *Qualidade de Vida*, encontramos uma reportagem com o título "As 4 dimensões do futuro feliz". Além desse título, há, em seguida, um *lead* (espécie de resumo da notícia/reportagem ou de especificação do título), o qual mostra quais são essas quatro dimensões: *Saúde para continuar trabalhando, networking para ajudar na carreira, conhecimento para permanecer relevante no mercado e dinheiro para bancar seus sonhos. Aprenda a ter uma visão global de sua vida sem crachá*". A formulação do título, juntamente com o *lead*, materializa discursos que podem funcionar como exemplos daquilo que Foucault (1976) chamou de *biopolítica.* Segundo o autor, esse termo remete a formas de intervenção e a controles reguladores que funcionam em relação à população. Trata-se, portanto, de uma biopolítica da população. Com o intuito de investigar os mecanismos de saber/poder, que surgem em decorrência do aumento da população, Foucault (1976) analisa diferentes formas de domínio do poder, mostrando as transformações e a constituição de cada uma dessas formas na história. Segundo o autor, foi a partir da Época Clássica que o Ocidente conheceu uma transformação profunda nas tecnologias de poder. Essas novas tecnologias foram mapeadas por Foucault a partir do século XVII. Com base nessa arquegenealogia das formas de poder, o autor apresenta duas tecnologias de poder. A primeira, entrou em cena nos séculos XVII e XVIII, centrou-se no corpo como máquina, no seu adestramento, na ampliação de suas

[15]De acordo com a editora sênior da revista VOCÊ S/A, essa edição especial foi feita pensando em vários perfis de pessoas que não sabem como investir seu dinheiro e nos perfis de pessoas que sabem da importância de guardar dinheiro, mas não conhecem ainda as regras do jogo (VOCÊ S/A, nº 25, p. 16-19).

aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos, tudo isso, ainda segundo Foucault, assegurado por procedimentos de poder que caracterizam as *disciplinas*, as quais funcionam comoumaanátomo-política do corpo humano. Esse mecanismo de poder foi chamado por Foucault (1976) de "poder disciplinador", cuja técnica de adestramento incidia sobre o "homem-corpo". Trata-se de poderes disciplinadores que visam à administração do corpo individual e que estavam associados às necessidades do trabalho. Essa tecnologia de poder usa a punição e a vigilância como principais mecanismos para adestrar o sujeito, acreditando que, dessa forma, o homem se molde às normas e exigências estabelecidas nas/pelas instituições. Nesse contexto, as instituições como a família, a escola, o exército, a polícia, a medicina individual etc., são, segundo Foucault (1976), aparelhos disciplinadores e estão sempre a serviço do Estado.Ainda conforme o referido autor, as disciplinas têm seu espelho no interior do Estado. Vale salientar que, para Foucault (1976), a preocupação com o "homem-corpo" não diz respeito apenas à sujeição e ao aumento das habilidades do sujeito, mas relaciona-se, principalmente, ao fato de que quanto mais obediente o sujeito se tornar, mais útil será, o que garante a manutenção das relações de produção.

Os mecanismos dessa tecnologia de podercentrada no corpo individual, que Foucault (1997) chama de tecnologia disciplinar do trabalho, consistem em: i) procedimentos pelos quais se assegurava a distribuição espacial dos corpos individuais e a organização, em torno desses corpos individuais, de todo um campo de visibilidade; ii) técnicas pelas quais o poder disciplinar se incumbia desses corpos, na tentativa de aumentar-lhes a força útil através do exercício, do treinamento, etc.; iii) técnicas de racionalização e de economia estrita de um poder que devia se exercer, da maneira menos onerosa possível, mediante todo um sistema de vigilância, de hierarquias, de inspeções, de escriturações, de relatórios.

Em seu livro **Vigiar e punir –** nascimento da prisão, Foucault (1975) destaca a punição e a vigilância como mecanismos que adestram e docilizam o sujeito às exigências estabelecidas pelas instituições, daí a importância do corpo como objeto de poder, pois a vigilância, como tecnologia de poder, busca o controle dos corpos dos sujeitos. Assim, diz o autor:

> Houve, durante a Época Clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada ao corpo – ao corpo que se manipula, modela-se, treina-se, que obedece, responde, torna-se hábil ou cujas forças se multiplicam (FOUCAULT, 1975, p.134).

Como vemos, o poder disciplinar busca o domínio sobre o corpo, domínio capaz de tornar o corpo dócil e útil, submisso e produtivo. O corpo, na perspectiva foucaultiana, é objeto de investimentos imperiosos e urgentes, ele está preso no interior de poderes que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. Foucault (1975) mostra que as disciplinas[16] funcionam como fórmulas de dominação. Como dito acima, as técnicas usadas para garantir o controle dos corpos não visam somente ao aumento das habilidades do sujeito e o aprofundamento de sua sujeição, mas a formação de uma relação que torna o sujeito tanto mais obediente quanto mais útil. Daí, o autor referenciado afirmar que tais disciplinas são diferentes das técnicas de dominação do homem, como a escravidão, a domesticidade, a vassalidade e as disciplinas monásticas. Ao focar o sujeito como alvo de suas investigações, Foucault (1975) observa a formação de uma política de coerções que funciona como uma espécie de trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus gestos, de seus comportamentos e de outros elementos do corpo humano. É dessa forma que, ainda segundo Foucault (1975), o corpo humano é inserido numa espécie de maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula, para depois o recompor. Esse processo é denominado pelo autor de "anatomia politica" ou "mecânica do poder".É o processo utilizado para se ter domínio sobre o corpo dos outros, não somente para fazer o que se quer, mas para que operem como se quer, de acordo com as técnicas e operações, rapidez e eficácia determinadas. Diante disso, Foucault mostra a importância das disciplinas para a obtenção do controle sobre o sujeito. São, portanto, as disciplinas que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição de suas forças e impõem uma relação de docilidade-utilidade. Para exemplificar o modo como se dá essa disciplina do corpo, Foucault (1975) descreve a figura do soldado[17] como alguém que é fabricado, tornado dócil e útil.

---

[16] Segundo Foucault (1975), as disciplinas surgiram para garantir um ajustamento do corpo social. Ainda de acordo com o autor, "a 'disciplina' não pode se identificar com uma instituição nem com um aparelho; ela é um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo, que comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos; ela é uma 'física' ou uma 'anatomia' do poder, uma tecnologia. E pode ficar a cargo seja de instituições "especializadas" (as penitenciárias, ou as casas de correção do século XIX), seja de instituições que dela se servem como instrumento essencial para um fim determinado (as casas de educação, os hospitais), seja de instâncias preexistentes que nela encontram maneira de reforçar ou de reorganizar seus mecanismos internos de poder (um dia se precisará mostrar como as relações intrafamiliares, essencialmente na célula pais-filhos, se 'disciplinam', absorvendo desde a Era Clássica esquemas externos, escolares, militares, depois médicos, psiquiátricos, psicológicos que fizeram da família o local de surgimento privilegiado para a questão disciplinar do normal e do anormal), seja de aparelhos que fizeram da disciplina seu princípio de funcionamento interior (disciplinação do aparelho administrativo a partir da época napoleônica), seja, enfim, de aparelhos estatais que têm por função exclusiva, mas principalmente, fazer reinar a disciplina na escala de uma sociedade (a policia)" (FOUCAULT, 1975, p. 208).

[17]"Na segunda metade do século XVIII: o soldado se tornou algo que se fabrica; de uma massa informe, de um corpo inapto, fez-se a máquina de que se precisa; corrigiram-se aos poucos as posturas: lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo, assenhoreia-se dele, dobra o conjunto, torna-o perpetuamente disponível,

A segunda tecnologia de poder, conforme mostra Foucault em **História da sexualidade I** (1976) e **Em defesa da sociedade**[18](1997), começou a se formar por volta do século XVIII, centrou-se no corpo-espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos: a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade, com todas as condições que podem fazê-los variar. Em outras palavras, essa tecnologia de poder centrou-se na vida, nos processos biológicos do homem-espécie, cujos mecanismos disciplinares recaem sobre toda a população e não apenas sobre o corpo individualizante. Por isso, tais mecanismos de poder visam a uma regulamentação do corpo social. Ainda de acordo com Foucault, para obter o controle sobre a população, isto é, para controlar e modificar os eventos fortuitos que podem ocorrer numa massa viva, foi necessário uma tecnologia regulamentadora da vida. Para tanto, entram em cena os *mecanismos regulamentadores* ou *umpoder regulamentador.* Tais mecanismos são técnicas diversas e numerosas para obterem a sujeição dos corpos e o controle das populações, ou seja, trata-se te uma tecnologia preocupada em manter e prolongar a vida da população. Por isso, há uma preocupação em controlar e, eventualmente, modificar a ocorrência de eventos que podem prejudicar a população e até compensar seus efeitos. Trata-se, portanto, de uma tecnologia que visa ao equilíbrio global da sociedade, e não um treinamento individual como pretende o poder disciplinador. Vemos, então, fenômenos relativos aos humanos enquanto espécie e não mais enquanto indivíduos. Para Foucault (1976), abre-se, assim, a era de um "biopoder". Conforme o referido autor, é o momento em que a vida ganha um grande valor para a sociedade, momento em que se busca preservar a vida do homem. É dessa forma, portanto, que surge a preocupação como a saúde e com o bem estar da população, buscando baixar a morbidade, estimular a natalidade, combater doenças e melhorar a qualidade de vida da população. Salientamos que esse fenômeno de valorização da vida se deu com a entrada da própria vida na história – isto é, a entrada dos fenômenos próprios à vida da espécie humana na ordem do saber e do poder – no campo das técnicas políticas (FOUCAULT, 1976, p. 154).

Embora seja uma tecnologia nova, o biopoder não descarta nem suprime o poder disciplinador, pelo contrário, integra-se à técnica disciplinar, pois o biopoder funciona melhor na relação com o poder disciplinador. Em vista disso, Foucault (1997) constata que o conjunto de mecanismos disciplinares e o conjunto dos mecanismos regulamentadores estão em níveis diferentes e distintos, mas que ambos podem articular-se.

---

e se prolonga, em silêncio, no automatismo dos hábitos" (FOUCAULT, 1975, p. 133).

[18] O livro *Em defesa da sociedade* – Curso no Collège de France foi uma série de aulas ministradas por Foucault, entre os anos de 1975 e 1976.

Assim, Foucault (1997) mostra, então, duas séries que se referem a essas tecnologias de poder: a série corpo – organismo – disciplina – instituições; e a série população – processos biológicos – mecanismos regulamentadores – Estado (FOUCAULT, 1997, p. 298). O poder disciplinador se exerce através de instituições, como a escola, o hospital, o quartel, a fábrica, etc, e o biopoder atua através do Estado, uma vez que ele toma para si a responsabilidade de gerir a vida da população. O cuidado com a vida, segundo Foucault, passa a ser interesse do poder estatal, o qual estabelece políticas públicas com o objetivo de sanear o corpo da população, combatendo o problema da morbidade, como as doenças endêmicas, encaradas como fatores que permanentemente interferem na dinâmica da vida da população. Com isso, vemos uma tomada de poder sobre o homem enquanto ser vivo, uma espécie de estatização do biológico. Nesse contexto, para conservar a vida da população, alguns procedimentos são adotados, como por exemplo, "a introdução de uma medicina que vai ter, agora, a função maior da higiene pública, com organismos de coordenação dos tratamentos médicos, de centralização da informação, de normalização do saber" (FOUCAULT, 1997, p. 291). Essas providências garantem que se tenha um certo controle sobre os processo biológicos mencionados acima. Vemos, aqui, que quanto mais o poder biologizante se encarrega da vida, da espécie humana, mais ele tem acesso ao corpo e, consequentemente, ao poder e ao saber de controlá-lo e modificá-lo. Esse poder de controlar e de modificar a vida remete ao poder regulamentador/biopoder, o qual consiste em um poder que permite "fazer" viver e também "deixar" morrer. No tópico 3.2, mostraremos os efeitos dessa tecnologia de poder/biopolíticana vida do sujeito.

No *corpus*, deste trabalho, que é a revista VOCÊ S/A, constatamos a articulação dessas duas tecnologias de poder, as quais funcionam buscando obter a sujeição dos corpos/população aos apelos da vida na sociedade contemporânea.

É importante mencionar a contribuição do biopoder ao desenvolvimento do capitalismo, pois ambos se articulam para assegurar a vida da população. Segundo Foucault (1976), nas sociedades contemporâneas, o biopoder foi elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, pois a garantia desse biopoder só foi possível à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção, o que se deu por meio de um ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos. Nesse sentido, Foucault (1976) destaca que o capitalismo exigiu do sujeito muito mais do que apenas o controle dos corpos e o ajustamento dos fenômenos de população; foi necessário o crescimento do esforço desse sujeito, de sua utilidade e de sua docilidade; também foram necessários métodos de

poder capazes de aumentar as forças, as aptidões, a vida em geral desse sujeito. Em suas investigações sobre o biopoder, Foucault argumenta que enquanto o desenvolvimento dos grandes aparelhos de Estado, como *instituições* de poder, garantiu a manutenção das relações de produção, os elementos da biopolítica agiram no nível dos processos econômicos, do seu desenrolar, das forças que estão em ação em tais processos e as sustentam.

Para Foucault (1976), as disciplinas do corpo e as regulações da população constituem dois polos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida. Nessa perspectiva, a instalação desta tecnologia de duas faces, anatômica e biológica, individualizante e especificante, voltada para os desempenhos do corpo e também para os processos da vida, caracteriza um poder cuja função mais elevada já não é matar, mas investir sobre a vida. Sendo assim, morrer e viver deixam de ser apenas fenômenos naturais e passam a ser considerados acontecimentos que devem ser contabilizados e interpretados de modo que possam servir de base para a intervenção do biopoder. Retomando o título e o *lead* da reportagem, apresentados no início deste tópico, vemos o funcionamentode um poder cuja preocupação é a administração dos corpos e a gestão calculista da vida, de forma que o sujeito continue a ser útil e dócil. Do ponto de vista foucaultiano, esse funcionamento é possível, em virtude de uma política voltada para as leis econômicas do mercado associadas às determinações da genética. Diante disso, a política econômica impõe a necessidade de mecanismos de investimentos que o indivíduo precisa fazer nele mesmo para que o capital humano seja melhorado, conservado e utilizado pelo maior tempo possível, pois é esse capital que produzirá renda. Essa estratégia de o indivíduo empresariar a si mesmo faz parte da política econômica neoliberal.

Dessa forma, há, no excerto citado, a materialização de um discurso segundo o qual o sujeito deveinvestir no capital humano (empresário de si mesmo) para obter melhoria na renda e, por conseguinte,buscar a longevidade, melhorar o seu nível de saúde, continuar a conquistar coisas, enfim, estar sempre ativo e produtivo na sociedade, sem que essa sujeição seja vista de forma penosa. Continuando com o pensamento foucaultiano, vemos que, antes da época clássica, o poder se exercia sobre o direito de *causar* a morte ou de *deixar* viver, e esse direito, típico das sociedades monárquicas até o século XVII, era o soberano quem o detinha. De acordo com esse teórico, era um direito de *fazer* morrer e *deixar* viver, um poder absoluto que só se exercia sobre a vida na medida em que o soberano podia matar e não deixar viver. Nessas sociedades, o poder era direito de apreensão das coisas, do tempo, dos corpos e, finalmente, da vida; culminava com o privilégio de se apoderar da vida para suprimi-la. Neste

caso, a vida e a morte não são consideradas fenômenos naturais. Conforme com o autor, foi a partir do século XVII que o Ocidente conheceu uma transformação profunda desses mecanismos de poder. As novas formas de poder, citadas acima, têm as seguintes funções: incitação, reforço, controle, vigilância, majoração e organização das forças que lhe são submetidas. Trata-se, em outras palavras, de um poder destinado a produzir forças, a fazê-las crescer e a ordená-las. Desta forma, Foucault (1976) afirma haver um deslocamento do direito de morte para o apoio às exigências de um poder que gere a vida e que se organiza em função de seus apelos. Em contrapartida, ele observa que jamais as guerras foram tão sangrentas, como a partir do século XIX, e que, até então, os regimes políticos nunca haviam praticado holocaustos em suas populações. A morte, que se fundamentava no direito do soberano de se defender ou de pedir que o defendessem, vai aparecer como o reverso do direito do corpo social de garantir sua própria vida, mantê-la ou desenvolvê-la. A partir disso, Foucault destaca que:

> Esse formidável poder de morte[...] apresenta-se agora como o complemento de um poder que se exerce, positivamente, sobre a vida, que empreende sua gestão, sua majoração, sua multiplicação, o exercício, sobre ela, de controles precisos e regulações de conjunto. As guerras já não se travam em nome do soberano a ser defendido; travam-se em nome da existência de todos; populações inteiras são levadas à destruição mútua em nome da necessidade de viver. Os massacres se tornam vitais. Foi como gestores da vida e da sobrevivência dos corpos e da raça que tantos regimes puderam travar tantas guerras, causando a morte de tantos homens. E, por uma reviravolta que permite fechar o círculo, quanto mais a tecnologia das guerras voltou-se para a destruição exaustiva, tanto mais as decisões que as iniciam e as encerram se ordenaram em função da questão nua e crua da sobrevivência. A situação atômica se encontra hoje no ponto de chegada desse processo: o poder de expor uma população à morte geral é o inverso do poder de garantir a outra sua permanência em vida (FOUCAULT, 1976, p. 149).

Em decorrência disso, as novas tecnologias de poder vão se impondo para garantir e sustentar a vida da espécie humana. Ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX, segundo a perspectiva foucaultiana, vemos instituir-se o princípio de poder matar para poder viver, o qual sustentava as táticas dos combates, tornar-se um princípio de estratégia entre Estados, com a diferença de que a existência em questão já não é a jurídica (da soberania), masé a biológica (da população).

Diante do exposto, Foucault mostra que, na sociedade contemporânea, o controle é o ponto central do poder, e esse controle acontece por meio de procedimentos que buscam organizar, definir e articular os saberes. E para o autor, o dispositivo da sexualidade é a grande

tecnologia do poder no século XIX.

3.2 Efeitos de um “controle da população”

A passagem da sociedade disciplinar para a sociedade reguladora trouxe consigo algumas consequências acerca da dinâmica da vida. Com o nascimento de uma biopolítica, Foucault (1997) destaca três coisas importantes a serem consideradas: i) a primeira se refere à noção de “população”, um novo corpo múltiplo e numerável, a ela se dirige a nova tecnologia de poder; ii) a segunda é a natureza dos fenômenos que são levados em consideração – são fenômenos coletivos cujos efeitos econômicos e políticos só se tornam perceptíveis no nível das massas, isto é, no plano coletivo; iii) a terceira está relacionada à implantação de mecanismos reguladores cujo objetivo é fixar o equilíbrio e otimizar o estado de vida da população. Para tanto, é preciso baixar a mortalidade, ampliar a expectativa de vida, melhorar a qualidade de vida, estimular a natalidade, enfim, por meio de previsões, de estatística, de medições globais, administrar o corpo social para desenvolver e proteger a vida da população. Diante de todas essas considerações, Foucault mostra que a biopolítica se ocupa da centralização da informação e da normalização do saber.

Essa nova tecnologia, cuja centralidade é a manutenção da vida, agrupa os efeitos de massa próprios de uma população, procura controlar uma série de eventos fortuitos que podem ocorrer numa massa viva e também procura controlar a probabilidade desses eventos, e ainda compensar seus efeitos. Em relação aos efeitos dessa biopolítica na vida da população, verificamos que o poder estatal investe na intensificação da vida por meio da anulação da própria vida, ou seja, a partir do momento em que o sujeito é visto apenas como um ser vivo, dotado de utilidade e de valor político e econômico, sua individuação torna-se inexistente.

Para o filósofo Foucault, o Estado possui aparelhos disciplinadores que atuam de forma a moldar e controlar o comportamento do sujeito diante do corpo social. Temos assim, dois mecanismos de poder – um disciplinador e outro regulamentador - que se encontram em diferentes níveis, integrando-se. Por isso, como dito no tópico anterior, poder disciplinador (Instituições) e poder regulamentador (Estado) se articulam entre si para fazer funcionar o biopoder. O funcionamento dessa tecnologia de poder coloca a população como o elemento fundamental da riqueza e da potência do Estado, pois ela é a força que produz riquezas.

Conforme Foucault, em detrimento ao avanço desse biopoder, preocupado em

prolongar a vida, o racismo[19] vai ser o elemento, no interior da população, que serve para defasar uns grupos em relação a outros. Nesse sentido, Foucault (1997) destaca que, em tempos de biopoder, é o *racismo de Estado* que se instaura.

A reflexão desse filósofo sobre racismo no biopoder surge da constatação de que essa tecnologia de poder busca, essencialmente, prolongar a vida, aumentar sua duração, multiplicar suas possibilidades, desviar seus acidentes, ou, então, compensar suas deficiências. A partir de tal constatação, Foucault (1997) mostra o modo por meio do qual o biopoder expõe à morte os seus inimigos e os seus próprios cidadãos. O autor afirma que, mesmo uma tecnologia centrada na vida, também tem o poder de deixar morrer. E, no caso do biopoder, isso é possível a partir da inserção do racismo como mecanismo fundamental de poder.

Para o filósofo em questão, o racismo é o meio de introduzir um corte entre o que deve viver e o que deve morrer. Esse corte será feito por meio de critérios biológicos, que, segundo Foucault, estabelecem a distinção das raças, a hierarquia das raças, a qualificação de certas raças como boas e de outras como inferiores; essa é uma maneira de fragmentar o campo do biológico de que o poder se incumbiu; uma maneira de defasar, no interior da população, uns grupos em relação aos outros. Portanto, a primeira função do racismo é de fragmentar, fazer cesuras no interior desse contínuo biológico a que se dirige o biopoder.

Outra função do racismo, destacada por Foucault, consiste numa "relação guerreira: para viver é preciso que você massacre seus inimigos" (FOUCAULT, 1997, p. 305). Essa relação tem como função permitir uma relação positiva: quanto mais você deixar morrer, mais, por isso mesmo, você viverá. O autor também destaca que não foi o racismo, nem o Estado moderno que inventou tal relação. Estes colocam apenas em funcionamento essa relação de tipo guerreiro. Nesse sentido, Foucault mostra que tal relação já existe no campo das espécies, ou seja, é uma relação de tipo biológica: quanto mais as espécies inferiores tendem a desaparecer, quanto mais os indivíduos "anormais" forem eliminados, menos degenerados haverá em relação à espécie, mais o sujeito – não enquanto indivíduo, mas enquanto espécie – viverá, mais forte será, mais vigoroso será, mais poderá proliferar. Em

[19]Para Foucault o racismo não surgiu ou foi inventado no século XIX.Segundo o referido autor, o racismo já existia há muito tempo, mas funcionava de outro modo. O autor ainda diz que o racismo com o qual trabalha está muito longe de um racismo que seria uma espécie de operação ideológica pela qual os Estados, ou uma classe, tentariam desviar, para um adversário mítico, hostilidades que estariam voltadas para esse Estado/essa classe ou agitariam o corpo social. Vale salientar, ainda, que Foucault (1997), também não se refere ao racismo propriamente étnico. Trata-se de um racismo que, em certo sentido, permite a destruição do outro.

vista disso, o “deixar morrer”, na perspectiva do biopoder, torna-se algo necessário, pois a morte da raça ruim, da raça inferior (dos degenerados, dos anormais) deixará a vida em geral mais sadia e mais pura.

Essa relação biológica põe em evidência a função assassina do Estado, uma vez que este funciona, na lógica do biopoder, pelo racismo. E o racismo, por sua vez, funciona como a condição de aceitabilidade para se tirar a vida numa sociedade de normalização. Para Foucault (1997), o tirar a vida não é entendido apenas como um assassínio direto, mas também como um assassínio indireto, ou seja, o expor à morte. Trata-se, pois, de multiplicar, para alguns, o risco de morte ou, simplesmente, a morte política, a expulsão, a rejeição, etc. É nesse ponto, conforme Foucault, que se estabelece o vínculo entre a teoria biológica do século XIX e o discurso do poder. Com isso, o evolucionismo, entendido como hierarquia das espécies, a luta pela vida entre as espécies, seleção que elimina os menos adaptados, constitui uma maneira de pensar as relações da colonização[20], a necessidade das guerras, a criminalidade, os fenômenos da loucura e da doença mental, a história das sociedades com suas diferentes classes, etc. É, portanto, dessa forma que a sociedade moderna, a qual funciona ao modo do biopoder, permite e possibilita o desenvolvimento do racismo.

Ainda acerca do funcionamento do biopoder, Foucault afirma que:

> O racismo assegura a função de morte na economia do biopoder, segundo o princípio de que a morte dos outros é o fortalecimento biológico da própria pessoa na medida em que ela é membro de uma raça ou de uma população, na medida em que se é elemento numa pluralidade unitária e viva (FOUCAULT, 1997, p. 308).

Vemos, assim, que não se trata de um racismo de desprezo e/ou de ódio, ou ideológico. Trata-se, segundo nos esclarece Foucault (1997), de um racismo muito mais profundo, moderno, estatal, biologizante, que está ligado ao biopoder, a um mecanismo que permite que essa tecnologia de poder se exerça. O racismo é ligado ao funcionamento de um Estado que é obrigado a utilizar a raça, a eliminação das raças e a purificação da raça para exercer seu poder soberano. É, pois, por meio do racismo, que se faz o biopoder funcionar, fazendo-o também exercer os direitos da guerra, do assassínio e da função da morte.

Em seu curso de 1978-1979, intitulado de **Nascimento da biopolítica**, Foucault (2008) faz um deslocamento importante em relação às análises feitas em **Em defesa da**

[20] O racismo, para Foucault (1997), vai se desenvolver como *primo*da colonização, ou seja, juntamente com genocídio colonizador.

sociedade. Ele se detém no funcionamento de certos processos de governamentalização do indivíduo. Para isso, seu olhar se volta para o eixo das economias de mercado influenciadas pelo neoliberalismo da Escola de Chicago.Sob o neoliberalismo econômico, o homem é compreendido em termos de *homo oeconomicus*, isto é, um empresário de si mesmo, sendo ele próprio seu capital, sendo para si mesmo seu produtor e sendo para si mesmo a fonte de sua renda (FOUCAULT, 2008, p. 311). A essa concepção de que o *homo oeconomicus* é um empreendedor de si mesmo é apresentado como a teoria do "capital humano"[21]. Desta forma, ao acrescentar uma nova consideração sobre a biopolítica, o autor nos apresenta a fusão entre o *homo oeconomicus*e a teoria do capital humano, sob a ótica do neoliberalismo econômico.

Neste curso, proferido entre 1978 e 1979, Foucault (2008) mostra que o indivíduo havia se transformado em agente econômico, e como tal precisava reconhecer, ampliar e estimular suas habilidades e competências profissionais, com o objetivo de mostrar-se mais competitivo para o mercado de trabalho.Deste modo, Foucault mostra que a genética será a via por meio da qual o *homo oeconomicus* poderá investir em melhorias do capital humano, ou seja, desenvolver suas capacidades e habilidades, assim como também poderá controlar alguns fatores de riscos provenientes de doenças geneticamente herdadas, tudo sendo controlado também pelo próprio indivíduo. Doenças que poderiam inibir as potencialidades do indivíduo, colocando-o em situação desfavorável em relação à competição no mercado de trabalho, passam a ser por ele controladas. É claro, que este controle só é possível em virtude de o indivíduo ter se tornado governável e manipulávelpor meio da política econômica neoliberal.

Através dessa política econômica neoliberal, Foucault (2008) nos mostra que o processo de governamentalização do indivíduo se dá em nome de uma lei de mercado. Nesse contexto, cabe ao Governo governar para o mercado, tendo, portanto, uma ação muito mais de fiscal ede controlador das populações e dos indivíduos, com a finalidade de garantir o bom funcionamento dos mecanismos das leis do mercado. Ao ver se exercer esse tipo de autonomia do mercado, Foucault verifica que a política neoliberal busca filtrar e limitar o poder do Estado, sem negar a sua importância. Para o autor, "o mercado já não é um princípio de autolimitação do governo, é um princípio que é virado contra ele" (FOUCAULT, 2008, p.339).

No que diz respeito à revista VOCÊ S/A, vemos, em muitos momentos, a

[21] Segundo Foucault (2008), vai ser chamado "capital humano" na medida em que, justamente, a competência-máquina de que ele é a renda não pode ser dissociada do indivíduo humano que é seu portador (FOUCAULT, 2008, p. 311-312).

materialização do funcionamento do biopoder. Ao longo de suas páginas, encontramos um conjunto de regras e técnicas necessárias para a construção de uma forma de "ser" do sujeito-profissional, e esta forma de "ser" o conduz ao alcance do tão esperado sucesso. No tópico seguinte, mostramos como se dá tal funcionamento.

3.3 Análises: VOCÊ S/A e a biopolítica

Neste tópico, analisamos alguns excertos que compõem o *corpus* desta dissertação. Para melhor apresentação dos referidos excertos, dividimos os mesmos em subtópicos, separando-os por subtemas, pois acreditamos que em conjunto, os dados ficam mais visíveis e podem ser mais bem analisados.

Com o objetivo de ajudar o sujeito-profissional a alcançar o sucesso na carreira, e, consequentemente, a felicidade, a revista VOCÊ S/A, ao longo de suas páginas, propõe diversas estratégias e mecanismos para obter a sujeição desse sujeito. Trata-se, mais especificamente, da apresentação de "verdades sobre o sucesso", as quais são discursivizadas na/pela referida revista. Salientamos, ainda, que os excertos aqui analisados foram coletados em diferentesedições e seções da VOCÊ S/A, pois, com base na análise de discurso, defendemos que os discursos ali materializados independem do gênero textual.

Partimos da hipótese de que a revista VOCÊ S/A segue tanto a lógica de um poder disciplinador quanto à de um poder regulamentador. Pois, se as mídias funcionam como lugar de memória discursiva onde se materializam discursos que circulam na sociedade, como defende Fonseca-Silva (2007) e como mostramos no capítulo anterior, então, elas também funcionam como práticas discursivas institucionais. Em vista disso, a revista VOCÊ S/A segue a lógica de um poder disciplinador, uma vez que se dirige aos sujeitos individualmente com o intuito de moldá-los a certas normas. Contudo, essas "normas" são ditadas por um poder regulamentador. Nessaperspectiva, a revista funciona também segundo as regras de um biopoder.

3.3.1 O sucesso e sua relação com a imagem

Os excertos abaixo fazem parte de uma matéria, cujo título é *Vale o investimento?*,que pertence à seção *Dinheiro – Marketing Pessoal*. A matéria mostra a relação entre imagem pessoal e sucesso. Verificamos nos excertos abaixo, como o poder disciplinador encontra-se materializado na referida reportagem:

(22) *Elegância a baixo custo* – confira algumas dicas para se apresentar melhor no trabalho sem elevar os gastos com o guarda-roupa. – Economize informações: prefira roupas com cores neutras a combinações com muitas estampas e cores. De modo geral, respeite a regra de nunca ultrapassar o limite de uma peça ou acessório com cor ou estampa chamativa. - Preste atenção ao caimento: a roupa não deve estar muito justa nem larga demais. A barra da calça deve estar sempre bem feita. – Aparência de qualidade: peças mais estruturadas, como casacos, calças e vestidos produzidos em tecidos mais grossos e firmes, e acessórios com linhas simples, sem muitos detalhes, devem ser priorizados. "Bolsas com muitas ferragens, por exemplo, têm a tendência de parecer muito baratas", diz Silvana Bianchini diretora da DressCode Consultoria de Imagem, de são Paulo. – Capriche na higiene pessoal: barba bem aparada,unhas bem cuidadas e cabelos bem cortados, sem raízes por tingir, não podem ser negligenciados. – Não exagere na dose: a maquiagem é bem-vinda no ambiente de trabalho, mas deve ser discreta, sem o uso de cores fortes. Homens e mulheres devem evitar a armadilha de exibir muitos logotipos de marcas famosas, o que pode soar como ostentação. (VOCÊ S/A, agosto de 2015, grifamos)

(23) "Se eu não chegar bem vestido, não vendo a credibilidade da minha empresa" (VOCÊ S/A, agosto de 2015, grifamos).

(24) Para reforçar seu estilo elegante, a advogada aposta nas joias. "Além de um gosto pessoal, é um sinal de status entre as mulheres de sucesso da minha área" (VOCÊ S/A, agosto de 2015, grifamos).

Na perspectiva foucaultiana acerca da biopolítica, os excertos acima mostram a sujeição do sujeito aos reclamos da vida profissional, buscando, com isso, alcançar o sucesso profissional. Verificamos que o sujeito não é "livre" para determinar ou escolher o caminho que o levará ao sucesso, pelo contrário, o que vemos é a existência de um modelo já forjado/construído de um profissional de sucesso, modelo fabricado por uma sociedade que precisa manter o controle sobre a população. O que vemos é um sujeito submisso às tecnologias de poder. Na lógicafoucaultiana, vemos aqui a reconfiguração de uma "fisionomia do soldado", de forma mais sofisticada, em que o sujeito é treinado para submeter-se às necessidades políticas da sociedade. Salientamos, contudo, que a revista VOCÊ S/A funciona como um veículo para difundir discursos que circulam na sociedade, ou seja, os discursos materializados ali não são originados/produzidos pela referida revista, tais discursos encontram-se apenas materializados nas reportagens do periódico.

Desta forma, o sujeito VOCÊ S/A, ao vincular a aparência ao sucesso profissional, mostra uma forma desse sujeito-profissional ser/parecer, ou seja, de se mostrar. Nessa perspectiva, vemos, na discursividade da revista, que a boa aparência é recompensada e a má

aparência é penalizada, o que é bem típico da tecnologia do poder disciplinar. Nas formulações linguísticas dos itens (22), (23) e (24),identificamosuma mesma posição de sujeito, em que a imagem pessoal é considerada um indicador de ascensão na carreira, o que significa que, na discursividade da revista VOCÊ S/A, o sucesso profissional se manifesta pela aquisição de bens de consumo e, mais especificamente, no que se refere às análises desse subtópico, de embelezamento, os quais são representativos de poder, *status*, credibilidade e competência.

No excerto (22), as expressões "Economize informação", "Preste atenção ao caimento", "Aparência de qualidade", "Capriche na higiene pessoal" e "Não exagere na dose" mostram o funcionamento de uma biopolítica, cujo objetivo é moldar e tornar dócil o sujeito-profissional para que ele tenha uma conduta desejada, isto é, para que tal sujeito possa se adequar às exigências do mundo corporativo. Tais expressões materializam discursos segundo os quais o sujeito-profissional deve seguir uma espécie de cartilha de etiqueta comportamental para poder se apresentar no trabalho. Há, pois, uma prescrição de uma série de comportamentos indicados pelo enunciador VOCÊ S/A, o qual fala da posição de quem detém a verdade, o saber e, por isso, pode dizer o que fazer e o que não fazer no ambiente de trabalho para se chegar ao sucesso. É desta forma que, segundo Foucault, o biopoder é exercido sobre o sujeito, poder em que o corpo pode ser controlado, disciplinado e transformado pela técnica da consultoria de imagem e de gestão de carreira. Vemos, assim, que, na lógica do biopoder, o sujeito não é dono de suas ações, ele é apenas alguém que segue certas prescrições para poder fazer parte da população. Salientamos, contudo, que a lógica do biopoder não é uma lógica da exclusão, mas, ao contrário, trata-se de uma lógica inclusiva, pois, em vez de "descartar" os que não se adéquam, o sujeito VOCÊ S/A busca, por meio de "prescrições" e/ou "dicas" incluir os que poderiam ficar excluídos.

Em relação ao excerto (23), temos, na primeira parte, uma oração condicional, "se eu não chegar bem-vestido", a qual materializa certa memória referente às tecnologias do poder disciplinador, cuja técnica é disciplinar o corpo aos apelos da sociedade contemporânea, a fim de conseguir a sujeição do sujeito. Neste caso, vemos a materialização do pré-construído de que o sujeito-profissional deve se apresentar bem-vestido, o que mostra o funcionamento de um discurso segundo o qual existe uma forma de se vestir própria ao sujeito-profissional que quer alcançar o sucesso. A segunda parte do excerto, "não vendo a credibilidade da minha empresa", que se apresenta como consequência da condicional, surge como uma espécie de penalidade/punição dada ao sujeito por ele não seguir os apelos do mundo empresarial. Desse

modo, não sujeitar-se à imagem adequada de sujeito-profissional implica uma exclusão da ordem, e, portanto, uma exclusão do mercado de trabalho, o que impedirá que se tenha sucesso na carreira profissional. É, também, nessa dimensão da sujeição que Foucault discute os efeitos de uma biopolítica na população: quem não se adequa ao sistema sofre rejeição e censura.Numa economia neoliberal, na qual o sujeito foi transformado em agente econômico, ele precisa constantemente investir nele mesmo (empreendedor de si mesmo), de forma a ampliar suas capacidades e habilidades profissionais com o objetivo de continuar competitivo no mercado de trabalho. Nesse sentido, o referido autor afirma ser essa "uma maneira de defasar, no interior da população, uns grupos em relação a outros" (FOUCAULT, 19975, p. 304), afinal é fazendo tal distinção que essa tecnologia de poder centrada na vida "faz viver" e "deixa morrer". Vemos, ainda em relação ao excerto 23, a existência de um pré-construído segundo o qual a credibilidade das empresas é uma necessidade, tal pré-construído veicula-se ao discurso de que o sucesso da empresa depende da credibilidade que ela tem diante de seus clientes, e essa credibilidade é alcançada por meio da imagem/aparência de seu representante.

Em relação à materialidade linguística do excerto (24), a expressão "é um sinal de status entre as mulheres de sucesso" apresenta dois pré-construídos: o primeiro é o de que o sucesso tem sinais, e estes se mostram no corpo físico do sujeito, o que relaciona o sucesso à aquisição de bens materiais; o segundo pré-construído é o de que existem mulheres de sucesso e estas usam joias. Além disso, na expressão referencial "mulheres de sucesso", o qualificador "de sucesso" mostra que existem mulheres que não são afetadas pelo sucesso. Na segunda parte do excerto, que traz uma declaração em discurso direto, a palavra "sinal" é um hiperônimo de "joia", palavra que aparece na primeira parte do excerto. Dessa forma, a advogada, que é trazida pelo enunciador da revista como exemplo de elegância, é apresentada como alguém que recorre às joias para mostrar-se como uma "mulher de sucesso da (sua) área", ou seja, da área do Direito. Assim, além de mostrar as joias como sinal de sucesso, o enunciador VOCÊ S/A apresenta um outro pré-construído segundo o qualo Direito é uma área predominantemente ocupada por homens, porémtambém existem mulheres de sucesso na área do Direito. Tal pré-construído funciona como uma espécie enaltecimentoda referida área, pois mostra que se trata de uma carreira profissional na qual é possível alcançar o sucesso e a prosperidade financeira.Em síntese, o excerto (24) materializa, por meio de um efeito da memória sobre a atualidade, discursos segundo os quais as joias são símbolos de *status*, de poder e de sucesso; e também discursos que mostram a área jurídica como uma carreira promissora e com expectativa de dar visibilidade ao sujeito-profissional.

Os exemplos acima mostram que, na discursivização da revista sobre o sucesso, a aparência (formas de se vestir, marcas no corpo etc.) interfere nas chances de se alcançar ou não o referido sucesso. É o que também mostram os excertos a seguir:

> (25) De acordo com uma pesquisa da Universidade Rice, dos Estados Unidos, feita com profissionais em busca de um emprego, sinais faciais marcantes, como cicatrizes, distraem os recrutadores e fazem com que eles não foquem no conteúdo do candidato, só em seu aspecto exterior (*Você S/A*, agosto de 2012,).
>
> (26) Quando há dois candidatos com habilidades idênticas disputando uma vaga, corre-se o risco de usar a aparência como critério de desempate (*Você S/A*, agosto de 2012, seção).

Notamos na materialidade linguística dos excertos (25) e (26) efeitos de sentido segundo os quais o visual e a imagem física do sujeito-profissional são itens desejados pelas empresas e, também, pelos empreendedores. Nesse particular, há uma memória segundo a qual defeitos físicos, e, principalmente, descuidos com o próprio corpo são traços de certa anormalidade e marcas de uma incapacidade, sendo, portanto, rejeitados e/ou desprezados.

Nos excertos (27), (28) e (29) vemos, mais uma vez, o biopoder funcionando de forma pontual sobre o corpo do sujeito, transformando-o e moldando-o de acordo com a demanda da sociedade contemporânea, de forma que os sinais dessa mudança sejam reconhecidos na superfície do corpo. Dessa forma, nos enunciados[22] da revista VOCÊ S/A, vemos funcionar discurso(s) segundo os quais o sujeito-profissional pode, com a ajuda de sua imagem física, alcançar o sucesso na carreira. Para tanto, é preciso disciplinar esse sujeito segundo as regras de funcionamento do mercado de trabalho. Nesse particular, o enunciador VOCÊ S/A fala do lugar da verdade, do saber-fazer e, por isso mesmo, mostra-se como capaz de ensinar o leitor que se subjetiva no lugar de sujeito-profissional a assumir a postura de um profissional/empreendedor de sucesso. Vejamos os excertos:

> (27) Ficar bem na foto – Autenticidade e credibilidade por meio da imagem (*Você S/A*, janeiro de 2012, grifamos)
>
> (28) Suas roupas expressam atributos de personalidade. Por meio delas, você pode elevar o status profissional (*Você S/A*, janeiro de 2012, grifamos)
>
> (29) A Vantagem da Beleza – Estudos revelam que profissionais bonitos têm

[22] Enunciado, em Pêcheux, é tudo aquilo que foi dito e que pode ser descritocomo uma materialidade linguística (PÊCHEUX, 1983).

> mais chances de sucesso profissional. O segredo dos belos: boa aparência mantém a autoestima em alta (*Você S/A*, agosto de 2012, grifamos)

No excerto (27), a expressão "ficar bem na foto" faz funcionar um pré-construído segundo o qual existe uma forma/regra/segredo para se ficar bem no momento de ser fotografado. Tal pré-construído faz emergir uma memória, a qual funciona na relação com a atualidade do enunciado, segundo a qual o sujeito, nesse caso o sujeito-profissional, precisa seguir algumas recomendações para estar sempre com uma boa aparência, o que faz funcionar, também pelo efeito de uma memória sobre a atualidade, o discurso de que é também por meio da aparência que se reconhece um profissional bem sucedido. As palavras "foto" e "imagem" estão em relação de paráfrase. Nesse caso, a relação que se estabelece é de que a "imagem" do sujeito-profissional precisa ficar gravada na mente de seus clientes como ocorre em uma "fotografia", isto é, esse sujeito-profissional deve-se apresentar sempre com uma boa aparência para que esta imagem positiva fique gravada na memória de seus clientes. Ainda segundo o excerto (27), é a autenticidade e a credibilidade que devem emergir da imagem desse sujeito profissional. A expressão "ficar bem na foto" funciona quase como um *slogan*, uma espécie de aforização, no sentido de Maingueneau (2010)[23]. Aqui, o verbo "ficar" no infinitivo mostra que a posição de sujeito é preenchida pelo próprio leitor, que assume o lugar de coenunciador. Em outras palavras, o enunciador interpela o sujeito-profissional a se apresentar bem diante de seu público. Para tanto, o enunciador VOCÊ S/A, o qual fala do lugar de quem sabe como se produzir para passar uma imagem de autenticidade e de credibilidade, funciona como uma espécie de instrutor, o qual ensina seu coenunciador a arte do "ficar bem". Na continuidade do enunciado, a expressão "autenticidade e credibilidade por meio da imagem" remete a discursos segundo os quais o sujeito-profissional pode transmitir tais virtudes/qualidades por meio de seus trajes. Nesse sentido, assim como defende Foucault quando explica o funcionamento da biopolítica, o corpo é superfície onde se manifestam as práticas de controlee tal controle se manifesta de acordo com os princípios do *homo*

[23]Maingueneau (2010; 2014) apresenta a noção de aforização para tratar de um tipo especial de enunciado. Trata-se de enunciados supostamente sem texto ou, mais especificamente, de um tipo de enunciação "que obedece a uma economia diferente da do texto" (MAINGUENEAU, 2014, p. 28). No caso do enunciado "Ficar bem na foto", vemos que tal expressão aparece destacada do texto fonte, como se fosse uma espécie de *slogan*, ou uma frase que resume todo o texto. Além disso, a própria construção da frase, formada por um verbo no infinitivo (ficar) atrelado a um advérbio de modo (bem) e seguidos da expressão "na foto", a qual indica o local onde se deve "ficar bem", mostra que não há o estabelecimento de uma interlocução, mas apenas a voz de um locutor ou, nas palavras de Maingueneau, de "uma instância que fala a uma espécie de 'auditório universal' (Perelman), que não se reduz a um destinatário localmente especificado" (Maingueneau2010, p. 13). Para mais detalhes acerca da noção de aforização, remetemos o leitor aos textos de Maingueneau (2010) e Maingueneau (2014).

oeconomicus e da teoria do capital humano . Isso explica a relação entre imagem/boa aparência e sucesso.

No excerto (28), a expressão "suas roupas expressam atributos de personalidade" faz funcionar, pelo efeito de uma memória discursiva, um discurso segundo o qual a forma de se vestir releva traços da personalidade do sujeito-profissional. Nesse caso, as roupas (assim, como as joias) são ícones que podem elevar o *status* desse sujeito. E essa elevação do *status*, na lógica do biopoder, pressupõe alcançar o sucesso. A expressão referencial definida "atributos de personalidade" indica a existência de uma memória segundo a qual as qualidades da personalidade do sujeito-profissional são marcadas na superfície do próprio corpo. Aqui, a expressão "de personalidade" funciona como um qualificador da palavra "atributos", o que indica que há outros atributos que não são "de personalidade". Contudo, o efeito de sentido criado com o uso dessa expressão é o de que, para se alcançar certo "*status* profissional", são esses atributos que são valorizados. Vemos, ainda neste excerto, a materialização de um discurso segundo o qual elevar o *status* profissional consiste num dos objetivos do sujeito-profissional. Mais uma vez, o enunciador VOCÊ S/A apresenta-se como capaz de indicar e prescrever quais as roupas que esse sujeito-profissional deve usar para que seus "atributos de personalidade" sejam destacados e, consequentemente, para que seu *status* profissional seja elevado.

No excerto (29), a expressão referencial "a vantagem da beleza" cria um pré-construído segundo o qual existe vantagem na beleza. Isso mostra, por um efeito da memória sobre a atualidade, que a beleza é um atributo capaz de levar o sujeito-profissional ao sucesso. Nessa perspectiva, considerando que os discursos remetem sempre a ocorrências anteriores, a existência da "vantagem da beleza" é trazida de outro lugar para sustentar o argumento de que "profissionais bonitos têm mais chances de sucesso profissional". Vemos, mais uma vez, o enunciador VOCÊ S/A assumir a tarefa de orientar e ensinar seu coenunciador a tornar-se mais bonito, atraente e "adequado" ao seu ambiente de trabalho. Por esse ângulo, o enunciador VOCÊ S/A fala do lugar do *personalstylists*, do consultor de moda e do consultor de imagem. Verificamos, ainda, que a palavra "beleza", parafraseada pela expressão "boa aparência", presente no segundo período do enunciado, é apresentada aqui como um segredo. Segredo não para esconder, mas para ser revelado e compartilhado com o coenunciador VOCÊ S/A, pois, segundo o enunciador da referida revista, a boa aparência é construída por meio de técnicas, cujo objetivo é disciplinar o corpo e manter a regulação dos profissionais que almejam o sucesso na carreira. Desta forma, investe-se na beleza por meio de "toda uma

teia de discursos, de saberes, de análises e de injunções" (FOUCAULT, 1976).

Na materialidade linguística dos excertos aqui apresentados, vemos a materialização de discursos que circulam na contemporaneidade, discursos segundo os quais a beleza e a boa aparência são atributos positivos e devem ser exaltados por aqueles que querem se tornar profissionais bem-sucedidos. Diante disso, na discursivização da revista sob análise, beleza e sucesso são elementos que coexistem, afinal, o discurso de que a beleza atrai o sucesso sempre circulou ao longo do tempo e, por meio da memória, esse discurso é retomado/reatualizado nos excertos aqui analisados.

3.3.2 O sucesso e sua relação com a saúde do corpo e da mente

As formulações apresentadas nesse subtópico mostram, assim como no tópico anterior, como a biopolítica funciona no interior de uma sociedade. A diferença entre os dois tópicos é que aqui vemos que o cuidado com o corpo e também com a mente, faz parte das técnicas utilizadas por quem almeja alcançar o sucesso profissional. Na lógica do biopoder, o cuidado com a vida será de interesse do Estado, pois, por meio desse cuidado, é possível manter o corpo do sujeito e o corpo da população sempre ativos e produtivos. A esse respeito, vejamos alguns excertos:

(30) Plante Saúde – cultivar temperos em casa pode ser uma opção saudável (Você S/A, maio de 2011, grifamos)

(31) Alicerce para uma vida feliz – Quem cuida bem do dinheiro coloca em ordem a saúde, a vida familiar e tem mais disposição e foco para se concentrar na carreira e nos projetos pessoais (*Você S/A*, setembro 2011, grifamos).

(32) Ser mais saudável – Invista em seu bem estar.(*Você S/A*, janeiro de 2012, grifamos).

(33) É preciso estar bem para viver bem e trabalhar de forma produtiva. (*Você S/A*, janeiro de 2012, grifamos).

(34) Derrube os maus hábitos – Professores da escola de negócios suíça IMD mostram o que os gestores devem fazer para transformar o comportamento de seus subordinados e criar equipes mais motivadas e flexíveis. (*Você S/A*, julho de 2015).

(35) Muito além da ginástica laboral. Com clínicas de diversas especialidades médicas, serviços telefônicos com orientação psicológica, jurídica e financeira e até sessões de terapias alternativas, as empresas têm elevado a produtividade e reduzindo o absenteísmo.

(*Você S/A*, novembro de 2015, grifamos).

(36)No local, os 1.300 colaboradores que trabalham na sede terão acesso a atendimento médico, consultas com psicólogos e consultores financeiros, além de poder participar de programas antitabagismo e de controle de peso. Por trás desse investimento, está a crença de que trabalhadores saudáveis e motivados produzem mais (*Você S/A*, novembro de 2015, grifamos).

Na materialidade linguística do excerto (30), vemos um pré-construído segundo o qual a saúde existe e pode ser cultivada. Esse pré-construído, o qual funciona como indício da ação da memória sobre a atualidade, faz funcionar um efeito de sentido segundo o qual o sujeito-profissional precisa ter saúde para lidar com as pressões do trabalho e também para ser mais produtivo. Portanto, cabe a esse sujeito o dever de cultivar práticas saudáveis que aumentarão suas forças e, consequentemente, o farão ter mais motivação para o trabalho, o que é apresentado, na discursividade da revista sob análise, como fundamental para se alcançar o sucesso. Nesse sentido, o excerto retoma/reatualiza, em certa medida, o que Foucault (1976) mostra acerca dos fenômenos próprios à vida da espécie humana. De acordo com o autor, foi em função da necessidade de desenvolvimento do capitalismo que o investimento sobre o corpo vivo, sua valorização e a gestão distributiva de suas forças se tornaram indispensáveis (FOUCAULT, 1976). Com isso, as empresas /patrões/instituições estimulam o sujeito-profissional a buscar meios de se manter saudável e produtivo.Ainda em relação à análise do excerto (30), verificamos que o verbo plantar, em sua forma injuntiva (plante), incide diretamente sobre o coenunciador, interpelando-o a plantar/cultivar saúde. Nesse exemplo, o enunciador VOCÊ S/A fala do lugar do saber-poder da medicina, da nutrição e da agronomia, isto é, de alguém que conhece as técnicas de cultivo de plantas e conhece também suas propriedades medicinais. Continuando a análise do excerto (30), vemos duas orações que se articulam: “cultivar temperos em casa pode ser uma opção saudável” se encontra parafraseada na oração “plante saúde”, o que sugere, pelo efeito da memória sobre o acontecimento, que os alimentos cultivados em casa são mais saudáveis. Ainda em relação ao verbo “plantar”, esse é usado como argumento para sustentar o discurso segundo o qual a saúde se cultiva. Retomando Foucault (1976), verificamos que tal discurso está baseado naquilo que o referido autor chama de “cuidado de si”. Trata-se de um investimento sobre a vida do sujeito, o qual se materializa por meio do cuidado com a saúde. Conforme Foucault (1976), esse cuidado com a saúde ocorre porque é de interesse da biopolítica que os sujeitos e, por extensão a população, estejam bem.

No excerto (31), há duas orações que se articulam: “quem cuida bem do dinheiro” funciona como condição para “colocar em ordem a saúde, a vida familiar e ter mais disposição e foco para se concentrar na carreira e nos projetos pessoais”. Aqui, o enunciado “Quem cuida bem do dinheiro, coloca em ordem a saúde /.../” materializa discursos segundo os quais o dinheiro está na base de todo o resto, funcionando como alicerce para se conseguir uma “vida feliz”. Ainda segundo o referido enunciado, a saúde e a vida familiar necessitam estar “em ordem”, o que aponta para uma lógica de funcionamento da vida segundo a qual tudo na vida do sujeito precisa estar organizado e articulado, inclusive a saúde e a família. Dessa forma, “cuidar bem do dinheiro” é apresentado como condição essencial para se ter “uma vida feliz”, pois, ainda segundo o excerto (31), o equilíbrio financeiro funciona como alicerce para se colocar “em ordem a saúde, a vida familiar” e também para se ter “mais disposição e foco para se concentrar na carreira e nos projetos pessoais”. Em relação ao enunciador VOCÊ S/A, esse assume, mais uma vez, o lugar de quem sabe qual o alicerce para uma vida feliz e que, por isso, pode ensinar a seu coenunciador o que fazer para alcançá-la.

O excerto (32), também por meio de uma memória que incide sobre a atualidade, materializa o discurso de que o sujeito-profissional precisa ser saudável, pois, na lógica de funcionamento das tecnologias de poder analisadas por Foucault, o sujeito, para ser sempre produtivo, tem que, primeiramente, ser saudável. Nesse excerto, há duas orações que se articulam, pois “ser mais saudável” é uma forma de “investir em seu bem estar”. Em outras palavras, no enunciado sob análise, ter saúde está em relação direta com o bem estar. Ainda em relação ao excerto (32), na segunda oração, vemos o verbo “investir”, na forma injuntiva (invista), além do pronome “seu”, presente na expressão “seu bem estar”, o que remete diretamente à figura do coenunciador. Em vista disso, o enunciador VOCÊ S/A supõe uma relação de interlocução com o leitor subjetivado no lugar do sujeito-profissional que precisa investir em seu bem estar para poder se adequar ao mercado de trabalho. Essa interlocução, presente na segunda oração, está ausente da primeira, uma vez que o verbo “ser” aparece no infinitivo (Ser mais saudável), o que produz um efeito de generalização, aproximando-se, assim como no excerto (27), do que Maingueneau (2010; 2014) chama de *aforização*. Em relação ao enunciador VOCÊ S/A, ele vai, mais uma vez, instruir o sujeito-profissional, mostrando-o como investir no bem estar e como ser mais saudável. Nesse aspecto, o enunciador VOCÊ S/A, assim como ocorre nos excertos anteriormente analisados, assume o lugar discursivo de quem conhece a verdade sobre saúde e vida saudável. Vale salientar que “investir no bem estar”, segundo o enunciador VOCÊ S/A, é investir no sucesso, pois, nesse

caso, a expressão “bem estar” funciona como hiperônimo de “sucesso”, materializando, assim, discursos que relacionam o sucesso com a satisfação plena do corpo.

No excerto (33), vemos, mais uma vez, um efeito de sentido que relaciona bem-estar com produtividade. A primeira parte do enunciado “é preciso estar bem” aponta para uma necessidade, quase uma imposição, do sujeito-profissional de estar bem, e estar bem implica em investir no cuidado com a saúde. No enunciado, em questão, não é dito que para estar bem se deve cuidar da saúde, mas, por meio de uma memória discursiva, essa relação se (re)atualiza/(re)configura. Essa primeira parte do enunciado sob análise também funciona como uma condição em relação à segunda parte “para viver bem e trabalhar bem”. Neste caso, as duas orações se articulam, pois a segunda oração exerce um efeito de sustentação em relação à primeira. Além disso, a segunda parte do excerto “para viver bem e trabalhar de forma produtiva” faz funcionar um pré-construído segundo o qual existe uma forma de viver bem e de trabalhar produtivamente. Isso remete aos mecanismos reguladores da biopolítica, os quais buscam, como um de seus objetivos, ampliar a expectativa e melhorar a qualidade de vida do sujeito para que o mesmo seja sempre produtivo. Desse modo, a revista VOCÊ S/A mostra como o sujeito precisa se moldar às exigências do mercado, mesmo quando tais exigências dizem respeito à sua saúde e ao seu bem-estar, contribuindo para alcançar sucesso profissional.

Na materialidade linguística do excerto (34) vemos um pré-construído de que existe maus hábitos, fazendo funcionar o efeito de sentido segundo o qual “maus hábitos” impedem que o sujeito-profissional seja produtivo. Como esse sujeito-profissional precisa ser produtivo, a alternativa é acabar com tais hábitos, daí a necessidade de mecanismos reguladores para obter a sujeição do sujeito-profissional, como mostra a expressão “professores da escola de negócio suíça IMD mostram o que os gestores devem fazer para transformar o comportamento de seus subordinados”.O uso do termo “professor” confere ao excerto um argumento de autoridade, uma vez que ser professor implica em alguém que é conhecedor de certos assuntos e pode ensinar a outros o que sabe.A presença do verbo derrubar, em sua forma injuntiva “derrube”,convoca o coenunciador a derrubar/transformar os “maus hábitos” em “bons hábitos”.Assim, o enunciador VOCÊ S/A, ocupando o lugar de saber-poder de gestão empresarial apresenta solução para transformar os maus hábitos do sujeito-profissional (subordinados) em trabalhadores motivados e flexíveis.Essa postura de mostrar caminhos para uma mudança de hábitos revela o discurso autoritário da VOCÊ S/A.Nessa perspectiva, vemos,por meio de um efeito da memória sobre a atualidade, “maus

hábitos" funcionarna relação com "bons hábitos", essa última expressão referencial não aparece no excerto, masfunciona como paráfrase de "equipes motivadas e flexíveis".Tal expressão também remete, em certa medida, a ideia de bem-estar, de saúde.

No excerto (35), vemos materializado um efeito de sentido que relaciona cuidado do corpo com o da mente, mostrando que não adianta cuidar somente do corpo e esquecer-se da mente. A expressão "muito além da ginástica laboral"faz funcionar um pré-construído segundo o qual existeoutra atividade laboral de maior amplitude e que merece atenção.Háuma ginástica laboral, isto é, exercícios físicos destinados ao sujeito-profissional, mas esses exercícios não são mais importantes do que as atividades voltadas para o equilíbrio mental. A expressão "muito além" enfatiza essa ideia de que o equilíbrio da mente tem uma grande importância para o bem-estar físico. Logo, essa primeira parte do excerto retoma/reatualiza, por meio de uma memória discursiva,o discurso materializado no aforisma "mente sã, corpo são", do poeta romano Juvenal[24]. Para esse discurso, não há corpo saudável quando a mente não está equilibrada, devendo, portanto, haver uma conjugação entre essas dimensões da vida humana para que o sujeito-profissional mantenha-se produtivo. Na segunda parte do excerto, a materialidade linguística "com clínicas de diversas especialidades médicas, serviços telefônicos com orientação psicológica, jurídica e financeira e até sessões de terapias alternativas" materializa o discurso de que o equilíbrio mental é conquistado com a ajuda de profissionais capacitados. Além disso, cria-se um pré-construído segundo o qual é necessária a existência de toda uma gama de profissionais para cuidar da mente, o que, mais uma vez, ratifica a importância da mente e da saúde mental.Essa parte do excerto também mostra quais as áreas da vida do sujeito-profissional que podem ser mais afetadas pelos problemas, pelo estresse, etc., provocando uma certa desordem psicológica e, consequentemente, afetando a sua produtividade. A última oração do excerto, "as empresas têm elevado a produtividade e reduzido o absenteísmo", apresenta o pré-construído de que existeuma necessidade das empresas de apresentarem produtividade e absenteísmo. Isso revela, por um efeito de uma memória sobre a atualidade,o discurso segundo o qual as empresas, para terem um baixo nível de ausência dos trabalhadores e elevar a lucratividade,apostam no bem-estar físico e mental do sujeito-profissional. Além disso, as expressões "produtividade" e "absenteísmo" estão em relação oposta, isto é, o aumento da produtividade se dá, proporcionalmente,à diminuição do absenteísmo. Mais uma vez, encontramos aqui o funcionamento dos mecanismos reguladores

[24]DecimusJuniusJuvenalis foi um poeta romano que viveu no século I d.C. O ditado "mente sã, com são" deriva da Sátira X do poeta como resposta ao que as pessoas deveria desejar da vida. https://mokshapotencial.wordpress.com/tag/corpo/

da biopolítica, pois, a empresa, para obter o controle sobre os funcionários (sujeito-profissional) e controlar e modificar os acontecimentos fortuitos que podem ocorrer, usa técnicas diversas para conseguir a sujeição do sujeito-profissional. São tecnologias de poder para prolongar a vida do sujeito-profissional e, por conseguinte, manter a dinâmica do capitalismo.Partindo dasanálises de Foucault, vemos que ele está mostrando a conexão existente entre o *homo oeconomicus*do neoliberalismo, a teoria do capital humano e a genética, ou seja, existe uma necessidade de melhorar o capital humano para formar "essa espécie de competência-máquina que vão produzir renda" (FOUCAULT, 2008, p. 315) e, ainda conforme o autor, os investimentos educacionais são exemplos que entram na constituição de um capital humano.

Em relação à materialidade linguística do excerto (36), a expressão "além de poder participar de programas antitabagismo e de controle de peso" faz funcionar um pré-construido de que existeuma necessidade de combater o tabagismo e o sobrepeso, e que, para isso, as empresas desenvolvem programas antitabagismo e antiobesidade. Essa expressão também materializa certa memória referente às tecnologias de poder, cuja técnica é disciplinar o corpo segundo os reclamos da sociedade capitalista, pois, para o discurso materializado na revista VOCÊ S/A, tais programasdizem respeito ao cuidado com o corpo ecom a saúde para manter-se produtivo na empresa e no mercado de trabalho.Mais uma vez, aparece aqui a preocupação de se fazer investimentos no capital humano para que este continue a produzir renda.A última parte do excerto, "por trás desse investimento, está a crença de que trabalhadores saudáveis e motivados produzem mais", filia-se ao discurso sócio-político-econômico-cultural capitalista, para o qual o interesse é manter a produtividade da empresa. Contudo, como tal produtividade só é possível se houverum sujeito-profissional saudável e motivado, investe-se no suposto bem-estar do funcionário. Assim sendo, a expressão "por trás desse investimento"aciona um pré-construído segundo o qual existemintenções e benefício nosinvestimentos, fazendo emergir uma memória discursiva sobre aplicação de capital, pois, no mundo empresarial/corporativo, investir capital em algum projeto ou programa tem por objetivo o retorno compensatório.Tal retorno, que funciona na política neoliberal em relação ao *homo oeconomicus*, consiste em manter funcionando os mecanismos do sistema capitalista, tendo como desafio ampliar a produtividade do/no trabalho. Assim, o excerto materializa o efeito de sentido segundo o qual existe um retorno, um bônus, em virtude de uma outra ação.Ainda nessa última parte do excerto,vemos um pré-construído segundo o qual existem trabalhadores produtivos e motivados e esses produzem mais, materializando o discurso segundo o qual

saúde e motivação são elementos indispensáveis para que o sujeito-profissional seja produtivo.

As análises dos excertos acima mostram o funcionamento de uma biopolítica, centrada na vida, cuja principal preocupação é obter a sujeição dos corpos (sujeitos) aos reclamos da vida contemporânea.Maspara que essa sujeição não seja vista de forma imposta, os trabalhos de Foucaultacerca do nascimento da biopolíticamostram que os processos de governamentalização do indivíduoocorrem de modo sutil. Dessa forma, o sujeitoaceita submeter-se aos mecanismos decontrole e passa a governar sua condutaconforme os princípios do *homo oeconomicus* e da teoria do capital humano, ambos associados à genética. Nessa perspectiva, o sujeito-profissional torna-se presa voluntária, controlada pelo mercado de trabalho capitalista.

Nessesentido, a busca por mais saúde, por alimentos saudáveis, enfim, por bem-estar também está presente nos discursos materializados na/pela revista VOCÊ S/A, a qual assume o lugar de quem conhece o funcionamento da vida do sujeito-profissional. E, porque conhece tal funcionamento, pode orientar e conduzir esse sujeito-profissional a alcançar uma vida mais satisfatória e feliz. Vimos, assim, na materialidade linguística dos enunciados aqui analisados, a materialização de discursos segundo os quais há uma vinculação entre saúde (corpo) e sucesso. Segundo tais discursos, o sucesso também pode ser alcançado à medida que o sujeito-profissional busca uma melhor qualidade de vida. Vale salientar que a qualidade de vida, discursivizada na VOCÊ S/A, não se refere apenas ao cuidado com o corpo, mas também ao cuidado com a mente. Vemos, assim, surgir, na sociedade contemporânea uma, preocupação com a qualidade de vida sujeito-profissional.Por esse motivo, no subtópico seguinte, procedemos a análises de excertos que tratam da relação do sucesso com o cuidado da espiritualidade.

3.3.3 Biopolítica: o sucesso e sua relação com a espiritualidade

As formulações linguísticas deste tópico mostram os discursos materializados na revista VOCÊ S/A acerca da relação de sucesso com o cuidado da mente, ou seja, com o autoconhecimento e com a espiritualidade do sujeito-profissional, pois defendemos que a referida revista assume o papel de ajudar o sujeito-profissional a encontrar o caminho para uma vida equilibrada mental, espiritual e emocionalmente, além de saudável, como mostramos no tópico anterior. Os excertos selecionados apontam para uma preocupação,

existente no mundo do trabalho,que diz respeito à relação do trabalhador com o trabalho. Verificamos uma atenção maior voltada para o trabalhador, uma preocupação com o elemento humano.Preocupação essa que, em certa medida, não existia na época em que o modelo de produção taylorista/fordista surgiu[25].

Vejamos como os excertos selecionados produzem sentido, uma vez que para ADo sentido das palavras não está na língua ou no texto em si, mas no discurso.Sendo assim, na sua materialidade linguística, consideramos que *um enunciado não se assenta no absoluto; ele deve ser situado em relação a alguma coisa* (Maingueneau, 2005, p. 105). É a partir desse espaço de memória que procedemos à análisedos excertos selecionados:

(37) A felicidade hoje, para muitos, está ligada a conquistas. Principalmente no mundo corporativo, em que uma promoção, um novo cargo ou simplesmente o reconhecimento do chefe podem ser o ponto alto da carreira. Mas o que muitos se esquecem é que o sucesso não é resultado somente de habilidades técnicas, mas também da nossa capacidade de lidar com as pessoas. E aí reside a importância do autoconhecimento:ele é uma ferramenta essencial para nos relacionarmos bem com nós mesmos e, com isso, estarmos aptos a relacionar melhor com o outro. (*Você S/A,* janeiro de 2012, grifamos)

(38) Estar mais calmo – Fique zen:a motivação é um jeito de se conectar com o seu interior para entender suas reais motivações. (*Você S/A*, janeiro de 2012, grifamos).

(39) O autoconhecimento é uma alternativa para nos tornarmos indivíduos mais equilibrados e tranquilos, atentos, criativos e menos reativos às crises (Você S/A, janeiro de 2012, grifamos)

(40) Pessoas felizes são mais produtivas – O engenheiro Chade-MengTan, do Google, criou um programa de desenvolvimento profissional com base na meditação. A seguir, ele conta por que treinar a mente pode fazer você trabalhar menos e ser mais eficiente. (*Você S/A*, março de 2014, grifamos)

(41) A Meditação produtiva – Em busca de melhor desempenho profissional e de mais qualidade vida (dentro e fora da empresa), muita gente está se rendendo à meditação. Entenda por que a prática funciona. (*Você S/A*, agosto de 2014, grifamos).

(42) Peregrinos Corporativos – Neste ano, 3000 brasileiros deverão fazer o Caminho de Santiago de Compostela. Entenda por que o roteiro voltou à moda entre os executivos e o que eles estão buscando nessa jornada (*Você S/A*, julho de 2015, grifamos).

[25] A respeito do método taylorista e fordista, ver o capítulo 2.2.

Na materialidade linguística do excerto (37), vemos o pré-construído de que a felicidade é resultado de uma combinação de elementos, e, por meio de uma memória discursiva, vemos a materialização do discurso de que é possível ser feliz. Ainda no primeiro período, a expressão dêitica de tempo "hoje", que incide sobre a expressão "felicidade", mostra que, para o enunciador VOCÊ S/A, a felicidade atualmente está relacionada a conquistas. Na continuidade do excerto, a expressão "principalmente no mundo corporativo" mostra que existe uma felicidade que não está relacionada ao mundo corporativo, mas não é dessa felicidade que trata o enunciador. Ele trata da felicidade que está relacionada ao mundo corporativo. Isso mostra/reafirma que a revista VOCÊ S/A enuncia da posição de sujeito de quem detém um saber-poder sobre negócios e lideranças. As expressões referenciais indefinidas "uma promoção" "um novo cargo" e a expressão referencial definida "o reconhecimento do chefe" funcionam como paráfrases de conquistas, materializando um efeito de sentido de que tais conquistas são indícios de felicidade. Essas expressões também estão relacionadas com a expressão "habilidades técnicas", a qual, por um efeito da memória sobre a atualidade, funciona como hiperônimo[26] de "uma promoção", "um novo cargo" e "o reconhecimento do chefe". Isso porque, no mundo corporativo, ter habilidades técnicas é uma forma de alcançar o sucesso profissional e, consequentemente, a felicidade. Esse discurso, relacionado a conquistas e a felicidade, põe em funcionamento, por um efeito da memória sobre a atualidade, a relação parafrástica entre os termos "felicidade" e "sucesso". No terceiro período do enunciado, o enunciador afirma que "sucesso não é resultado somente de habilidades técnicas". Tal enunciado faz funcionar uma memória segundo a qual o sucesso pode estar associado a outros fatores. Em outras palavras, o enunciador nega haver apenas um modo de se conseguir sucesso, pois o sucesso é também fruto "de nossa capacidade de lidar com as pessoas". Nesse caso, o autoconhecimento é apresentado como uma forma de adquirir felicidade pessoal, pois nos ensina a "nos relacionarmos bem conosco mesmos", mas também sucesso no mundo corporativo, já que, no excerto, esse tipo de sucesso encontra-se associado à felicidade. Dessa forma, no último período do excerto, a oração "é uma ferramenta essencial para nos relacionarmos bem com nós mesmos" funciona como uma explicação do termo "autoconhecimento", exercendo, assim, nesse enunciado, um efeito de sustentação[27].

[26] Segundo Koch (2003), hiperônimo é um mecanismo de coesão textual em que o primeiro elemento mantém com o segundo uma relação todo-parte, classe-elemento. De acordo com a referida autora, consiste num mecanismo de coesão textual de natureza lexical (formas referenciais) que retoma referentes principais ou temáticos ao longo do texto (KOCH, 2003, p. 40).

[27] De acordo com Pêcheux (1975), efeito de sustentação se refere à articulação entre as proposições constituintes.

Aqui, o enunciador VOCÊ S/A, mais uma vez, mostra-se como alguém que sabe o que é necessário para que o sujeito-profissional alcance sucesso na vida. Nesse particular, a referida revista assume a crença segundo a qual se conhecer é o caminho para se relacionar melhor com o outro (não basta ter apenas habilidades técnicas). E, na lógica do mundo corporativo, relacionar-se melhor com o outro é estar apto a liderar pessoas ou a trabalhar em equipe. Em outras palavras, o enunciador VOCÊ S/A põe em funcionamento dois discursos sobre a felicidade: um discurso relacionado a conquistas, resultado de habilidades técnicas; e um outro discurso relacionado a capacidade do sujeito-profissional de lidar consigo mesmo e com as pessoas com quem convive.

No excerto (38), vemos materializado um discurso segundo o qual o sujeito-profissional precisa estar mais calmo para lidar com as pressões do mundo corporativo. Tal discurso coaduna com o que observa Foucault em relação ao funcionamento do biopoder, pois mostra que o sujeito-profissional, além de ser saudável fisicamente, também tem que ser calmo, não se abalar por qualquer coisa e estar ciente de suas reais motivações.Convém ressaltar que esse discurso reconfigura aquilo que Foucault chamou de investimento no capital humano, na competência-máquina capaz de produzir rendimentos. Nesse enunciado, há duas orações que se articulam "estar mais calmo" é uma forma de "ficar zen[28]". Neste caso, o enunciador VOCÊ S/A estabelece uma associação direta entre calmo e zen, ou seja, o sujeito-profissional precisa ter uma atitude, um princípio de vida, que o conecte a um estado interior/espiritual mais calmo e equilibrado. Na oração "estar mais calmo", o verbo "estar" no infinitivo mostra que a posição de sujeito é preenchida pelo próprio leitor/coenunciador, assim como ocorre nos excertos (27) e (32).

Desta forma, os enunciado (27), (32) e (38) os quais apresentam verbos no infinitivo podem ser interpretados como se estivessem na forma injuntiva, o que remete a uma interpretação imperativa, isto é, o enunciador interpela o coenunciador/leitor a agir conforme o que é instruído pelo verbo. Aqui, o "estar mais calmo" equivale a "esteja mais calmo". Na segunda oração, "fique zen", vemos que o verbo "ficar" está na forma injuntiva/imperativa (fique), incidindo diretamente sobre a imagem do coenunciador. Salientamos que, como

---

O autor ainda afirma que devido ao efeito de sustentação, "uma proposição explicativa (que pode ser parafraseada por uma subordinada introduzida por "porque") intervém como suporte do pensamento contido em uma outra proposição, e isso por meio de uma relação de *implicação* entre duas propriedades, x é β, relação que enunciamos sob a forma 'o que é x é β'" (PÊCHEUX, 2009, p.101).

[28] Segundo a cultura budista, "o zen é, em princípio, uma linhagem do budismo, e a palavra em si tem origem no sânscrito Dhyana, que significa meditar sobre o verdadeiro aspecto das coisas e discerni-la, mantendo, para isso, a máxima tranquilidade de espírito". (Disponível em http://www.nippobrasil.com.br/2.budismo/289.shtml).

“Fique zen” funciona como paráfrase de “Estar mais calmo”, a instrução/o conselho dado(a) ao sujeito profissional já se encontra presente na primeira parte do enunciado, fazendo com que o “Fique zen” funcione como uma ênfase ao que foi dito. Em relação à terceira parte do excerto, “a motivação é um jeito de se conectar com o seu interior para entender suas reais motivações”, vemos dois pré-construídos: o primeiro é o de que existe algo que se pode chamar de “motivação”; e o segundo está relacionado à existência do interior, do íntimo do ser. Para o enunciador VOCÊ S/A, “ficar zen” e “entender suas reais motivações” estão em relação de causa e consequência. Nesse caso, “estar mais calmo”/“ficar zen” é condição necessária para entender suas “reais motivações”. Notamos que o termo “motivação” aparece duas vezes no excerto sob análise: i) uma como “a motivação”, logo após as expressões iniciais “Estar mais calmo – Fique zen”; e ii) outra como “suas reais motivações”, no final do excerto. Isso mostra que há o estabelecimento de uma circularidade, a qual só pode ser desfeita se atribuirmos efeitos de sentido distintos a cada uma das ocorrências da palavra motivação. No primeiro caso, trata-se de uma motivação que funciona como paráfrase de “Estar mais calmo” e de “Ficar zen”, ou seja, trata-se da motivação inicial, que é necessária para que o coenunciador VOCÊ S/A seja capaz de entender “suas reais motivações”. A presença dos pronomes “seu” e “suas” incide diretamente sobre a imagem do coenunciador, o qual é apresentado como alguém que precisa ficar “zen” para poder “entender suas reais motivações”. Diante disso, o enunciador VOCÊ S/A “convoca” seu coenunciador (sujeito-profissional) a meditar, ficar zen, para poder se conectar com seu interior. A materialidade linguística do enunciado retoma/reatualiza a ideia de que o sujeito-profissional precisa estabelecer uma conexão entre sua motivação e seu interior (o que sugere que há uma desconexão entre essas partes), pois tal conexão é a condição para entender as reais motivações que fazem o sujeito se mover em busca do sucesso.

No excerto (39), há a materialização de um discurso segundo o qual o autoconhecimento mantém o sujeito mais equilibrado e tranquilo e, consequentemente, menos reativo às crises. Portanto, esse enunciado faz funcionar dois pré-construídos: o primeiro se refere à existência do autoconhecimento, que é trazido aqui como uma alternativa, dentre outras, para encontrar o equilíbrio emocional; e o segundo pré-construído é o de que existem crises, e estas são responsáveis pelos desequilíbrios e intranquilidades do sujeito-profissional. A forma genérica e pregnant e como o enunciado sob análise aparece, sem que haja marcas dêiticas ou elementos que estabeleçam uma interlocução, aproxima-o do que Maingueneau (2010; 2014) chama de aforização (Cf. nota 23). Nesse sentido, o referido enunciado é

apresentado pelo enunciador VOCÊ S/A como uma verdade universal e, portanto, inquestionável. Assim apesar de não trazer nenhum verbo na forma injuntiva, o enunciado “O autoconhecimento é uma alternativa para nos tornarmos indivíduos mais equilibrados e tranquilos, atentos, criativos e menos reativos às crises” funciona como uma espécie de convite, feito pelo enunciador VOCÊ S/A, para que seu coenunciador busque o autoconhecimento. Diante disso, o enunciador VOCÊ S/Aassume o lugar de quem conduzirá o sujeito-profissional ao caminho desse autoconhecimento. O pronome “nos” cria, apesar do tom genérico do enunciado, um efeito de aproximação entre enunciador e coenunciador, pois, por meio de referido pronome, o enunciador se inclui entre os sujeitos que precisam ser mais equilibrados e tranquilos, suavizando, assim, o efeito de distanciamento criado na/pela aforização. Esse excerto mostra que, para o enunciador VOCÊ S/A, o autoconhecimento funciona como uma espécie de filosofia de vida, de iluminação interior, a qual permite ao sujeito profissional alcançar o sucesso. Vemos, mais uma vez, o biopoder funcionando, pois o sujeito-profissional é chamado a se submeter às normas impostas pela sociedade capitalista para garantir um lugar no mercado de trabalho. De acordo com o(s) discurso(s) materializado(s) na/pela VOCÊ S/A, sujeitos desequilibrados, nervosos e impulsivos não têm destaque no mercado de trabalho, principalmente no que se refere ao mundo corporativo. Isso ocorre porque, ainda segundo a revista, o desequilíbrio emocional impede os sujeitos de serem criativos, competentes, produtivos e, consequentemente, bem-sucedidos em suas carreiras.

O excerto (40) apresenta, na primeira parte, “pessoas felizes são mais produtivas”, o pré-construído de que a infelicidade não é produtiva e que pessoas felizes têm mais condições de produzir rendimentos, e esse pré-construído, que é um indício do funcionamento de uma memória, remete ao efeito de sentido segundo o qual produtividade está relacionada diretamente à felicidade, e essa felicidade é fruto dos investimentos que o sujeito faz tendo como objetivo a melhoria do capital humano. A materialidade linguística da expressão “criou um programa de desenvolvimento profissional com base na meditação” relaciona-se, em certa medida, ao discurso segundo o qual o sujeito-profissional, para ser produtivo e feliz, precisa programar a mente/pensamento. Além disso, o excerto mostra que se esse sujeito-profissional não souber como fazer isso, existem pessoas e programas que poderão ajudá-lo. Na última parte do excerto, a expressão “treinar a mente” materializa o efeito de sentido segundo o qual é no treinamento da mente que se pode trabalhar menos e ser mais produtivo e eficiente.

Na materialidade linguística do excerto (41), a expressão referencial definida “a meditação produtiva” faz funcionar o pré-construído segundo o qual existe uma necessidade

de meditar para se tornar produtivo. A meditação é apresenta como argumento para gerar produtividade, daí existir um tipo de meditação que é produtiva e, por extensão, uma que não seria. O efeito disso é mostrar que o sujeito-profissional precisa meditar para poder ser produtivo no trabalho.A expressão “a meditação produtiva” é apresentada como condição para alcançar o sucesso na vida pessoal e profissional do sujeito-trabalhador. Nessa perspectiva, por um efeito da memória sobre a atualidade, a revista VOCÊ S/A materializa discurso(s) segundo o(s) qual(quais) desenvolver a espiritualidade do sujeito-profissional é também uma forma de capacitá-lo para o exercício da carreira profissional. Nesse caso, a meditação apresentada na/pela revista VOCÊ S/A se refere àquela que é capaz de proporcionar um melhor desempenho profissional e uma melhor qualidade de vida, como mostra a segunda parte do excerto “em busca de melhor desempenho profissional e mais qualidade de vida (fora e dentro da empresa)”. Essa segunda parte do excerto faz funcionar dois pré-construídos: um relacionado à existência de um melhor desempenho profissional e o outro relacionado à existência de mais qualidade de vida. Há, portanto, na discursivização da referida revista, o discurso de que o sujeito-profissional deve buscar sempre se capacitar para obter um melhor desempenho em sua atividade profissional, o que precisa estar atrelado à busca de uma vida mais saudável. Isso mostra que, conforme defende Foucault quando trata do biopoder, há um controle que incide sobre todas as instâncias da vida do sujeito a fim de que esse sujeito possa se articular a um corpo maior, que é o corpo da população. Trata-se, portanto, de uma ortopedia social em que vida pessoal e profissional funcionam de forma interligada, o que faz com que haja um suposto vínculo entre bem-estar físico, mental, espiritual, e também profissional. Na frase “entenda por que a prática funciona”, o enunciador VOCÊ S/A ocupa, mais uma vez, a posição de quem conhece a verdade sobre meditação e, por isso, está legitimado a instruir o sujeito-profissional na prática do meditar. Novamente, a revista assume a responsabilidade de instruir e ensinar o sujeito a buscar um estado elevado de iluminação pessoal. No acontecimento discursivo do excerto em questão, vimos que a obtenção do controle sobre a vida do sujeito-profissional não ocorre apenas por meio do controle do corpo, mas também do controle da mente e do espírito do referido sujeito.

Em relação à materialidade linguística do excerto (42), a expressão “peregrinos corporativos” faz funcionar um pré-construído segundo o qual existe essa classe de peregrinos. A palavra “peregrinos” remete a uma memória que se liga a expressões como “viajantes” e “missionários”. Todas essas expressões funcionam na relação com o religioso, pois remetem à imagem de pessoas que viajam para lugares sagrados, buscando, entre outras

coisas, iluminação interior. Nesse sentido, o termo “peregrinos” é trazido de outro lugar para sustentar a argumentação desenvolvida no enunciado. A expressão especificadora “corporativos”, que incide sobre a palavra “peregrinos”, mostra que, para o enunciador VOCÊ S/A, existem peregrinos que não são corporativos. De acordo com o que é apresentado, o peregrino corporativo não é qualquer peregrino, mas aquele sujeito-profissional/executivo que, na jornada, deseja encontrar algo que contribua para sua vida profissional. A expressão nominal “Caminho de Santiago de Compostela[29]” funciona, de acordo com Maingueneau (2004), como uma *designação direta*, pois é um nome próprio[30] que aponta diretamentepara seu referente (MAINGUENEAU, 2004, p. 183). Isso indica que para o enunciador em questão o referente designado pelo nome próprio é conhecido pelo coenunciador, o qual está familiarizado com o referido nome. Esse caráter de proximidade entre o nome “Caminho de Santiago de Compostela” e o meio corporativo é reforçado na/pela argumentação do excerto, o qual mostra que a peregrinação pelo caminho de Santiago de Compostela é algo comum ao meio corporativo. Diante disso, por um efeito da memória sobre a atualidade, vemos, mais uma vez, a materialização de um discurso segundo o qual o sujeito-profissional/executivo precisa cuidar da sua espiritualidade, pois tal cuidado é requisito fundamental para que o referido sujeito alcance sucesso na carreira profissional. Vemos que o cuidado com a espiritualidade está relacionado ao ato da busca, isto é, à peregrinação. Essa interpretação é reforçada pela frase “entenda o que eles estão buscando nessa jornada”, pois ela faz emergir um pré-construído segundo o qual existe algo a se buscar. Nesse sentido, o efeito de pré-construído indica o funcionamento de uma memória discursiva, e essa memória aponta para o discurso segundo o qual o sujeito-profissional, para obter uma vida profissional equilibrada, precisa ir em busca de uma espiritualidade, como mostra a referência ao Caminho de Santiago de Compostela.

Mais uma vez, os excertos acima analisados mostram o funcionamento do biopoder na sociedade contemporânea. A preocupação em proporcionar bem-estar emocional e espiritual ao sujeito-profissional visa transformá-lo e aperfeiçoá-lo para que se mantenha útil e produtivo. Nesse contexto, a vida emocional e espiritual, conforme discursivizada na revista

[29] Santiago de Compostela é uma pequena cidade situada na região da Galícia, Espanha. Segundo a tradição, ali repousa os restos mortais de Tiago Maior, um dos doze apóstolos de Jesus, respeitosamente guardados numa arca de prata no porão da catedral dedicada ao santo. (Disponível em http://www.santiago.org.br/caminho-de-santiago-o-que-e.asp).

[30] De acordo com Maingueneau, para que haja nome próprio, é necessário que, em dado momento, esse nome tenha sido atribuído pelas pessoas a um determinado referente, que tenha ocorrido o que certos filósofos chamam de “ato de batismo” (MAINGUENEAU, 2004, p. 183).

VOCÊ S/A, é tema de interesse do biopoder, pois é mais uma maneira de obter a sujeição do sujeito-profissional aos apelos da vida. Aqui, a referida revista assume a posição de sujeito de saber, o qual é capaz de mostrar os caminhos para encontrar equilíbrio mental, emocional e espiritual. Em síntese, vimos, no acontecimento discursivo desse bloco de excertos (excertos 34 a 38), a materialização de discurso(s) segundo o(s) qual(quais) existe uma vinculação entre saúde mental, sucesso e felicidade.

4 CONCLUSÃO

Neste trabalho, analisamos os discursos que emergem da materialidade linguística da revista VOCÊ S/A, como também a posição de sujeito que ela ocupa, tomando como *corpus* excertos de matérias/seções variadas da referida revista. Buscamos respaldo teórico-metodológico na Análise de Discurso de linha Francesa, tendo em vista o conceito de discurso como efeito de sentido entre os interlocutores (PÊCHEUX, 1969). Essa concepção de discurso, na explicação deOrlandi (1999), refere-se à ideia de que os sentidos resultam de relações, pois um discurso sempre aponta para outros que os sustentam e também que o discurso é produzido em determinadas condições de produção, e, assim, quando as condições de produção mudam, mudam-se também os efeitos de sentido. Nesse sentido, verificamos que os discursos materializados na revista VOCÊ S/A são discursos que reconfiguram/retomam dizeres acerca da vida pessoal e profissional do sujeito, mostrando como este pode alcançar o sucesso e a felicidade numa sociedade capitalista.

Elaborar este trabalho permitiu observar que a revista VOCÊ S/A não rompe com padrões e normas estabelecidos pelo mercado de trabalho tão competitivo, pelo contrário, ela se coloca como um veículo que pode levar ao leitor (público-alvo), sujeito que se subjetiva no lugar de leitor da referida revista, elementos e informações que o ajudarão a se colocar/recolocar no mercado de trabalho. Daí, a revista enunciar da posição de sujeito de quem detém o saber-poder sobre carreira, liderança, qualificação e vida pessoal, para orientar e ensinar seus leitores a como alcançar o sucesso e a felicidade. Nesse sentido, a referida revista está a serviço do mercado de trabalho, pois se apresenta como um *mídium* que trabalha para a formação de profissionais (empreendedores, líderes, executivos).

No primeiro capítulo, recorremos aos estudos teóricos de Pêcheux (1975, 1983, 1983), Fonseca-Silva (2007),Maingueneau (2005) e Orlandi (1999) para analisar os efeitos discursivos dos enunciados selecionados. Mostramos, por meio da relação entre memória e atualidade, como certos discursos são (re)atualizados na sociedade contemporânea. Vimos, ainda, por meio dos textos de Arendt (1958), Alves (2005), Alban (1990), Pinto (2013), Smith (1776), Taylor (1990) como o trabalho (labor) foi sendo, ao longo da história, valorizado, em detrimento de outras atividades humanas; e como a esfera privada foi se diluindo na esfera pública.

As análises mostraram que os enunciados retomam uma memória discursiva acerca da vida pessoal e profissional do sujeito e da exigência de busca por qualificação no mercado de

trabalho. Os resultados das análises apresentadas neste segundo capítulo indicam que a revista VOCÊ S/A materializa discursos vinculados ao espírito capitalista da sociedade contemporânea. Dessa forma, encontramos, nos enunciados, efeitos de sentidos que indicam ao coenunciador, sujeito que está no lugar de leitor VOCÊ S/A, modos de se comportar para ter uma vida satisfatória, e formas de ser e de agir para se tornar um profissional altamente produtivo e, consequentemente, realizado e bem-sucedido. Verificamos também que o enunciador da referida revista apresenta-se como um sábio, um conselheiro, o qual enuncia do lugar de quem detém certo saber acerca do empreendedorismo, da liderança, das formas de gerir as finanças e também acerca da relação desses temas com a vida pessoal do seu coenunciador. Nessa perspectiva, a referida revista apresenta um discurso que nega a contradição e a polifonia, mesmo que não consiga evitá-las, já que as mesmas são constitutivas de todo e qualquer discurso, funcionando assim como um discurso autoritário.

No segundo capítulo, mostramos como, na revista VOCÊ S/A, encontram-se materializados discursos que remetem a certas relações de saber/poder que controlam e regulam a vida do sujeito-profissional. As análises indicaram que tais relações encontram-se materializadas na revista por meio de três eixos, os quais relacionam o sucesso profissional à imagem; à saúde; e à espiritualidade, respectivamente. No que diz respeito à relação entre sucesso e imagem, os dados mostraram que, na discursividade da revista, a boa aparência é recompensada e a má aparência é penalizada, o que indica a ação da tecnologia do poder disciplinar. Em relação ao biopoder, verificamos que, nos discursos materializados na/pela revista, a beleza e a boa aparência são atributos positivos e devem ser exaltados por aqueles que querem se tornar profissionais bem-sucedidos. No que tange à relação entre sucesso e saúde, constatamos que, na lógica do biopoder, o cuidado com a vida é de interesse do Estado, pois, por meio desse cuidado, é possível manter o corpo do sujeito e o corpo da população sempre ativos e produtivos. Nesse sentido, vimos o funcionamento de uma biopolítica centrada na vida, cuja principal preocupação é reger a conduta do sujeito segundo os princípios do *homo oeconomicus* e da teoria do capital humano associada à genética. A partir dessa fusão, observa-se que o sujeito se torna a presa espontânea de processos de individuação controlados pela economia neoliberal do mercado de trabalho. O controle sob o sujeito busca, portanto, obter a sujeição dos corpos (sujeitos) às demandas da vida contemporânea. Finalmente, em relação ao vínculo entre sucesso e espiritualidade, demonstramos, também por meio dos dados, que a VOCÊ S/A assume a função de ajudar o sujeito-profissional a encontrar o caminho para uma vida equilibrada, tanto do ponto de vista da mente, quanto no

que se refere ao espírito, pois, nesse caso, a saúde exterior é estendida a uma saúde interior. Nessa perspectiva, tanto a vida emocional quanto a espiritual tornam-se tema de interesse do biopoder, pois funcionam como formas de se obter a sujeição do sujeito-profissional aos apelos da vida.

A partir dessas observações sobre a revista VOCÊ S/A e considerando a noção de *ethos*proposta por Maingueneau (2005, p. 97-98), segundo a qual o *ethos* revela, "por meio da enunciação, a personalidade do enunciador"[31], verificamos que o discurso materializado em VOCÊ S/A permite-nos indentificar o *ethos* do coenunciador da referida revista. Trata-se de um sujeito conhecedor de vários assuntos, proativo, motivado, determinado, espiritualizado e sempre focado nos objetivos que vão conduzi-lo ao sucesso e à felicidade. Em relação ao *tom*, o qual se apóia, ainda segundo Maingueneau (2005), sobre uma dupla figura do enunciador, a de um *caráter* (conjunto de traços psicológicos) e a de uma *corporalidade*(maneira de vestir, movimentar-se e agir dentro do espaço social), verificamos que o caráter desse coenunciador VOCÊ S/A é de alguém determinado e decidido e que a corporalidade é a de um ser altivo, seguro de si, forte, que se veste de forma elegante e que tem um tom de voz forte e seguro. Trata-se do estereótipo (da imagem cristalizada) do homem (ou da mulher) de negócios. Em síntese, ao longo do desenvolvimento dos capítulos desta dissertação, pudemos verificar que os discursos materializados na VOCÊ S/A estão relacionados a uma forma de "ser" que diz respeito tanto ao sujeito-empresário quanto ao sujeito-profissional.

Por fim, podemos afirmar que, na discursivização da revista VOCÊ S/A, encontram-se discursos que relacionam a ideia de sucesso e felicidade na sociedade capitalista, a qual parece ser diferente da ideia de felicidade da Grécia Antiga,principalmente da ideia promulgada por Aristóteles, o qual tinha como conceito de felicidade um estado mental de tranquilidade em relação à vida, para ele a mais profunda e sólida felicidade humana radica na sabedoria tomada como norma da vida.

[31] Na Análise do discurso, Maingueneaureinterpreta a noção de ethos, acrescentando a ela um caráter discursivo. O ethos passa a ser relacionado à noção de *prática discursiva*. Nesse caso, não é um locutor ou um autor empírico que decide desempenhar um papel de sua escolha *em função dos efeitos que pretende produzir sobre seu auditório*. É o *posicionamento* no qual o enunciador está inserido que o faz assumir um determinado *modo de enunciação*.

REFERÊNCIAS

ALBAN, M. **Crescimento sem emprego** – o desenvolvimento capitalista e sua crise contemporânea à luz das revoluções industriais. Salvador: Casa da Qualidade Editora, 1999.

ALVES, A. E. S. **Qualificação e trabalho bancário no contexto da reestruturação produtiva**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2005.

ARENDT. H. **A condição humana.** Tradução: Roberto Raposo, revisão: Adriano Correia. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014 [1958].

CONTE, M-E. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE (et. al.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 177-190. Coleção Clássicos da Linguística.

FRANCIS, G. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE (et. al.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 191-228. Coleção Clássicos da Linguística.

FONSECA-SILVA, M. C. Mídias e Lugares de Memória Discursiva. In: FONSECA-SILVA, M. C.; POSSENTI, S. (Org.). **Mídias e Redes de Memória**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007. p. 11-37.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir** – nascimento da prisão. Tradução: Raquel Ramalhete. 42. Ed. Petrópolis: Vozes, 2014 [1975].

_____.**Em defesa da sociedade** – Curso no Collège de France (1975-1076). Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005 [1997].

_____. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução de Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 17. Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988 [1976].

_____.**Nascimento da Biopolítica**. Curso dado no Collège de France (1977-1978). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

KOCH, Ingdore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 7. Ed. São Paulo: Contexto, 2003.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. Tradução: Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 4ª. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. Aforização – enunciados sem texto? Tradução de Ana Raquel Motta. In:_____. SOUZA-E-SILVA, M. C. P. de.; POSSENTI, S. (Org.). **Doze conceitos em Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 9-24.

_____. A enunciação aforizante. Tradução de Sírio Possenti. In: _____. **Frases sem texto**. Tradução: Sírio Possenti (et. al.). São Paulo: Parábola Editorial, 2014, p. 23-32.

ORLANDI, E. P.**Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. 11 ed. Campinas/SP:

Pontes Editores, 2013 [1999].

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD69). In: GADET, F. HAK, T. (Org.) **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução: Bethania S. Mariani et al. 3. Ed – Campinas, SP. Editora da Unicamp, 1997 [1969].

_____. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni P. Orlandi (et. al.). 3ª. ed. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1997 [1975].

_____. Efeitos discursivos ligados ao funcionamento das relativas em francês. In: **Análise de discurso**. Textos selecionados. Tradução: Eni Orlandi. 3ª. ed. Campinas/SP – Pontes Editores, 2012, p. 131- 140.

_____.**O discurso**: estrutura ou acontecimento? Tradução: Eni P. Orlandi. 6ª ed. Campinas/SP – Pontes Editores, 2012 [1983a].

_____. Papel da memória. Tradução: José Horta Nunes. In: **Papel da memória**. Campinas/SP – Pontes Editores, 2010 [1983b], p. 49-57.

PINTO, G. A. **A organização do trabalho no século** XX: taylorismo, fordismo e toyotismo.3.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

POSSENTI, S. **Os limites do discurso**: ensaios sobre discurso e sujeito. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p. 23-31.

ROHDEN, Huberto. **O pensamento filosófico da Antiguidade**. São Paulo: Martin Claret, 2008.

SANTOS, Sheila. **Sociedade do conhecimento**. Disponível em:< http://www.administedores.com.br/artigos/economia-e-finanças> Acesso em: 08 de janeiro de 2016.

SMITH, A. **A Riqueza das Nações**. Volume I. Coleção Os Economistas. Nova Cultura, 1988 [1776], p. 17 – 50.

TAYLOR, F. W. **Princípios de administração científica**. Tradução de Arlindo Vieira Ramos. Ed.8. São Paulo: Atlas, 1990.